

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO

Ana Paula Marques Barbosa

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, IDENTIDADE E ESTILO NA LOCUÇÃO DE RÁDIO:  
ESTUDO DE CASO DE UMA COMUNICADORA DO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do título de Mestre em Letras pelo  
Programa de Pós-graduação em Letras do  
Instituto de Letras da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Elisa Battisti

Porto Alegre

2022

Ana Paula Marques Barbosa

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, IDENTIDADE E ESTILO NA LOCUÇÃO DE RÁDIO:  
ESTUDO DE CASO DE UMA COMUNICADORA DO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do título de Mestre em Letras pelo  
Programa de Pós-graduação em Letras do  
Instituto de Letras da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Elisa Battisti

Porto Alegre

2022

#### CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Ana Paula Marques  
VARIACÃO LINGUÍSTICA, IDENTIDADE E ESTILO NA  
LOCUÇÃO DE RÁDIO: ESTUDO DE CASO DE UMA COMUNICADORA  
DO SUL DO BRASIL / Ana Paula Marques Barbosa. -- 2022.  
140 f.  
Orientador: Elisa Battisti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Estilo. 2. Variação linguística. 3. Rádio. I.  
Battisti, Elisa, orient. II. Título.

Ana Paula Marques Barbosa

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, IDENTIDADE E ESTILO NA LOCUÇÃO DE RÁDIO:  
ESTUDO DE CASO DE UMA COMUNICADORA DO SUL DO BRASIL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociolinguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Battisti

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2022.

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Athany Gutierres  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Camila Lara  
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

---

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

Denise Cruz, objeto desta pesquisa, pela excelente comunicadora que é e por sua representatividade admirada e respeitada no meio da comunicação social, motivando esta pesquisa sobre sua identidade e estilo.

Minha família: minhas filhas, Laura e Bruna, pelo apoio, pelas comemorações e pela paciência durante o percurso. As melhores filhas do mundo! Meu marido, Pablo, pelo suporte e incentivo sem o qual eu não teria conseguido cumprir as exigências do PPG. Minha mãe, Solange, por toda uma vida de exemplo, esforços e acolhimento e pelo pa(i)drasto Paulo que me deu. Minha vó Maria de Lourdes (manhê Tadinha) pelo cuidado e torcida de sempre. Meu irmão, Daniel, pela parceria no momento mais difícil dessa jornada. Amo vocês! Sem vocês, nem valeria tanto esta conquista.

Minha amiga e colega Liz de Bortoli pelo “mana, abriu a inscrição, bora?” e por me apresentar Labov, me ajudando a fundamentar meu projeto de ingresso. Querida pessoa, que admiro muito e que, em breve, será mais uma mulher brasileira com mestrado. Torço muito por ti, “guria”! Vais (muito mais) longe!

Meus amigos diretores da e-tec Landell de Moura, Gislaine e Marcelo pelo “precisamos de professores com mestrado, topa?” e por todo acolhimento e confiança de sempre, desde as formações que me proporcionaram, às oportunidades que sempre me incluem quando possível. Obrigada por me levarem ao mundo do rádio que tanto amo!

Minha orientadora Elisa Battisti, por aceitar o desafio de me orientar mesmo sendo de outra área e me permitir ingressar no mestrado. Pelo artigo que aceitou escrever comigo, pela tranquilidade e segurança que me transmitiu em todo o percurso. Pelos ensinamentos, pelas críticas empáticas, pelas (inúmeras) correções e ajustes, mas, principalmente, por acreditar que meu material poderia ser importante para a sociolinguística e que eu poderia dar conta. Ah, se todos os orientadores fossem assim!

Aos professores que tive o imenso prazer em participar das aulas, por todo compartilhamento de materiais e conhecimento, pelo acolhimento e incentivo e pela paixão pela sociolinguística que ajudaram a despertar cada vez mais em mim. Vocês me fizeram enxergar o mundo, as línguas (e linguagens), as relações sociais e culturais e, até mesmo, minha formação, fonoaudiologia, com outros olhos. Obrigada!

Ao PPG Letras da UFRGS pela riquíssima oportunidade, por todo aprendizado, pelas lutas em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade reconhecida mundialmente em um momento de (des)governo tão crítico para nosso país. Sou especialista formada pela UFRGS, agora mestra também, meu agradecimento, respeito e carinho eternos a essa instituição tão valorosa. Uma honra imensa ser tua “filha”. Obrigada, mais uma vez, UFRGS!

## RESUMO

O rádio, importante fonte de informação pública de grande abrangência em território brasileiro, transmitido via AM, FM e *webrádios*, orienta suas comunicações orais pelo português padrão, falado e escrito, em diferentes gêneros e estilos de locução mais ou menos espontâneos (SENA, 2014; MEDITSCH, 1997; ONG, 1982). Essa orientação, no entanto, não previne a presença de traços peculiares aos falares locais, especialmente os fonológicos, referentes aos sotaques das comunidades de fala a que pertencem os locutores. O presente estudo analisa transmissões públicas de uma locutora de rádio de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (RS) a fim de verificar as marcas linguístico-identitárias no português por ela produzido em diferentes situações de comunicação, em transmissões por FM e *Web*. Busca-se identificar as variáveis por ela empregadas para construir estilos de *persona* (COUPLAND, 2007), com base em formas de falar documentadas no estado (ALERS, ALiB, VARSUL, LínguaPOA). O Rio Grande do Sul conta com línguas de imigração (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011) e variedades de português brasileiro cujos traços já foram, em alguma medida, identificados (BISOL; BATTISTI, 2014). Contudo, sequer as agências regulatórias do rádio têm informação sobre os falares praticados nas emissoras gaúchas, menos ainda a respeito de iniciativas que promovam e deem visibilidade à diversidade linguística do estado. A fonoaudiologia tem por demanda ajustar sotaques, mas existem poucos estudos que definem qual é o sotaque adequado às mídias e como atingi-lo. (DACOREGIO, 2021) Os estudos sociolinguísticos brasileiros, por seu turno, carecem de informações linguísticas de estilos de fala midiáticos, principalmente no que concerne à atuação feminina no rádio. O objetivo do trabalho é identificar os empregos linguísticos e estilos de *persona* da locutora, visando a: 1) verificar se há variação linguística na locução de rádio ou apenas “fala padrão”, como são orientados os locutores em sua formação; 2) observada variação linguística na comunicação de rádio, identificar as variáveis linguísticas mobilizadas pela locutora em tipos distintos de locução, em que emergem suas diferentes *personae*. Foram analisados dados de fala pública da locutora Denise Cruz (DC) nas rádios União 105.3FM, 102.3FM e Rádio Gaúcha, as duas últimas do Grupo RBS, em transmissões no rádio e nas redes oficiais da *internet* entre os anos de 2015 e 2022. Os dados gerados foram transcritos conforme Ostermann (2012) e analisados qualitativamente. Foram identificadas variações linguísticas características da região central de Porto Alegre na fala da comunicadora. A locutora apresentou alternância de /R/ em coda silábica em verbos no infinitivo, emprego variável de “tu” e “você”, alternância de palatalização de /T, D/, aplicação frequente do marcador discursivo *né, inglidng* e as variáveis paralinguísticas *vocal fry*, alternância de *pitch* e de entonação. As variáveis linguísticas e paralinguísticas identificadas nas falas mais e menos monitoradas de DC permitiram concluir que seus estilos de *persona* no rádio apresentam maior alinhamento com a norma-padrão e formas tradicionais de comunicar em mídias. Seu tom mais sóbrio, apesar de simpático no rádio, difere tanto de sua fala espontânea quanto de radialistas mais inovadores.

**Palavras-chave:** Estilo; Variação linguística; Rádio.

## ABSTRACT

Radio is an important source of public information with wide coverage in Brazilian territory, transmitted by AM, FM and webradios, guides its oral communications by standard Portuguese, spoken and written, in different genres and more or less spontaneous locution styles (SENA, 2014, MEDITSCH, 1997, ONG, 1982). This orientation, however, does not prevent the presence of peculiar traits to local speeches, especially phonological ones, referring to the accents of the speech communities to which the speakers belong. The present study analyzes public broadcasts of a radio host from Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS) capital, in order to verify the linguistic-identity marks in Portuguese produced by her in different locution activities, in FM and Web transmissions. We seek to identify their (mis)alignment with the ways of speaking documented in the state (ALERS, ALiB, VARSUL, LínguaPOA) in the persona styles construction (COUPLAND, 2007). Rio Grande do Sul has immigration languages (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011) and varieties of Brazilian Portuguese whose traits have already been, to some extent, identified (BISOL; BATTISTI, 2014). However, even the radio regulatory agencies have information about the speeches practiced in gaúcho stations, even less about initiatives that promote and give visibility to the linguistic diversity of the state. Speech therapy has the demand to adjust accents, but there are few studies that define the appropriate accent for the media and how to achieve it. (DACOREGIO, 2021) Brazilian sociolinguistic studies, on the other hand, lack linguistic information on media speech styles, especially with regard to female performance on the radio. The objective of this work is to identify the speaker's linguistic uses and persona styles, aiming to: 1) verify if there is linguistic variation in the radio broadcast or just “standard speech”, as the speakers are oriented in their training; 2) given the observed linguistic variation in radio communication, identify the linguistic variables mobilized by the speaker in different types of locution, in which her different personae emerge. Public speech data from the announcer Denise Cruz (DC) on radios União 105.3FM, 102.3FM and Rádio Gaúcha, the last two of Grupo RBS, were analyzed in radio broadcasts and on official internet networks between 2015 and 2022. The generated data were transcribed according to Ostermann (2012) and analyzed qualitatively. Linguistic variations characteristic of Porto Alegre's central region were identified in the communicator's speech. The speaker presented alternation of /R/ in syllabic coda in infinitive verbs, variable use of “Tu” and “Você”, alternation of /d/ palatalization, frequent application of the discursive marker “né”, ingliding and the paralinguistic variables vocal fry and alternation of pitch and intonation. The linguistic and paralinguistic variables identified in DC's more and less monitored speeches allowed us to conclude that her radio persona styles are more aligned with the standard norm and traditional ways of communicating in media. Her more sober tone, although sympathetic on the radio, differs both from her spontaneous speech and from more innovative broadcasters.

Keywords: Style. Linguistic variation. Radio.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Convenções de transcrição .....	47
Quadro 2 – Exemplos do registro de variantes fonéticas nas transcrições .....	48
Quadro 3 – Personas estilizadas em cada situação de comunicação .....	129



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Porto Alegre subdividido em 5 macrorregiões .....	40
Figura 2 - Bairros de Porto Alegre .....	41
Figura 3 - Mapa de Porto Alegre Região Centro .....	42
Figura 4 - Mapa de Porto Alegre Região Sul .....	43
Figura 5 - Página do programa Lado B no <i>SoundCloud</i> .....	54
Figura 6 - Valores iniciais dos formantes F1 e F2 de /ε/.....	64
Figura 7 - Valores finais dos formantes F1 e F2 de /ε/ .....	64
Figura 8 - Intervalo total de duração da vogal /ε/ .....	64
Figura 9 - Alongamento após a produção da vogal /ε/ .....	65
Figura 10 - Íntegra da emissão vocálica [εε] .....	65
Figura 11 - <i>Vocal fry</i> .....	73
Figura 12 - Programa Som da Tarde DC e BX entrevistam Thiago Lacerda (TL) .....	75
Figura 13 - União FM na prevenção do coronavírus .....	86
Figura 14 - Beto Xavier e Denise Cruz comentam a morte de George Michael .....	91
Figura 15 - Programa Check-in transmitido pela União FM dos estúdios da rádio .....	95
Figura 16 - Site do programa Super Sábado (SS) transmitido pela Rádio Gaúcha .....	100
Figura 17 - Áudios do Programa Super Sábado de 23/04/2022 .....	102
Figura 18 - DC faz chamada para a programação do final de semana na rádio .....	108
Figura 19 - Cagê Lisboa e Denise Cruz falam sobre o festival Desert Trip .....	110
Figura 20 - DC anuncia o evento 48H Nex Group .....	114
Figura 21 - Página principal do site oficial da rádio 102.3FM .....	118

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
AM	Amplitude Modulada
BX	Beto Xavier
CK	Cléo Kuhn
CL	Cagê Lisboa
DC	Denise Cruz
FM	Frequência Modulada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JR	Jeania Romani
L1	Locutora 1
L2	Locutor 2
L3	Locutor 3
L4	Locutor 4
L5	Locutor 5
L6	Locutor 6
L7	Locutor 7
L8	Locutor 8
PB	português brasileiro
PR	Paulo Rocha
POA	Porto Alegre
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RG	Rodrigo Giacomet
RS	Rio Grande do Sul
TL	Thiago Lacerda
VARSUL	Variação Linguística na Região Sul do Brasil
VB	Vinícius Batista
ZS	Zona Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	19
2.1	COMUNICAÇÃO NO RÁDIO .....	19
2.2	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SOTAQUES NA LOCUÇÃO DE RÁDIO ....	21
2.3	NORMA-PADRÃO <i>VERSUS</i> NORMAS DE USO DA LINGUAGEM .....	23
2.4	TEORIA DA VARIAÇÃO .....	25
2.5	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS .....	27
2.6	SIGNIFICADOS SOCIAIS .....	29
2.7	CONSTRUÇÃO DE <i>PERSONAE</i> E ESTILO .....	30
2.8	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DE PORTO ALEGRE .....	33
<b>2.8.1</b>	<b>Formação sócio-histórica de Porto Alegre</b> .....	33
<b>2.8.2</b>	<b>Algumas variáveis linguísticas no português de Porto Alegre</b> .....	34
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	38
3.1	SELEÇÃO DAS RÁDIOS E DA COMUNICADORA .....	38
3.2	COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA .....	45
3.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	47
<b>3.3.1</b>	<b>Transcrição dos dados</b> .....	47
<b>3.3.2</b>	<b>Variáveis linguísticas consideradas</b> .....	48
<b>3.3.3</b>	<b>Variáveis paralinguísticas consideradas</b> .....	49
<b>3.3.4</b>	<b>Linha de análise</b> .....	50
<b>4</b>	<b>ANÁLISE</b> .....	53
4.1	ENTREVISTAS .....	53
<b>4.1.1</b>	<b>Entrevista 1</b> .....	53
<b>4.1.2</b>	<b>Entrevista 2</b> .....	74
4.2	COMUNICADOS .....	85
<b>4.2.1</b>	<b>Comunicado 1</b> .....	85
<b>4.2.2</b>	<b>Comunicado 2</b> .....	91
4.3	TRANSMISSÕES AO VIVO .....	94
<b>4.3.1</b>	<b>Programa 1</b> .....	95
<b>4.3.2</b>	<b>Programa 2</b> .....	100
4.3.2.1	Interação com colegas da rádio .....	102

4.3.2.2	Entrevista híbrida de personalidade .....	104
4.4	CHAMADAS PUBLICITÁRIAS ( <i>TEASERS</i> ) .....	107
<b>4.4.1</b>	<b>Chamada 1</b> .....	107
<b>4.4.2</b>	<b>Chamada 2</b> .....	110
4.5	COMERCIAIS .....	112
<b>4.5.1</b>	<b>Comercial 1</b> .....	114
<b>4.5.2</b>	<b>Comercial 2</b> .....	117
4.6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	122
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	130
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	133

## 1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação em massa são fundamentais para a garantia de acesso à informação da população. O surgimento de novas tecnologias permite a informação ao toque dos dedos nos celulares e dispositivos digitais modernos. Contudo, uma grande parte da população brasileira ainda não possui acesso à internet, contando apenas com meios mais tradicionais como rádio e TV para receber notícias. Os desafios para o acesso à informação intensificam-se em lugares periféricos ou afastados dos grandes centros urbanos<sup>1</sup>. Dados do IBGE divulgados em 2021<sup>2</sup> indicam que a proporção total de acesso à internet na região Sul no ano de 2019 é de 84,9%, sendo 62,1% em áreas rurais e 88,9% em centros urbanos.

Em comunidades com estilos de vida menos urbanos, o rádio mantém seu espaço unindo pessoas em torno de temas locais e globais. O entretenimento é difundido através da divulgação de eventos festivos regionais de programas humorísticos que tratem de temáticas locais, o que ajuda a preservar práticas e identidade sociais. Da mesma forma que o aumento do uso de meios digitais foi impulsionado pela pandemia de 2020, a rádio *web* vem conquistando audiência e difusão também através dos *smartphones*.

É importante salientar que o rádio é um veículo sujeito às políticas e leis nacionais, como aquelas referentes a concessões federais pelo Ministério da Comunicação. Nesse contexto, temos o português definido como língua oficial do país. Nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos, entretanto, há comunidades cuja língua legitimada não é o português. O Brasil conta atualmente com mais de 250 línguas, segundo dados do IPHAN<sup>3</sup>, além da língua oficial e de outras tantas que estão sendo perdidas diariamente, seja pela falta de visibilidade, seja pela falta de políticas que as salvaguardem. A coleta de dados do Censo Demográfico Nacional, realizada a cada 10 anos pelo IBGE,

---

<sup>1</sup> Segundo dados da ABERT, “3.328 municípios brasileiros não contam com este serviço (rádio comercial). Tais municípios são desprovidos de uma infraestrutura radiofônica profissional, de propaganda política partidária local, boletins meteorológicos, propaganda comercial local e informação jornalística local.” (Fonte: Ministério das Comunicações - MiniCom, 2013. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/dados-do-setor/estatisticas/radiodifusao-licencas-e-outorgas.html> Acesso em: 15/10/2021). Nesses locais, o rádio disponível é de outorga comunitária, atendendo a legislação específica, conforme nota 6, neste estudo.

<sup>2</sup> Fonte: Agência de Notícias IBGE Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30522-internet-chega-a-88-1-dos-estudantes-mas-4-1-milhoes-da-rede-publica-nao-tinham-acesso-em-2019> Acesso em: 20/08/2022

<sup>3</sup> IPHAN: “Estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural é desconhecido por grande parte da população brasileira, que se acostumou a ver o Brasil como um país monolíngue.” Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/indl>

infelizmente não contempla dados linguísticos. Tampouco os linguistas têm esse mapeamento. Isso dificulta saber exatamente quantas línguas são faladas no país e onde. Esses dados poderiam influenciar a conduta educacional e midiática, na promoção de ações voltadas ao fortalecimento das línguas e variedades faladas pelos brasileiros.

O Rio Grande do Sul integra o Sul do Brasil, uma região do território nacional que reúne descendentes de imigrantes de diferentes etnias. Segundo dados do ALERS (2011), somente nesse estado são documentadas línguas de etnias italiana, alemã, polonesa, russa, espanhola, japonesa, francesa, indígena além da portuguesa, espalhadas por toda a extensão estadual. Recentemente, o estado vem passando ainda pelo acolhimento a novos imigrantes de origem haitiana, venezuelana, ucraniana e africanos, nem todos eles falantes de português. Esses grupos populacionais integram-se a um cenário plurilíngue vivenciado historicamente, na formação do estado.

Pode-se afirmar, portanto, que o Rio Grande do Sul (RS) tem uma matriz histórica plurilíngue. Os descendentes de imigrantes envidam esforços para manter a riqueza cultural do povo gaúcho através da representatividade de suas culturas, compreendendo a diversidade cultural do estado como sua principal característica. Da mesma forma, o habitante da capital, Porto Alegre, também apresenta marcas de fala características.

Com as mudanças digitais impulsionadas nos últimos 5 anos, potencializadas pela demanda de comunicação e informação que a pandemia mundial de 2020/2021 impôs às mídias audiovisuais, juntamente com a popularização da produção de conteúdo por pessoas não profissionais, com suas marcas de fala identitárias, consolidou-se o desejo de compreender o porquê do ensino profissionalizante de radialistas insistir na demanda por “suavizar/neutralizar” sotaques. Afinal, para quem o rádio é feito? A quem o rádio deve atender? Seriam as demandas educacionais e comerciais superiores à demanda da audiência? As rádios e as audiências são iguais em todos os lugares? O ouvinte quer também “se ouvir” na voz do outro? Tais questionamentos motivaram a problematizar os estilos linguísticos na locução de rádio no RS.

O rádio, como um dos veículos de acesso direto das comunidades a notícias e informações, representa um espaço social público e político de vital importância para as línguas, sejam elas minoritárias ou majoritárias, assim como é terreno fértil para “imposições” linguísticas e estilísticas. Da mesma forma, há também, no rádio, a demanda pela utilização de uma forma padrão de comunicar, alinhada à norma-padrão do português (DACOREGIO, 2021, KYRILLOS, 2005), neste trabalho entendida como “um modelo de língua, um conjunto de regras que orienta usos de linguagem, mas não

corresponde a manifestações de língua de fato observadas [...] a não ser em estilos mais cuidados de fala, em que se promove um automonitoramento.” (BATTISTI, 2022, p. 88-89). Surgem daí questionamentos que justificam este estudo: as iniciativas linguísticas e estilísticas aplicadas no rádio estariam sendo abrangentes e promovendo espaços para a diversidade linguística pela presença de variedades e seus traços na programação? Finalmente, mas não menos importante: deveriam as escolas de radialistas seguir demandando suavização de sotaques aos seus locutores e por quê?

Manifestações linguísticas midiáticas, como as do rádio, objeto deste estudo, não são exatamente iguais às observadas em grupos ou comunidades de fala. Em geral, há uma orientação para que se empregue no rádio o português brasileiro em sua variedade padrão, a despeito da diversidade linguística atestada no Brasil.

Diferentes grupos linguísticos, ao investirem em iniciativas midiáticas, poderiam orientar suas escolhas linguísticas e estilísticas de forma a contemplar sua comunidade de fala. Entretanto, como um veículo sujeito a regras nacionais que usualmente prestigiam uma política linguística purista (MEDITSCH, 1997), o rádio, ainda que voltado a comunidades cuja língua seja outra que não o português brasileiro, acaba por suprimir formas diferentes de falar, em vez de valorizá-las.

Envolvidos nessa disputa linguística estão os locutores radialistas, oriundos de diferentes regiões e que carregam a diversidade em sua identidade. No decorrer do processo de profissionalização, esses indivíduos necessitam de instrução formal prévia para que possam atuar nas mídias, obtendo sua certificação em cursos de formação de radialistas. Com isso, seu registro pode ser emitido pela DRT (Delegacia Regional do Trabalho), que regulamenta a atuação desses profissionais.

Na construção de um currículo educacional profissionalizante que prepare o radialista para atuar nacional e internacionalmente, os cursos voltados aos locutores incluem em sua instrução aulas de Língua Portuguesa, baseadas na norma-padrão, e práticas de padronização de formas de falar, adequadas a cada contexto comunicativo. Para comunicações menos oficiais, os locutores são incentivados a imprimir à fala sua identidade e autenticidade, com o objetivo de entreter os ouvintes em comunicados voltados à diversão, infotenimento<sup>4</sup> e promoção da diversidade. Permite-se, com esse

---

<sup>4</sup> Infotenimento é um termo atual para definir uma programação constituída por notícias, informações de utilidade pública e entretenimento, este último majoritariamente composto por músicas.

objetivo, que características linguísticas nativas do locutor sejam empregadas, a fim de cativar ouvintes que se identifiquem com essa comunidade de fala.

Ao contrário do que é observado em locuções noticiosas, programas de entretenimento permitem ao locutor expressar-se com certa liberdade, uma vez que sua fala não obrigatoriamente desenvolve-se a partir de notas escritas. Já a notícia, considerada uma comunicação oficial e de registro histórico, constitui um tipo de locução que se orienta a partir da nota impressa. O locutor, nesse contexto, baseia sua fala em um texto escrito com base na norma-padrão que, por sua vez, orienta a linguagem padrão em português brasileiro (PB).

Costuma-se demandar aos locutores profissionais, nesses casos, a supressão de suas marcas de fala regionais e identitárias, assim alinhando suas falas no rádio ao que se considera adequado a essa atividade. Além disso, é preciso considerar que a locução radiofônica seguidamente parte de textos escritos, como explica Sena (2014): “...apesar de ser direcionado ao ouvido, o texto radiofônico não se apoia somente na oralidade e na audição, mas conta também com a língua escrita, já que se apoia num texto construído previamente para ser falado e ouvido.” A autora acrescenta, citando Cabello (1995): “Assim, [...] a construção do texto radiofônico exige, além de certa dose de correção gramatical, adequação técnico-lingüística concernente à estrutura do veículo rádio”.

Conforme Coupland (2007: 146-148), “Os falantes realizam identidades, direcionadas a si mesmos ou a outros, quando têm alguma consciência de como as *personas* relevantes construídas provavelmente serão percebidas por meio de seus *designs*”<sup>5</sup>. É o que se faz também na comunicação de rádio. O autor diferencia alta performance<sup>6</sup> (“*high performance*”) de performance mundana (“*mundane performance*”), sendo os eventos de alta performance, geralmente, públicos, como a fala no rádio, diferenciados pelo enfoque comunicativo (*communicative focusing*). Nessa perspectiva, admite-se que o desempenho (*performance*) comunicativo pode variar com base em sete enfoques (*focusing*) distintos: na forma (*form focusing*), no significado (*meaning focusing*), na situação (*situation focusing*), no performador (*performer focusing*), na relação (*relational focusing*), no resultado (*achievement focusing*) e no repertório

---

<sup>5</sup> Em inglês: “*Speakers perform identities, targeted at themselves or others, when they have some awareness of how the relevant personas constructed are likely to be perceived through their designs*”.

<sup>6</sup> Todos os trechos originalmente em inglês, neste trabalho, foram traduzidos pela autora.



(*repertoire focusing*). A depender do enfoque comunicativo performado pelo locutor, pode ser necessária a aplicação de maior ou menor grau de formalidade à fala.

Estudos de segunda e terceira onda variacionistas (LABOV, 1972; MILROY, 1980; RICKFORD, 1986; ECKERT, 1989a, 2000) contemplam análises de estilo dialetal (COUPLAND, 2001, 2007). A fala midiática também tem sido foco de análises sociolinguísticas e estilísticas. Entretanto, destacam-se, no estado da arte sociolinguístico, análises estilísticas que documentam falas midiáticas masculinas (BELL, 1982, COUPLAND, 1985, 1988, 2001). Além disso, em termos de representatividade, mulheres ainda são minoria entre os comunicadores de rádio no RS, mais escassas ainda são as análises estilísticas variacionistas que compreendam a fala feminina no rádio, o que é outra motivação para a pesquisa desta dissertação.

O presente estudo analisará dados de fala pública de uma comunicadora, Denise Cruz (DC), em rádios e comunicações *web*. As variáveis identificadas serão examinadas quanto à situação de comunicação, o interlocutor, o público e a via de transmissão como fatores de influência para a variação linguística e as alternâncias em estilos de persona. As variantes usadas serão, também, avaliadas quanto ao seu (des)alinhamento a traços caracterizadores de variedades de PB documentadas no estado, em estudos que têm se valido de bancos de dados coletados por projetos como o ALERS, ALiB, VARSUL, LínguaPOA.<sup>7</sup>

O objetivo geral do trabalho é contribuir para documentar a variação linguística na fala na locução de rádio e *web*, em diferentes situações de comunicação, buscando compreender suas motivações sociais e mostrar alternativas ao português padrão nas mídias. Os objetivos específicos são:

- a) Identificar as variáveis linguísticas e paralinguísticas empregadas na comunicação de rádio pela locutora;
- b) Esclarecer o papel das variáveis na projeção de identidades ou estilização da fala pública na locução radiofônica;
- c) Relacionar as identidades (ou estilos de fala pública) da locutora a atividades de fala na interação e na locução de diferentes conteúdos (humorístico, noticioso, entretenimento, utilidade pública *etc.*).

---

<sup>7</sup> ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, VARSUL – banco de dados de variações linguísticas do Sul do Brasil, LínguaPOA – amostras de falantes de Porto Alegre.

A análise fundamenta-se em princípios sociolinguísticos labovianos (LABOV, [1972] 2008) sobre variação linguística; em uma concepção crítica de norma-padrão e norma culta (FARACO, 2008, PRETI, 1997); em resultados de estudos dialetológicos e de variação linguística de falares regionais do Sul do Brasil (BISOL; BATTISTI, 2014); em pressupostos teóricos sobre variação linguística, identidade e estilo de *persona* (COUPLAND 2001, 2007; ECKERT, 1989, 2004, 2008, 2012, 2021).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, revisam-se estudos prévios sobre o rádio e suas formas de comunicar (FERRARETTO, 2002, 2014; GOUVEIA, 2020; VELHO, 2004; CASTRO, 2014; MEDITSCH, 1997); sobre as concepções de norma culta e norma popular (PRETI, 1997; FARACO, 2008; CAMACHO, 2011). Além disso, o capítulo apresenta alguns fundamentos da Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]) e aborda a variação linguística na perspectiva de estilo como construção de *persona*, levando em conta possíveis significados sociais das variáveis, compartilhados pela comunidade de fala e eventualmente mobilizados na locução de rádio (ECKERT, 2012; BOURDIEU, 2007; 2008; COUPLAND, 2007). Finalmente, consideram-se as variáveis linguísticas regionais e suprarregionais (BISOL; BATTISI, 2014; OLIVEIRA, 2021; ROCKENBACH; BATTISTI, 2021) que a locução no rádio pode apresentar em veículos da capital do RS.

### 2.1 COMUNICAÇÃO NO RÁDIO

Para que seja possível compreender quaisquer que sejam as práticas linguísticas do rádio atual em suas peculiaridades culturais, legais e tecnológicas, é necessário que se compreenda, em alguma medida, a origem do rádio nacional. O rádio no Brasil ganhou visibilidade e difusão entre os anos de 1919 e 1923.

Criado pelas classes dominantes, no início, o rádio baseia-se em um conjunto de crenças em que “predomina, basicamente, um associativismo idealista de elite misturado a certo entusiasmo tecnológico, embora quem faça rádio execute suas tarefas em um permanente amadorismo” (FERRARETTO, 2014: 12). Por se tratar de um veículo novo, ainda não existiam regras ou normas estabelecidas para as práticas radiofônicas. Conforme o autor, “se não chega a ser aquele *experimentar* no sentido dado pela ciência, o que vale para os pioneiros (do rádio) parece ser a ideia de *ter a experiência de*.” (FERRARETTO, 2014: 12).

Nesse período da história do país, como ainda hoje, o poder aquisitivo de grande parte da população era baixo, assim como a escolaridade (GOUVEIA, 2020). Foi somente após a industrialização do país que os equipamentos de rádio, até então instrumentos militares de comunicação a longas distâncias, passaram a ser inseridos nas residências e estabelecimentos comerciais (FERRARETTO, 2014). Embora com o tempo o rádio tenha se popularizado nas diferentes classes sociais, nos primeiros anos do rádio no Brasil a

linguagem difundida pelas ondas sonoras provavelmente era, de partida, alinhada aos seus criadores.

De fato, o rádio tornou-se atrativo no Brasil como fonte de informação ao estabelecer-se em um período cujo índice de escolaridade era de aproximadamente 50% (GOUVEIA, 2020). Passou a ser um veículo capaz de transmitir informações, educar e entreter a população. Foi exatamente sob o viés educativo que Getúlio Vargas, em 1937, regulamentou pela primeira vez o exercício do rádio e suas práticas. Esse fato histórico torna-se ainda mais relevante para compreender as atuais práticas linguísticas do rádio e como estas são mobilizadas e estilizadas.

Getúlio Vargas era um militar do Rio Grande do Sul. O rádio, por sua vez, foi criado por um padre do RS. Antes de se tornar popular, a tecnologia inventada por Nikola Tesla, criada por Roberto Landell de Moura e patenteada pelo herdeiro investidor italiano Guglielmo Marconi, serviu aos interesses de guerra como instrumento de comunicação. (FERRARETTO, 2002) Ou seja, a matriz do rádio, ainda que originada por uma iniciativa inovadora, foi composta por homens ligados a extratos sociais mais conservadores (militares e religiosos) e fomentado para o cumprimento de propósitos conservadores (guerra e religião).

Em 1932, Getúlio Vargas, então presidente da república, publicou decreto “detalhado” que adotava integralmente o modelo de radiodifusão norte-americano. Os pontos principais versavam sobre a concessão de difusão a particulares e a permissão de veiculação de comerciais, desde que esses não ultrapassassem 10% do tempo total de transmissão da emissora. Estabeleciam-se, assim, as primeiras regras do rádio no Brasil. Em 1934, foi criado pela presidência da República o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), diretamente vinculado ao presidente. No ano de 1937, Getúlio Vargas dissolveu o Congresso Nacional e decretou o Estado Novo, quando receptores de ondas curtas passavam por uma expansão de vendas (CASTRO, 2014). O ano de 1938, no entanto, foi um divisor de águas para o rádio no Brasil com a transmissão da Copa do Mundo de futebol e da guerra na Europa, fazendo com que os códigos e normas para o rádio fossem adiados.

Surgiam então os primeiros noticiários e programas de entretenimento no rádio, ainda sem regras bem definidas, mas considerando uma audiência majoritariamente de pouca escolaridade, servindo como instrumento de lazer e educação. Somente com a estreia do Repórter Esso o padrão de locução noticiarista foi implementado no Brasil, sob

os moldes do jornalismo norte-americano, estabelecendo um padrão de veiculação de notícias considerado como o “rádio tradicional”.

Segundo Velho (2004: 168),

[...] o rádio tradicional, (...), estrutura-se sobre diferentes textos da linguagem oral e sobre signos sonoros específicos. Deve-se ter como regra a elaboração de mensagens baseadas em um léxico acessível, com frases curtas e diretas, para que o receptor não tenha dificuldades de compreender as discussões e informações veiculadas. E mais: deve-se utilizar artifícios sonoros como vinhetas, efeitos, vozes de fontes diferentes e uma entonação correta, que reflita o clima do fato que está sendo tratado, da história que está sendo contada, da descoberta científica que está sendo anunciada. Este é um sistema modelizante da linguagem oral e sonora, que se convencionou chamar de rádio, até agora, na sociedade moderna.

A *internet* tem mostrado, mais uma vez, como o rádio se reestrutura diante das mudanças sociais. Velho (2004) define o momento atual do rádio como “multimídia”. Diversificam-se suas vias de transmissão e comunicação com a audiência através de diferentes meios, fazendo convergir *sites*, páginas em redes sociais digitais, *blogs*, canais de vídeos, ondas sonoras via FM (frequência modulada) e AM (amplitude modulada), *WEBrádios* e aplicativos de conversa em tempo real como o *WhatsApp*, uma forma de comunicação de áudio direta com o ouvinte que hoje complementa a tradicional audiência com uma forma “híbrida”<sup>8</sup> de ouvir rádio. Além disso, a autora salienta que, neste novo formato, ainda não há uma definição de como as comunicações devem ocorrer: ele replica os “velhos ensinamentos” e carece de novas propostas, mais adequadas ao seu novo perfil e público.

Essas mudanças na transmissão poderiam ter impacto, também, na linguagem usada nas comunicações de rádio. Que orientações recebem, hoje, os locutores e comunicadores de rádio em relação aos sotaques e à variação linguística? O que motiva essas orientações?

## 2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SOTAQUES NA LOCUÇÃO DE RÁDIO

De acordo com Meditsch (1997), no início, a fala no rádio ocorria de forma econômica: “A ‘lei da economia’ aplicada à linguagem do radiojornalismo fez com que inicialmente ela fosse pensada exclusivamente enquanto texto. Tal postura tinha como

---

<sup>8</sup> Híbrida também é o nome dado à chamada telefônica realizada pela rádio, transmitida em tempo real com a participação de ouvintes, pedidos de músicas e recados, entrevistas e reportagens de campo, leva esse nome por convergir diferentes meios de comunicação na transmissão.

contrapartida o locutor absolutamente neutro, despersonalizado, mero 'instrumento de estúdio'." (MEDITSCH, 1997: 4). Orientado ao texto escrito, cabia tradicionalmente ao locutor realizar as intervenções fônicas e prosódicas que dessem vida ao texto. No entanto, seguia-se para isso um formato padronizado, que não levava em conta a identidade do locutor, sua origem e bagagem cultural e sua língua materna, buscando uma utópica e discriminatória uniformização da fala, embasada na norma-padrão.

De acordo com Ferraretto (2014)

Em sua implantação no Brasil, o rádio começa quase como um *hobby* da parcela mais abastada da população, que se articula em clubes e sociedades mantidas pelo pagamento de mensalidades. O conteúdo expressa uma ideia de difusão cultural e educativa dentro dos valores burgueses de então, reproduzindo os saraus da elite, nos quais a música de teor erudito, a palestra de quem era tido como referência intelectual e a leitura de textos literários constituíam-se prática comum, explicando a transposição destas para o rádio. Predomina, assim, o associativismo idealista de elite. A cultura popular, muito próxima da coloquialidade, encontra resistência em sua veiculação, valorizando-se a formalidade das relações sociais burguesas. (FERRARETO, 2014: 69)

Tal afirmação reforça a ideia de que o rádio brasileiro deixou de lado o uso vernacular da língua em sua estruturação inicial. Importante ressaltar que, juntamente com o início das concessões de veículos de comunicação nas décadas de 40 e 50, a regulamentação do rádio acompanhou a política linguística purista de Getúlio Vargas, definindo como seria a linguagem que os veículos de comunicação deveriam empregar e disseminar entre a população. Marcas de fala identitárias e iniciativas educacionais bilíngues ou em línguas que não português foram banidas, processo que promoveu o “genocídio linguístico” (*sprachlichen Genozids*) (PÜTZ, 1996) de muitas línguas então em pleno uso no país.

Essas iniciativas ecoaram nos meios de comunicação. As diferentes formas de falar do brasileiro foram desencorajadas e surgiram, juntamente com a fonoaudiologia<sup>9</sup> no Brasil, as primeiras demandas de profissionais do rádio a fonoaudiólogos para ajustar o sotaque, de modo a adequar-se às imposições midiáticas e artísticas de então, muitas das quais perduram até hoje. O uso da fala na locução de rádio, portanto, vem sendo balizado por um certo conjunto de normas, em boa medida pautado pela norma-padrão.

---

<sup>9</sup> A autora desta dissertação é fonoaudióloga.

### 2.3 NORMA-PADRÃO *VERSUS* NORMAS DE USO DA LINGUAGEM

No âmbito dos estudos da linguagem, especialmente a partir da segunda metade do século XX, passou-se a discutir a noção de *norma*. Uma das questões abordadas seria a oposição entre *norma culta* e *norma popular*.

[norma culta compreende] a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa [...]. São, em geral, as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal e à cultura escrita. (FARACO, 2008: 47)

A citação acima parece coerente com o emprego usual da fala no rádio, geralmente mais monitorada e em muitos momentos originada da leitura de textos em voz alta. O autor referido, no entanto, critica a noção de *norma culta*. Antes de abordar as críticas de Faraco (2008) a essa noção, é importante dar conta de sua origem e de reflexões de outros linguistas a respeito. O desafio dessa noção, e principal aspecto criticado, como veremos, é esclarecer quais seriam as características definidoras do que é “culto”.

Preti *et al.* (1997), em seu estudo sobre a fala culta, observa a existência de uma norma para a língua escrita que não considera o uso que o falante faz dessa língua em sua oralidade. Ressalta que não é a norma culta que define o falante culto, nem o falante é considerado culto porque emprega a norma em seu discurso.

Barros (1990, 1994) considera o falante culto como a pessoa que domina os diferentes usos da língua falada, selecionando em/para cada contexto a linguagem mais adequada que lhe caiba. Aplicando essa ideia à locução radiofônica, a norma considerada culta seria, portanto, apenas uma “imagem da norma culta” reproduzida pelas escolas de rádio e difusões midiáticas, sugerindo que a escrita se refere a uma norma explícita e a oralidade, a uma norma implícita. Dessa forma, as expressões orais estariam de alguma forma submetidas a uma norma compartilhada entre os falantes, que não estaria explicitamente caracterizada ou normatizada, mas ainda assim seria capaz de desencadear atitudes de purismo linguístico por parte dos usuários e discussões acaloradas sobre qual forma seria (in)adequada aos meios de comunicação em massa.

Sobre norma linguística, Camacho (2011) afirma que a única coisa homogênea nas línguas são as variações que elas sofrem de acordo com o contexto da fala, situação e relação entre os falantes. Segundo o autor, não há uma língua que seja superior a outra, o que existe é o preconceito linguístico com as diferentes formas de se expressar

oralmente por meio de uma língua. Cada variedade fornece aos seus falantes meios de expressar de forma mais adequada suas ideias, ou seja, as variedades linguísticas não impõem restrições à linguagem (cognição), "nem em termos absolutos nem em termos relativos". (CAMACHO, 2011: 38)

Dessa forma, portanto, questiona-se: seria equivocada orientar práticas de fala midiáticas a uma única forma em meio a tantas variedades linguísticas presentes em território nacional? A ideia de que exista uma língua pura ou uma única forma/norma para a língua é amplamente questionada nos estudos da linguagem, o que se acentua contemporaneamente devido às constantes trocas entre os falantes, incrementadas pela interação face-a-face no acesso diário aos meios digitais.

Sobre esta questão, Leite (1997) destaca que, na variação e mudança linguística, existem duas forças em disputa constante, as inovadoras, responsáveis pela diversidade observada nos falares, e as conservadoras, que sustentam o purismo linguístico pela unificação dos falares, justificando o preciosismo como um recurso de preservação da norma. No entanto, a referida autora destaca um fato curioso, que os estudos observam: pouquíssimos falantes expressam oralmente uma língua culta, pura ou totalmente alinhada à norma. Ou seja, mesmo os mais ferrenhos defensores da norma culta e do purismo linguístico produzem variação, empregam gírias e deixam de realizar, por exemplo, concordância verbal e nominal em suas falas, entre outros processos, evidenciando o contraditório.

De acordo com Faraco (2008: 48-49), "a norma culta brasileira falada se identifica, na maioria das vezes, com a linguagem urbana comum, ou seja, com a fala dos falantes que estão fora do grupo dos chamados (tecnicamente) de cultos (cf. PRETI, 1997: 18) e não propriamente com as prescrições da tradição gramatical mais conservadora". O autor observa que "a força centrípeta da linguagem urbana comum quebra, em parte, esse vínculo: de um lado, porque é ela que baliza, de fato, o falar culto brasileiro (a norma culta falada pouco se distingue dela); e, de outro, porque é hegemônica nos meios de comunicação social". (FARACO, 2008: 49) Sobre essa última afirmação, em nota, o autor complementa com um questionamento crítico "Diante disso, fica a questão: tem sentido ainda insistirmos numa norma culta falada como distinta da linguagem urbana comum em seus estilos mais monitorados?" (FARACO, 2008: 48)

Há, portanto, uma não-correspondência entre a suposta "norma culta" e os usos da língua, que pode ser expressa por diferentes meios (escrita, oral, visual). A oralidade é capaz de expressar ideias através de elementos dos quais a escrita não dá conta, como



aspectos não-verbais, fundamentais para a construção do sentido no discurso (URBANO, 1997).

A suposta “norma culta” orienta pedagogicamente a formação de locutores e suas práticas no rádio. Ademais, há uma concepção generalizada no imaginário popular de que os meios de comunicação são ou deveriam ser modelos de fala “correta”. Entretanto, cabe ressaltar que em nenhuma normatização profissional do rádio ou do radialista essa premissa se constata, não havendo exigências legais vigentes que imponham o emprego da norma culta ou qualquer outra exigência quanto à fala. Pelo contrário, as rádios comunitárias e educativas, por exemplo, superiores em número de concessões ainda que inferiores em alcance de abrangência, têm por finalidade legal fomentar e promover a cultura local<sup>10</sup>. Isso envolveria, portanto, as formas de falar dos ouvintes contrariando o que é exigido desses profissionais em formação e, posteriormente, também pelas empresas de comunicação.

A língua falada envolve aspectos supranormativos como o não verbal (gestual, visual *etc.*), a identidade do falante (sexo, etnia, cultura, escolaridade *etc.*) e o contexto da fala, itens que influenciam a forma como o falante emprega a linguagem expressivamente. A normatização da oralidade com base na língua escrita, na locução de rádio, precariza aspectos como a entonação que permeia a fala. Esta, por sua vez, pode ser manipulada pelo rádio e empregada em diversas sonoplastias possíveis. Ou seja, não há apenas a “norma culta” como parâmetro no que se refere à fala no rádio, nem os radialistas são todos falantes cultos, situação em que a variação linguística pode ter lugar.

## 2.4 TEORIA DA VARIAÇÃO

A variação linguística não ocorre sem que os falantes legitimem socialmente o uso das formas variáveis. Conforme Labov (2008[1972]), proponente da Teoria da Variação, toda variação linguística e seu eventual resultado, a mudança linguística, é linguística e socialmente motivada.

---

<sup>10</sup> Lei Nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998. Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Art. 3º O Serviço de Radiodifusão Comunitária tem por finalidade o atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a: I - dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade; II - oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social; **V - permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível.** (grifo da autora) Fonte: [L9612 \(planalto.gov.br\)](http://L9612(planalto.gov.br))

A escola tradicionalmente ignora as variedades linguísticas pelo distanciamento que estas apresentam da norma-padrão. Rotula como inadequadas as práticas linguísticas peculiares às diferentes regiões de um país de extenso território como o Brasil, especialmente as não hegemônicas, de regiões distantes dos polos culturais, como as do nordeste e de descendentes de imigrantes, por exemplo. Assim, o ensino de língua orientado pela forma escrita acaba por estigmatizar as variedades, consideradas “deficientes” em relação à linguagem padrão (CAMACHO, 2011). É o que fazem as escolas de radialistas, culminando em demandas aos consultórios de fonoaudiologia.

Labov (2008) concebe uma variável sociolinguística como:

[...] correlacionada com alguma variável não-lingüística do contexto social: o falante, o interlocutor, o público, o ambiente etc. Alguns traços lingüísticos (que chamaremos de *indicadores*) mostram uma distribuição regular pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etários, mas são usados por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto. Se os contextos sociais puderem ser ordenados em algum tipo de hierarquia (como grupos socioeconômicos ou etários), podemos dizer que tais indicadores são *estratificados*. Variáveis sociolingüísticas mais altamente desenvolvidas (que chamaremos de *marcadores*) não somente exibem distribuição social, mas também diferenciação estilística. (LABOV, 2008: 275 – 276).

Somos levados a pensar que, no rádio, locutores podem empregar marcadores para construir diferenciação estilística característica de sua comunicação profissional. Labov (2008: 276) observa ainda que “o contexto estilístico pode ser ordenado ao longo de uma única dimensão segundo o grau de atenção prestado à fala, de modo que temos *estratificação* tanto *estilística* quanto *social*”, evidenciando que as distinções linguísticas são manifestações sociais expressas através de diferentes estilos.

Além das questões identitárias, outros fatores extralingüísticos como sexo (ou gênero), idade, escolaridade e classe social motivam o aparecimento de formas variáveis em usos especiais de comunicação, da mesma forma que diferentes domínios ocupacionais e familiares promovem linguagens específicas. Constata-se, nesses casos, o repertório linguístico ou *sprachrepertoire* na definição de Pütz (1996), corroborado por Camacho (2011), quando afirma que, quanto maior for a competência linguística do falante, maior a sua capacidade de empregar variações estilísticas mais ou menos formais, de acordo com o enfoque comunicativo. Ou seja, compreende-se que o locutor possa variar sua fala, a depender da diversificação de seu repertório linguístico e social e das demandas comunicativas imediatas.

Labov (2008) questiona se a variação social e estilística da língua desempenha papel importante na mudança linguística, tecendo as seguintes considerações:

Por "social" entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por "estilística", as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento "expressivo"- o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer "a mesma coisa" de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística. (LABOV, 2008: 313)

Em comunicações midiáticas, a locução varia em estilos a depender do gênero radiofônico (BARBOSA FILHO, 2009) da comunicação. Entretanto, essas construções linguísticas não são selecionadas aleatoriamente em veículos como o rádio. São construtos sociais difundidos pelas emissoras desde que se alinhem aos seus valores e objetivos e ao que é considerado como formas linguísticas de prestígio para o contexto.

No Brasil, existe mais de uma variedade de português, dada a formação sócio-histórica do país, a extensão do território, seu histórico de colonizações e contatos linguísticos. Ao mesmo tempo, as variedades orientam-se localmente para seu próprio polo cultural, geralmente as variedades urbanas da capital regional. (CAMACHO, 2011) No estado do RS, as locuções seriam, então, mais alinhadas ao falar da capital Porto Alegre.

O mesmo ocorre com a orientação da padronização das variedades brasileiras, direcionada nacionalmente aos centros de maior poder socioeconômico e autoridade, no caso do Brasil, às variedades praticadas em São Paulo e Rio de Janeiro, consideradas de maior prestígio entre as demais. Nesse sentido, é importante considerar a variação linguística não só como mecanismo da mudança linguística, mas também como prática social, a partir de que os padrões culturais são estabelecidos e reproduzidos.

## 2.5 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS

Para Henley e Kramaræ (1991),

[...] hierarquias determinam qual versão da situação de comunicação irá prevalecer; qual estilo de fala será visto como normal; quem será escolhido para aprender o estilo de comunicação e interpretar o significado do outro; qual estilo de linguagem será visto como desviante, irracional e inferior; e qual será solicitado a imitar o estilo do outro em nome de se encaixar na sociedade. (HENLEY; KRAMARAE, 1991: 19)

Considerando que o rádio apresentou um certo conservadorismo em sua origem, compreende-se que as forças conservadoras também foram responsáveis por determinar quais formas seriam as adequadas às comunicações midiáticas, o que implica uma seleção de quem está ou não apto para ingressar nesse meio.

Em termos linguísticos, esse conservadorismo, segundo Bourdieu (2008: 120-121), deriva de lutas simbólicas que os grupos dominantes (aqueles “que definiam a identidade social e às vezes até mesmo legal dos agentes envolvidos”) travam com os grupos dominados, tendo como resultado que “qualquer tentativa de instituir uma nova divisão deve contar com a resistência daqueles ocupantes de posições dominantes nesse espaço que são também os maiores interessados na perpetuação de uma relação dóxica com o mundo social”. (BOURDIEU, 2008: 120- 121). Ou seja, naturaliza-se o que é cultural como se natural o fosse. Assim, qualquer candidato ou candidata a ocupar uma posição no rádio deverá inevitavelmente se submeter ao que está estabelecido por quem criou esse mercado em nome de uma “ortodoxia”, uma forma adotada como correta em um determinado contexto comunicativo.

Bell (1984) sugere que os falantes ajustam suas formas linguísticas de acordo com seus interlocutores ao propor o modelo de análise sociolinguística denominado “design de audiência” (*audience design*, em inglês). Pela sua proposta, e como ocorre com os falantes em geral, um locutor é capaz de alternar estilos de fala para buscar “intimidade” ou “solidariedade” com a audiência. Os falantes são sensíveis aos interlocutores nas interações sociais.

Coupland (2007) aponta, porém, limitações na proposta de Bell (1984). No estudo sobre a linguagem de uma atendente da agência de viagens, Coupland encontrou variações estilísticas que sugerem que o falante usa formas linguísticas para construir *personae*, nem sempre em função apenas da audiência. No rádio não há um, mas sim, vários interlocutores passivos anônimos. O radialista não fala com alguém específico, comunica-se com grupos de pessoas desconhecidas que, no entanto, o conhecem através da atuação no rádio e, de alguma forma, se identificam com esse comunicador. A audiência de uma rádio é uma “imagem de audiência”, informada por pesquisas públicas que delineiam o público ouvinte, pressupondo suas práticas sociais.

Em seu estudo sobre variação linguística e práticas sociais, Eckert (2008) defende a concepção de que os falantes, ao empregar uma ou outra forma linguística, constroem identidades (*personae*), pela capacidade de as variáveis indexarem significados sociais.

Ao estender os conceitos da autora para as práticas radiofônicas, podemos afirmar que as variáveis linguísticas usadas pelo locutor podem indexar traços de sua *persona*. Entretanto, essa indexicalidade pode estar a serviço dos objetivos da emissora, baseados em sua concepção de “ouvinte médio” (FERRARETTO, 2004). Isso, por seu turno, implica conceber a existência de uma certa homogeneidade social entre os ouvintes, que teriam gostos similares.

## 2.6 SIGNIFICADOS SOCIAIS

A concepção de relativa homogeneidade social existente entre os ouvintes implica, por parte do locutor de rádio, construir identidades sociais (*personae*) compreensíveis a esse público idealizado, o que ele faz com base nos significados sociais das variantes, que os indivíduos compartilham (ECKERT, 2001, 2012; LABOV, 2008; BOURDIEU, 2007, 2008). Eckert (2012, trad. OLIVEIRA, ROCKENBACH, GUTIERRES, 2022: 268) argumenta que “a variação constitui um sistema semiótico social robusto, que potencialmente expressa toda a gama de questões sociais em uma determinada comunidade” e que “a variação não apenas reflete, mas também constrói o significado social e, portanto, é uma força na mudança social”. Isso implica conceber que o radialista, quando investido de legitimidade para falar ao público (BOURDIEU, 2008), está na verdade representando linguisticamente a si e indexando quaisquer que sejam os valores e significados definidos pela comunidade à qual se destina sua comunicação.

Para que isso ocorra, o locutor recorre a recursos linguísticos que indexam “qualidades admiradas” (ECKERT, 2012 trad. OLIVEIRA, ROCKENBACH, GUTIERRES, 2022: 279-280) “para fazer distinções internas, como ocorreu no caso do inglês dos pescadores de Martha’s Vineyard”<sup>11</sup>, gerando o engajamento do público com a emissora através da identificação de traços fonéticos e lexicais, bem como de entonação e corporalidade (BOURDIEU, 2007). De acordo com Eckert (2008, 2012 trad. OLIVEIRA, ROCKENBACH, GUTIERRES, 2022: 280) “esses significados, em

---

<sup>11</sup> Em 1963, William Labov conduziu uma pesquisa linguística na ilha de Martha’s Vineyard na qual investigou a variação dos ditongos /aw/ e /ay/ do inglês, em palavras como “*mouse*” (rato) e “*mice*” (ratos). Percebeu que os nativos da ilha tendiam a pronunciar esses ditongos em pontos mais centrais como [əw] e [əy]. Labov observou que os pescadores e pessoas entre 30 e 60 anos centralizavam as vogais mais do que qualquer outro grupo, com o objetivo de estabelecerem uma identidade social como vineyardenses (*vineyarders*) através da linguagem, motivados por uma rejeição ao inglês americano padrão trazido pelos turistas em altas temporadas. Já os nativos que buscavam se afastar dessa identificação e da permanência na ilha apresentavam marcas de fala mais padrão.

determinado momento, constituem um campo indexical – uma constelação de significados ideologicamente relacionados, que podem ser invocados no contexto.” Assim, um comunicador midiático pode se apropriar de variáveis de seus ouvintes potenciais para com eles identificar-se, mobilizando a carga semiótica das variantes.

Eckert (2001) expande a crítica de Coupland (2007) sobre análises de estilo que consideram apenas o *design* de audiência e a atenção à fala como fatores motivadores. A autora afirma que outros fatores compõem os estilos linguísticos, tais como, sexo/gênero do falante, tópico, público e gerenciamento de *persona*. Concordamos com a argumentação de Eckert (2001). Segundo a autora, “não está claro como a questão da atenção à fala será separada de outras questões – não há nada que demonstre que o surgimento do vernáculo em uma determinada atividade de fala se deve à falta de atenção, e não outros aspectos da atividade.”<sup>12</sup> (ECKERT, 2001: 122).

Bourdieu (2007: 434 - 436) argumenta que os indivíduos e grupos constituem-se sob “estruturas sociais incorporadas” nas quais “os agentes, são eles próprios, em sua prática comum, os sujeitos de atos de construção desse mundo.” Tais afirmações sustentam a concepção de grupo como um conjunto de indivíduos que compartilham práticas e significados, ou segundo o autor, compartilham “esquemas classificatórios (...) que funcionam aquém da consciência e do discurso” que formam um “senso comum”.

Dessa forma, “os agentes sociais (...) são produtores não apenas de atos classificáveis, mas também de atos de classificação que são, eles mesmos, classificados.” Sendo assim, o radialista, ao manifestar distintos estilos, o faz, nas palavras do autor, submetido a um “sentido de orientação social (*sense of ones's place*)” que “orienta os ocupantes de determinada posição no espaço social (...) para as práticas ou bens que convêm aos ocupantes dessa posição, que lhes ‘ficam bem’ ”, (BOURDIEU, 2007: 434 - 436) influenciando as formas linguísticas que construirão sua *persona* e seu estilo no rádio.

## 2.7 CONSTRUÇÃO DE *PERSONAE* E ESTILO

D’Onofrio e Eckert (2021: 30-31) afirmam que a “*persona* é construída de detalhes, combinando recursos semióticos, indexando não apenas características

---

<sup>12</sup> No original: “*But it is not clear how the issue of attention to speech will ever be separated from other issues – there is nothing to demonstrate that the emergence of the vernacular in a particular speech activity is due to lack of attention, and not other aspects of the activity.*”

demográficas, mas postura, afeto, qualidades, *status*” e que estes podem “ser expressos referencialmente, mas o estilo os combina” considerando que a variação fonológica é o “detalhe auditivo da semiótica da personalidade.”<sup>13</sup> O rádio tradicional é conduzido através de recursos essencialmente auditivos. Recentemente o rádio multimídia tem utilizado recursos visuais e textuais interativos para complementar sua abrangência, o que é uma mudança em andamento.

Ainda segundo as autoras (D’ONOFRIO; ECKERT, 2021: 31), “formas de personalidade incorporam ideologias poderosas”<sup>14</sup> e a “mudança social é marcada por mudanças nas figuras de personalidade”<sup>15</sup>. Ao dar espaço para a inserção de mulheres no mercado radiofônico não apenas como parte do entretenimento, mas também nas pautas jornalísticas (noticiosas) e editoriais, esse mercado se abre para uma mudança na forma de comunicar com seu público-alvo, ou seja, influenciando uma mudança de estilo.

Estilo, de acordo com Bell (2001), “é o que um falante individual faz com uma língua em relação a outras pessoas”<sup>16</sup>. Para esse autor, o “estilo deriva seu significado da associação de características linguísticas com determinados grupos sociais”<sup>17</sup>, sustentando a concepção de que radialistas “projetam seu estilo principalmente para e em resposta ao seu público”<sup>18</sup>. O autor observa, ainda, que “a variação na dimensão de estilo na fala de um único falante deriva e ecoa a variação que existe entre os falantes no ‘social’”<sup>19</sup>. No rádio, o locutor constrói distintos estilos linguísticos para projetar diferentes *personae* e produzir afetividade entre emissora e ouvintes.

Bourdieu (2007), ao analisar estilos de *personae* de falantes públicos, observa que “...em matéria de uso da língua, os burgueses e sobretudo os intelectuais podem se dar ao luxo de se valer de formas beirando a incorreção e a displicência, formas absolutamente vedadas aos pequenos-burgueses condenados à hipercorreção”. (BOURDIEU, 2007: 104) Um radialista é percebido como alguém que possui algum grau de intelectualidade, alguém que a burguesia (emissora) investiu de legitimidade. Deste fato decorre a relativa

---

<sup>13</sup> No original: “*Persona is built up of detail, combining semiotic resources indexing not only demographic characteristics but stance, affect, qualities, status.*” “*These can all be expressed referentially, but style combines them...*” “...phonological variation as the auditory detail of the semiotics of personhood.”

<sup>14</sup> No original: “...forms of personhood embody powerful ideologies”

<sup>15</sup> No original: “*Social change is marked by changes in figures of personhood*”

<sup>16</sup> No original: “*Style is what an individual speaker does with a language in relation to other people.*”

<sup>17</sup> No original: “*Style derives its meaning from the association of linguistic features with particular social groups.*”

<sup>18</sup> No original: “*Speakers design their style primarily for and in response to their audience.*”

<sup>19</sup> No original: “*Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the ‘social’ level.*”

liberdade que o comunicador tem em empregar um ou outro estilo de fala para construir sua persona. “Em suma, ao conferir aos consagrados uma essência indiscutível e indelével, um dos privilégios da consagração reside no fato de autorizar transgressões que estariam proibidas de outro modo.” (BOURDIEU, 2007: 104) Nesse sentido, o autor afirma que “aquele que se sente seguro quanto a sua identidade cultural pode jogar com a regra do jogo cultural, pode brincar com fogo”, ou seja, “possui o privilégio dos privilégios, aquele que consiste em tomar liberdades com seu privilégio” (BOURDIEU, 2007: 104), tal qual fazem alguns comunicadores.

Como parte da “doxa” do rádio, aplicam-se enunciados performativos, compostos por “significados ideológicos inculcados que prevalecem na sociedade e que o discurso recicla”<sup>20</sup> (COUPLAND, 2007: 101). Na fala de um comunicador público, formas mais vernaculares como a ausência de /R/ em coda silábica poderiam ser interpretadas como “incorrecções”. Entretanto, a depender do gênero comunicativo e do contexto, podem gerar identificação com o público.

Butler (1997: 145; 159) contesta a doxa defendida por Bourdieu argumentando que “os esforços do discurso performativo excedem e confundem os contextos autorizadores dos quais emergem”<sup>21</sup>, a já mencionada liberdade relativa que alguns comunicadores dispõem para realizar seus “atos insurreccionais”<sup>22</sup>. Ao introduzir uma nova marca, estilo ou persona, o locutor está, ao mesmo tempo, trazendo à tona seu repertório de marcas linguísticas e estilísticas já consolidadas, enquanto as recombina através de uma equação única, criativa e inovadora.

De acordo com Coupland (2007: 99-100), não há somente a força da imposição linguística que permeia a fala. Aqui estendido para a fala midiática, “o argumento geral contra o determinismo sociolinguístico é que os falantes – todos nós – são de fato investidos de consciência linguística e de potencial para se envolver criticamente.”<sup>23</sup> Essa ideia suscita a aplicação consciente de diferentes estilos no rádio, os quais refletem modelos presentes na sociedade enquanto promovem novas formas de construção comunicativa e social.

---

<sup>20</sup> No original: “doxa [...] the inculcated ideological meanings that prevail in society and that speech recycles.”

<sup>21</sup> No original: “the efforts of performative discourse exceed and confound the authorizing contexts from which they emerge” (BUTLER, 1997 : 159)

<sup>22</sup> No original: “ ‘insurrectionary acts’ ” (BUTLER, 1997 : 145)

<sup>23</sup> No original: “The general case against sociolinguistic determinism is that speakers – all of us – are indeed invested with language awareness and Sociolinguistic resources for styling a potential to engage critically.”



Segundo Coupland (2007):

O potencial das pessoas para provocar mudanças sociais faz parte do seu/nosso potencial como oradores. A ação social de falar é, poderíamos dizer, mudança social em um nível micro-sociológico, e precisamos considerar como “estilo” tem um papel particular a desempenhar na efetivação da mudança. (COUPLAND, 2007: 100)<sup>24</sup>

Eckert (2001) aborda a mudança de estilo como um dos pilares que constrói e sustenta as mudanças linguísticas. Para a referida autora, “estilo não é apenas o produto da construção de significado social, ou mesmo o *locus* da construção de significado social; é o que torna possível a negociação de tal significado.”<sup>25</sup> (ECKERT, 2001: 126) Essa negociação ocorre através da variação linguística, que os falantes promovem em diferentes níveis e contextos interativos. As variantes eleitas para essa estilização podem ou não estar associadas às variantes regionais que os ouvintes empregam usualmente. No caso da locutora analisada neste estudo, as variantes mobilizadas são características do português brasileiro de Porto Alegre, local de origem e trabalho da comunicadora.

## 2.8 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DE PORTO ALEGRE

Abordar a variação linguística no português de Porto Alegre implica esclarecer, mesmo que brevemente, a formação sócio-histórica da comunidade de fala, ponto de partida desta seção.

### 2.8.1 Formação sócio-histórica de Porto Alegre

Porto Alegre começou a ser povoada por portugueses açorianos em 1752 com a chegada de 60 casais, mas só foi oficialmente reconhecida em 26 de março de 1772, tornando-se no ano seguinte a capital da capitania. A partir de 1824 passou a receber imigrantes de todo o mundo, em maior número de alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses.

A cidade foi palco de conflitos históricos como a Guerra dos Farrapos, iniciada no bairro Azenha (região central) em 20 de setembro de 1835, contra o Império Português.

---

<sup>24</sup> No original: “*People’s potential for bringing about social change is part of their/our potential as speakers. The social action of speaking is, we might say, social change at a micro-sociological level, and we need to consider how ‘style’ has a particular role to play in effecting change.*”

<sup>25</sup> No original: “*style is not just the product of the construction of social meaning, or even the locus of the construction of social meaning; it is what makes the negotiation of such meaning possible.*”

Esse evento ajudou a criar o estereótipo do povo gaúcho como um povo “forte, aguerrido e bravo”, assim como versa a letra do Hino Riograndense.

Porto Alegre tem 496,684km<sup>2</sup> e “é um ponto de encontro de distintos sistemas naturais que imprimem uma geografia diversificada à cidade”<sup>26</sup>. A cidade é, de um lado, cercada por morros, de outro, rodeada pelo lago Guaíba, com mais 44km<sup>2</sup> de ilhas que compõem a capital. A formação geológica de Porto Alegre contribui para que conserve cerca de 30% de área rural em direção à Zona Sul, sendo a segunda capital mais arborizada do Brasil, o que influencia as práticas sociais de seus habitantes.

A cidade passou por grande reestruturação após a Guerra dos Farrapos, fomentando importante desenvolvimento de atividades portuárias, culturais, políticas, intelectuais e sociais. Porto Alegre é a cidade que abrigou e promoveu ícones como os escritores Luís Fernando Veríssimo e seu pai, Érico Veríssimo, as escritoras Lya Luft e Martha Medeiros, os cantores e compositores Elis Regina e Lupicínio Rodrigues, o poeta Mário Quintana e o político Leonel Brizola entre outras figuras que conquistaram expressividade nacional ou internacional em diferentes áreas.

Segundo o *site* oficial da Prefeitura de Porto Alegre, “Este mosaico de múltiplas expressões, variadas faces e origens étnicas, religiosas e linguísticas, faz de Porto Alegre, hoje com quase 1,5 milhão de habitantes, uma cidade cosmopolita e multicultural, uma demonstração bem-sucedida de diversidade e pluralidade.”<sup>27</sup>

Tais fatos históricos e culturais, ainda que brevemente tratados, auxiliam a visualizar o cenário multicultural da capital gaúcha, a ser mais aprofundadamente descrito adiante, no capítulo 3 (Metodologia, seção 3.1), ao se caracterizarem as zonas em que Porto Alegre se subdivide. Por ora, cabe afirmar que essa multiculturalidade tem influência na variação linguística observada na comunidade.

### **2.8.2 Algumas variáveis linguísticas no português de Porto Alegre**

Registros de processos de variação linguística observados no português de Porto Alegre podem ser encontrados em obras como o ALERS – Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH, KLASSMANN & ALTENHOFEN, 2002) – e em

---

<sup>26</sup> Fonte: Conheça Porto Alegre – *site* oficial da prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: [Conheça Porto Alegre | Prefeitura de Porto Alegre](#) Acesso em: 29/09/2022

<sup>27</sup> Fonte: Conheça Porto Alegre – *site* oficial da prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: [Conheça Porto Alegre | Prefeitura de Porto Alegre](#) Acesso em: 29/09/2022

estudos com dados do Projeto VARSUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil (BISOL, MENON & TASCA, 2008) – e com dados da amostra LínguaPOA (BATTISTI, 2019).

Em termos gerais, como veremos, os registros indicam que a capital do RS apresenta variáveis observadas também em outros falares brasileiros, mas que, em Porto Alegre, aplicam-se em proporções diferenciadas. Algumas realizações que se poderiam atribuir à colonização portuguesa, como a palatalização de /S/ em coda, por exemplo, não se observam no português de Porto Alegre.

Na fala vernacular do porto-alegrense, destacam-se realizações como: o *ingliding* de vogais tônicas (BATTISTI; OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2022), perceptível de oitiva em palavras como *né* ['nɛɐ̃] e IBOPE [i'boɐ̃pɪ] ao final de frases entoacionais, a variável de /R/ em coda silábica (ROCKENBACH; BATTISTI, 2021) como vibrante múltipla alveolar [r], tepe alveolar [ɾ] e apagamento (*mulhe[r]~mulhe[Ø]*, *po[r]que ~ po[Ø]que*, *dirigi[r] ~ dirigi[Ø]*), palatalização de /t/ e /d/ (*ʎia/dʒia*) e o uso predominante de “TU” (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002) na expressão de segunda pessoa de singular. Ao contrário do que ocorre em outras regiões do RS, onde a forma “VOCÊ” pode ser observada, na capital essa forma é pouco frequente no PB falado pelos nativos.

Em relação a variáveis características, os estudos de diferentes autores reunidos em Bisol e Battisti (2014) e outras fontes sobre o português falado no RS apontam que, além do *ingliding* e da variação na realização de /R/ em coda silábica, há no PB de Porto Alegre processos de:

a) alçamento das vogais médias /e, o/ em sílabas átonas, especialmente em sílabas átonas finais (*doce~doci*, *novo~novu*) e sílabas pretônicas, classificado nessa pauta por Bisol (2014) como: 1) harmonização vocálica (*domingo~dumingo*), 2) alçamento sem motivação aparente (*comer~cumer* / *senhor~sinhor*), 3) elevação da vogal E inicial e diante de S e N (*estranho~istranho* / *emprego~imprego*) e 4) elevação de /e/ em sílaba DES- em posição inicial de palavra (*desmaio~dismaio*). A fala de DC, locutora a ser aqui examinada, apresenta alçamento de vogais átonas finais e vogais pretônicas. Como veremos na análise (capítulo 4), na pronúncia da palavra “*siguinfi*” (seguinte), a locutora produz harmonização vocálica na sílaba pretônica e alçamento da vogal final; na palavra “*ispecialista*” (especialista), realiza elevação de vogal inicial /e/ diante de /S/ em coda silábica; na pronúncia de palavras como *descobri*, produz alçamento na sílaba DES-

b) palatalização regressiva de /t, d/: Battisti (2014) afirma que a palatalização é influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos e ocorre como um fenômeno categórico na cidade de Porto Alegre. Comparando índices obtidos com dados do NURC e VARSUL de Porto Alegre aos de outras comunidades no interior do RS, a autora verifica que os favorecedores linguísticos da palatalização são o contexto fonológico precedente (*metida~fedido*), o contexto fonológico seguinte (*tipo~dica*), a posição da sílaba na palavra, a tonicidade da sílaba (*atitude~médico*) e a qualidade da consoante alvo (*tia~dia*). Como fatores extralinguísticos, os principais favorecedores da ocorrência são o sexo/gênero feminino e ser pessoa jovem (20-39 anos). Como veremos, DC aplica palatalização de forma categórica, exceto nas sequências “*de tardi*” e “*de carreira*”.

c) vocalização da lateral em coda silábica: Moras (2017), em análise de dados do LínguaPoA, concluiu que a vocalização como em *ca[w]da* (calda) e *so[w]to* (solto) é uma realização categórica em Porto Alegre e que a realização não vocalizada (*ca[l]da*, *so[l]to*), embora verificada em algumas manifestações de falantes idosos, não é mais traço do português local. Quando /L/ não vocalizado ocorre em coda silábica no PB de Porto Alegre, é um traço de fala monitorada;

d) monotongação: Silveira (2019: 48) em sua tese, analisou dados do VARSUL acerca da monotongação de /ej/ (*peixe~peixe*), /aj/ (*caixa~caxa*) e /ow/ (*pouco~poco*) na capital sul riograndense. A análise incluiu pesquisas prévias sobre o apagamento de glide como de Cabreira (1996). Este último constatou que, nessa cidade, “o ditongo /aj/ só é monotongado quando seguido de fricativa palato-alveolar como em *caixa*, e o ditongo /ej/ é monotongado quando seguido por fricativa palato-alveolar ou por tepe/*flap* como em *feira*”. No ditongo /ow/ a monotongação é praticamente categórica na região. O estudo afirma, ainda, que mulheres tendem à monotongação, também é associada a fatores como escolaridade mais baixa, ao radical da palavra e à variedade geográfica, sendo Curitiba a cidade com maior tendência ao fenômeno variável;

e) a variação *tu~você* na expressão de segunda pessoa de singular (*tu sabe~você sabe*).

Os estudos de Scherre e Yacovenco (2011: 133-134) evidenciam que, nas regiões Sul, Nordeste e Norte, o uso de “TU” é mais frequente, sendo predominante entre mulheres em situações menos formais/mais íntimas nas quais permite-se menos polidez, havendo uma “variação estável entre as formas ‘TU’ e ‘VOCÊ’” marcando a “identidade geográfica dos falantes”. Veremos, adiante, nas transcrições da fala de DC, o uso variável de *tu*. Nas demais regiões, o “TU” é menos frequente. Havendo evidências de mudança

em progresso, trata-se de “mudança abaixo do nível de consciência social”. (SCHERRE; YACOVENCO, 2011: 133-134) Veremos que DC aplica ambas as formas alternadamente, corroborando as afirmações de Scherre e Yacovenco (2011).

f) variação na expressão de primeira pessoa de plural *nós~a gente*. Zilles, Maya e Silva (2000) observaram que a variante “NÓS” na cidade de Porto Alegre vem sendo rapidamente substituída por “A GENTE”. Teixeira (2021) realizou análise em tempo real, com dados do VARSUL (1990) e do LínguaPOA (2015-2019), do uso variável de *nós~a gente* no português de Porto Alegre. Concluiu que, na amostra VARSUL, 65% dos falantes faziam uso de ‘a gente’. Na amostra LínguaPOA, 87% dos informantes faziam uso de ‘a gente’. A variação nos dados ao longo de 25 anos demonstra que a forma ‘nós’ está menos frequente tanto em amostras de fala mais monitoradas quanto menos monitoradas. No referido estudo, não foi encontrada correlação do uso de ‘nós’ com a variável ‘estilo’, sendo essa forma observada em maior incidência nos dados do VARSUL na fala de homens, tanto em situações monitoradas quanto mais espontâneas. Como veremos na fala de DC, o uso de “A GENTE” parece ocorrer de forma categórica.

Uma vez apresentados os fundamentos teóricos desta investigação, passaremos à metodologia (capítulo 3) seguida na análise de dados realizada neste estudo (capítulo 4).

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo orienta-se pela teoria da variação e mudança linguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]), compreendendo que as escolhas do falante não são aleatórias, mas social e linguisticamente motivadas. A análise aqui contida é um estudo variacionista de terceira onda (ECKERT, 1989, 2004, 2008, 2012; ECKERT & RICKFORD, 2001; ECKERT & D'ONOFRIO, 2021), tratando de questões estilísticas da linguagem como manifestações de significados sociais compartilhados entre os falantes/ouvintes. Nesse sentido, além dos estudos mencionados, a pesquisa segue Coupland (2001, 2007) sobre as variações estilísticas intrafalante, para a análise da fala em diferentes situações de comunicação na locução de rádio.

#### 3.1 SELEÇÃO DAS RÁDIOS E DA COMUNICADORA

Em mapeamento prévio a este estudo (BARBOSA, 2021), foi possível observar que, quando se trata de comunicação no rádio, as mulheres no RS têm minoria representativa. Entre as 35 rádios mapeadas por amostragem, só 06 tinham ao menos uma locutora do sexo feminino. Apenas em uma mesma emissora do interior do estado, o maior número de mulheres encontradas foi 04, entre um total de 17 comunicadores, sendo a capital o maior polo de locutoras mulheres. Nas rádios da região metropolitana selecionadas para este estudo, havia, na ocasião, 02 locutoras ativas na Rádio União FM e 06 locutoras nas rádios do Grupo RBS (102.3FM e Gaúcha FM) compondo o quadro de comunicadores.

Destaca-se, nesse cenário radiofônico, uma locutora da capital do estado, Denise Cruz (DC), mulher, negra, aclamada pelo público e por seus pares, premiada por sua atuação no rádio, representando um *corpus* quase invisível – ou inaudível – no rádio gaúcho. Nas emissoras das quais fez parte, DC foi a única e primeira mulher negra a comandar um microfone.

Também por esse motivo, DC foi eleita para esta análise e, por implicação, as rádios (Rádio União FM e rádios do Grupo RBS, 102.3FM e Rádio Gaúcha FM) em que ela veio atuando no período em que se distribuem os dados aqui examinados (2015-2022). Contudo, esses detalhes, ainda que socialmente significativos, não constituem, por si só, o foco de interesse deste estudo. Interessa-nos compreender sociolinguisticamente como a locutora comunica-se no rádio, visando verificar quais variáveis linguísticas a

comunicadora mobiliza na construção de estilos de persona em diferentes situações de comunicação.

Para realizar a análise, é preciso examinar com quem e para quem a comunicadora emprega as variáveis, de modo a se distinguir entre os locutores profissionais por um estilo próprio. Para tanto, é imperativo compreender quem é DC, pois sua origem e influências compõem sua identidade social e profissional.

Ao longo de sua carreira, DC vem conquistando audiência cativa, sendo elogiada publicamente por ouvintes e colegas como “uma das vozes mais bonitas do rádio” (*sic* comentários nas redes sociais digitais). A locutora analisada possui graduação em Jornalismo (PUCRS 1999), atuando no rádio desde sua contratação como estagiária da Rádio Cidade FM, também do Grupo RBS. Nesse período, DC foi estagiária de todas as rádios FM do Grupo, apresentando diversos programas de entretenimento na rádio 102.3FM (antiga Itapema FM).

A radialista e professora universitária revela em suas redes digitais que é mãe de um menino e torcedora do Sport Clube Internacional, refere sua família como apoio de seu trabalho. A busca de dados nessas redes permitiu que, em alguma medida, fossem evidenciadas as opiniões dos ouvintes sobre a locutora. Entre os comentários públicos feitos pela audiência, não foi identificada nenhuma crítica à profissional, muito antes pelo contrário, as queixas são para as emissoras que “a perderam”.

Eleita pelo prêmio Press de jornalismo a Jornalista Destaque do Interior no ano de 2017, DC iniciou a sua carreira na cidade de Porto Alegre no Grupo RBS, emissora afiliada da Rede Globo, uma das principais emissoras do país. Foi convidada para integrar a equipe de comunicadores da Rádio União FM de Novo Hamburgo/RS no dia seguinte à sua saída da RBS em 2016 e convidada a retornar em 2022.

Na Rádio Gaúcha FM, atuou sozinha no noticiário de hora em hora (Notícia na Hora Certa) de segunda a sexta e de entretenimento no sábado (Super Sábado). Em seu retorno, em 2022, apresenta sozinha um programa de entretenimento musical sem interação com ouvintes na 102.3FM de segunda a sexta. Na Gaúcha FM, é coapresentadora e intercala o entretenimento musical com breves momentos de interação com o colega, trazendo informação através de comerciais interativos e entrevistas. Entre os anos de 2016 e 2022, DC comandou os microfones da Rádio União FM em programas de informação com entretenimento musical sozinha e acompanhada. Também foi Diretora de Rádio das rádios 105.3FM de Novo Hamburgo e 99FM de Pelotas, da Rede

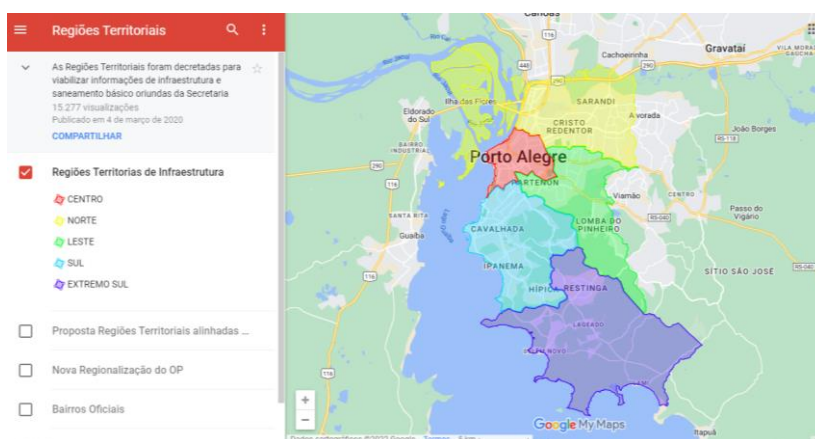
União FM. As distintas atuações de DC no período também motivaram a seleção para a pesquisa.

DC – Denise Regina da Cruz Paim – é caçula de 3 irmãos. Nasceu em 24/06/1974 em Porto Alegre, mais especificamente no limite com a Zona Sul (ZS) da cidade, tendo passado sua infância no bairro Menino Deus (MD), parte da região central. Atualmente, DC reside no bairro Guarujá, também na ZS. O bairro MD concentra grande parte dos quartéis e escolas militares de Porto Alegre, os quais se estendem pelo centro da cidade (onde situam-se os principais comandos da Marinha e Exército), escolas militares, universidades, museus, centros culturais e escolas públicas tradicionais.

Oficialmente, Porto Alegre é subdividida em 17 regiões, territorialmente são cinco macrorregiões: Norte, Centro, Leste, Sul e Extremo Sul. Os porto-alegrenses se distribuem territorialmente em quatro macrorregiões: Zona Norte, Zona Sul (sem distinção aparente entre Sul e Extremo Sul), Centro e Zona Leste. Os moradores<sup>28</sup> concebem o bairro MD como um dos limites da Zona Sul, pois, a partir desse local, a cidade distribui-se em direção a outras regiões com características mais urbanas e industriais, conforme descrição na sequência.

Na descrição, consideraremos as macrorregiões territoriais usadas pelos porto-alegrenses para compor as identidades das duas regiões que DC morou: Centro e ZS. A descrição justifica-se pelo pressuposto de que os estilos de vida peculiares às diferentes zonas da cidade podem relacionar-se a estilos de fala relativamente distintos (OLIVEIRA, 2018).

Figura 1 - Mapa de Porto Alegre subdividido em 5 macrorregiões



Fonte: ObservaPOA

<sup>28</sup> A autora desta dissertação é moradora da ZS desde 1982.



Porto Alegre possui uma área total aproximada de 496,68 quilômetros quadrados (km<sup>2</sup>) divididos em 94 bairros<sup>29</sup>. Na Figura 2, é possível visualizar o mapa da cidade de Porto Alegre e a divisão dos 94 bairros que a compõem. Em destaque na elipse azul visualiza-se o bairro Menino Deus e na elipse vermelha, o bairro Guarujá<sup>30</sup>, segundo dados do ObservaPOA, de iniciativa oficial da administração municipal.

Figura 2 - Bairros de Porto Alegre

Limite dos 94 bairros de Porto Alegre



Fonte: ObservaPOA

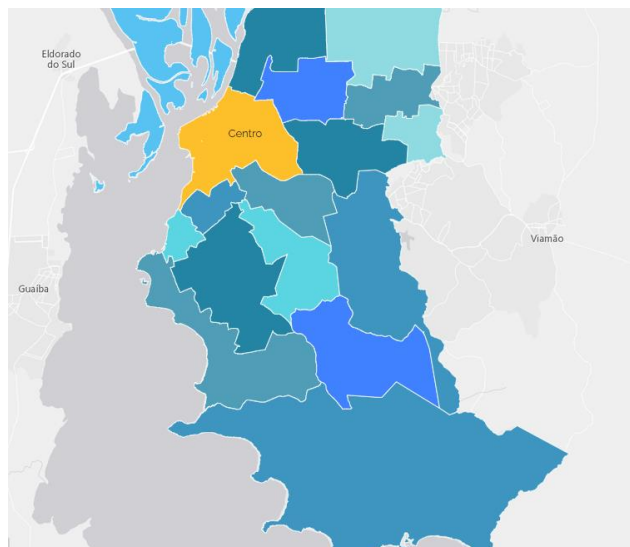
A Região Centro tem 276.799 habitantes, representando 19,64% da população do município, com área de 26,0 km<sup>2</sup> (ou 5,46% da área do município), sendo sua densidade demográfica de 10.646,12 habitante por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 0,51% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 8,81 salários mínimos. É composta

<sup>29</sup> Fonte: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/porto-alegre.html> Acesso em: 24/09/2022

<sup>30</sup> Fonte: [http://observapoa.com.br/default.php?reg=272&p\\_secao=46](http://observapoa.com.br/default.php?reg=272&p_secao=46) Acesso em: 24/09/2022

pelos bairros Auxiliadora, Azenha, Bela Vista, Bom Fim, Centro, Cidade Baixa, Farroupilha, Floresta, Independência, Jardim Botânico, Menino Deus, Moinhos de Vento, Mont´Serrat, Petrópolis, Praia de Belas, Rio Branco, Santa Cecília e Santana<sup>31</sup>. A região central da cidade concentra moradores e uma população sazonal trabalhadora e estudantil em horários comerciais e de lazer noturno.

Figura 3 - Mapa de Porto Alegre Região Centro em laranja



Fonte: ObservaPOA

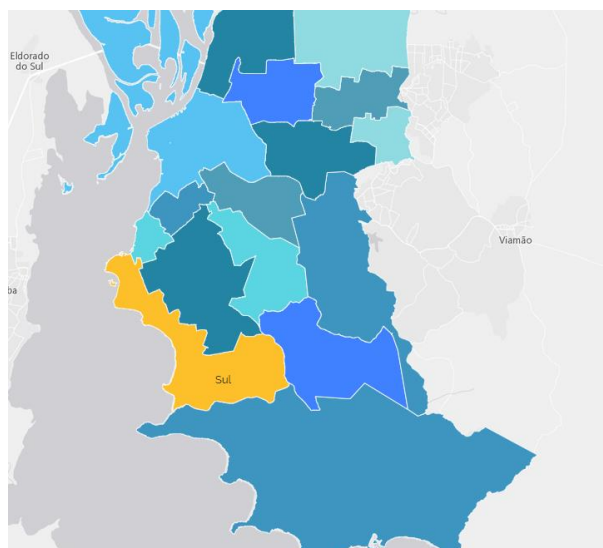
Os bairros Menino Deus, Cidade Baixa, Bom Fim, Moinhos de Vento e Independência começaram a ganhar certa notoriedade nos anos 70 e 80 por seus bares, casas noturnas e casas de shows. Ainda nessa época, o *rock* gaúcho começou a ganhar fama nacional, a região concentrou (e ainda concentra) jovens que buscam opções culturais e de lazer, uma espécie de berçário cultural da cidade. No Centro, encontram-se as sedes do poder executivo e legislativo, museus, casas de cultura, teatros, mercado público, biblioteca pública, as catedrais metropolitanas católica e evangélica e a rodoviária intermunicipal, além de extensa variedade de lojas e serviços para todas as demandas. Judeus historicamente representam uma comunidade de presença minoritária, porém marcante por essa região, sendo o bairro Bom Fim o símbolo da colonização judaica em Porto Alegre.

<sup>31</sup> Fonte: ObservaPOA [http://observapoa.com.br/default.php?reg=272&p\\_secao=46](http://observapoa.com.br/default.php?reg=272&p_secao=46) Acesso em: 24/09/2022

A Zona Sul (ZS), por sua vez, é o cartão postal da cidade. A partir dela, são realizados os principais registros fotográficos de Porto Alegre (POA), por situar-se às margens do lago Guaíba. A Região é composta pelos bairros: Espírito Santo, Guarujá, Hípica, Ipanema, Jardim Isabel, Pedra Redonda, Serraria, Tristeza, Vila Assunção e Vila Conceição. Tem 83.312 habitantes, representando 5,91% da população do município. Com área de 29,73 km<sup>2</sup>, representa 6,24% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 2.802,29 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 1,99% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 6,69 salários mínimos, segundo dados da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e IBGE- Censo Demográfico 2010 disponível no site do ObservaPOA<sup>32</sup>.

Essa região caracteriza-se por atributos mais interioranos, rurais e litorâneos, uma vez que é a região que abriga a orla do lago que abastece a cidade, possibilitando a seus moradores praticar atividades ao ar livre, como caminhada, corrida, bicicleta, patinação, *skate* e esportes coletivos como futebol, vôlei e *beach tennis*. Prática comum aos porto-alegrenses da ZS é contemplar o pôr do sol no Guaíba, passear com família e animais de estimação pela orla, tomando chimarrão, enquanto cumprimentam de passagem os amigos que encontram pelo caminho.

Figura 4 - Mapa de Porto Alegre Região Sul em laranja



Fonte: ObservaPOA

<sup>32</sup> Fonte: [http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=16\\_2\\_114](http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=16_2_114) Acesso em: 24/09/2022.

Na ZS, concentra-se grande parte dos descendentes de italianos vindos de zonas rurais do interior do estado, com suas famílias, em busca de mais oportunidades profissionais. Estabelecem-se nesta região pela semelhança com seus antigos lares e práticas sociais, muitos morando em sítios ou pequenas propriedades residenciais rurais existentes na ZS, onde podem plantar, ter animais e conviver com uma natureza privativa, privilégio que as áreas mais urbanas da cidade não disponibilizam. Essas migrações ajudam a compor a identidade ZS e também definem comércios e serviços dessa região.

Circulando pelas ruas da região sul da cidade, encontram-se incontáveis mercados, hortifrutis e restaurantes de bairro, cujos nomes ostentam os sobrenomes de origem italiana, como “Sbruzzi”, “Riboli”, “Tolotti”, “Prezzi”, “Carboni”, “Zanella”, “Pastoriza”, para citar alguns. É notório na região o empreendedorismo no ramo alimentar promovido por esses habitantes. Na ZS, Porto Alegre tem ares interioranos. Algumas de suas calçadas e praças são redutos de lazer e encontros com os amigos. Um dos extremos da ZS faz divisa com Viamão, cidade da grande Porto Alegre, numa área de características rurais. A ZS seria, portanto, comparável ao interior/litoral em termos de práticas (menos urbanas) e *status* social. As demais regiões da capital, conforme descrito, seriam mais urbanas.

MD, o bairro onde DC nasceu e cresceu, é considerado pelos moradores da ZS como mais elitizado, concentrando comércios e serviços profissionais, uma espécie de “centro da Zona Sul”, cujas práticas são mais aproximadas da região central do que da orla sul. Denise viveu e trabalhou nas proximidades de seu bairro. A sede antiga das rádios do Grupo RBS localizava-se no Morro Santa Teresa, ponto alto na geografia da cidade - localização técnica estratégica - onde estão sediadas a maior parte das emissoras locais de rádio e TV e que faz divisa com o bairro MD. O bairro também compõe a zona histórica de Porto Alegre, mas mescla-se às modernidades, o que se reflete também nas práticas dos seus moradores. Denise costumava frequentar os bairros Bom Fim, Centro e Cidade Baixa na adolescência, no Bar do João, Ocidente, Opinião, conforme relatos em sua entrevista ao Programa Lado B, analisado adiante.

Compreende-se, como afirmamos antes no capítulo 2 (Fundamentação teórica), que, nas situações de comunicação, sejam elas públicas ou privadas, o falante emprega em maior ou menor medida traços estilísticos que contribuam para a construção de personas (ECKERT, 2000; COUPLAND, 2007). Na região metropolitana de POA, encontramos cenários de práticas linguísticas bastante distintos entre si, assim como observa-se também em outras capitais. Seria natural, portanto, conceber que as práticas

linguísticas midiáticas de uma locutora como DC, nascida em POA, expusessem essa diversidade de estilos e variações, observada na comunidade de fala e eventualmente utilizada no rádio.

Analisaremos essa hipótese na locução de DC, em diferentes situações de comunicação. Sendo DC uma porto-alegrense nativa do Centro e habitante da ZS, espera-se que DC empregue, por exemplo, variantes como o *ingliding*, que soa desencanada, relaxada, informal (OLIVEIRA, 2018), em situações de comunicação que mobilizam personas de fala menos monitorada; na via inversa, acredita-se que ela empregue uma variante como *nós*, mais conservadora, em situações de comunicação no rádio que mobilizam personas de fala monitorada, como na locução de notícias, por exemplo, o que aumenta a credibilidade do radialista e da rádio.

### 3.2 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

A amostra analisada constitui-se de 07 vídeos, totalizando 51 minutos e 30 segundos, e 03 áudios contendo ao todo 04 horas e 47 minutos de fala pública. Da amostra, selecionaram-se 41 excertos para análise, transcritos (OSTERMANN, 2012) em parte ou na íntegra, com o objetivo de descrever qualitativamente os eventos linguístico-estilísticos manifestados pela locutora e seus significados sociais. O critério de seleção dos excertos foi a identificação de variação intrafalante e os temas abordados nas trocas linguísticas, que permitem identificar as personas envolvidas em cada situação de comunicação, permitindo também ao leitor acompanhar a composição de fatores que levam à análise.

Para efeito do que se propõe na presente pesquisa, foram analisados excertos de comunicações públicas de DC. Os dados foram publicados nas redes sociais digitais das emissoras de rádio União FM, da cidade de Novo Hamburgo, e Grupo RBS, de Porto Alegre/RS. Os materiais foram disponibilizados na plataforma de *streaming* de áudio *SoundCloud* e em vídeos publicados no Facebook entre os anos de 2015 e 2022. Os programas foram selecionados por apresentarem situações de comunicação distintas, possibilitando o emprego de diferentes estilos linguísticos, ainda que, aparentemente sutis ao ouvinte menos atento aos fatos linguísticos destacados. Por tratar de dados públicos, o estudo dispensa submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Nas transmissões selecionadas, DC está acompanhada em diversos momentos. Em outros, cuja locução é monológica, os áudios são acompanhados de trilhas musicais ou

ruídos que impedem análises acústicas aprofundadas sobre a comunicadora. Entretanto, compreendendo as práticas estilísticas (linguísticas ou não) do rádio, compreende-se que o fundo musical ajuda a compor o estilo de locução de um radialista.

As situações de comunicação em que se analisa o uso de variáveis linguísticas para a construção de estilos de persona correspondem a 5 (cinco) gêneros radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2009): entrevista, comunicado (informação), entretenimento, chamada publicitária (*teaser*) e comercial.

Os dados de cada situação de comunicação são de dois tipos, possibilitando examinar possíveis diferenças atribuíveis aos papéis desempenhados pela locutora, temas tratados, veículo de transmissão, objetivos, interlocutores presentes (ou não).

Na situação Entrevista, o tipo “Entrevista 1” analisa uma situação na qual DC é entrevistada por um colega/diretor da emissora onde atuava na ocasião. Na situação “Entrevista 2”, a locutora é uma das entrevistadoras. Ambas as entrevistas foram transmitidas via rádio FM e via web pela Rádio União.

O “Comunicado 1” traz DC e seu colega radialista informando sobre os procedimentos adotados pela emissora em virtude da pandemia de Covid-19, que iniciou no Brasil em março de 2020. No “Comunicado 2”, DC está com outro colega, informando sobre a morte de um célebre cantor, em transmissão apenas via redes sociais da emissora.

A situação “entretenimento” contempla transmissões ao vivo via rádio de distintas emissoras. O “Programa 1” chamado Check-in, foi apresentado com uma colega jornalista via Rádio União em 2016. No “Programa 2”, o mais recente, a locutora faz a apresentação do programa Super Sábado com um colega pelo Grupo RBS via Rádio Gaúcha.

Os “comerciais” são da mesma emissora, Grupo RBS. O “Comercial 1” é anterior à saída de DC do Grupo RBS e foi transmitido somente via redes sociais. Já o “Comercial 2” é mais recente, foi ao ar após o retorno de DC para a emissora e foi difundido exclusivamente via rádio FM e *web* pelo Grupo RBS.

As chamadas publicitárias (*teasers*) foram transmitidas exclusivamente pelas redes sociais. Na “Publicidade 1”, Denise está sozinha. Na “Publicidade 2”, DC divide a locução com outro colega radialista, trazendo novidades sobre o lançamento de um grande evento musical internacional.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nos excertos selecionados, pretende-se analisar o uso de variáveis linguísticas em distintas situações de comunicação. A análise será qualitativo-interpretativa e requererá (a) transcrição dos dados (b) análise qualitativo-interpretativa (discursiva) dos dados.

#### 3.3.1 Transcrição dos dados

Os excertos destacados dos áudios e vídeos foram transcritos de modo a registrar a sequencialidade das trocas linguísticas, realizadas na interação pela fala, e pistas de contextualização das atividades de fala realizadas, na qual as variáveis linguísticas e paralinguísticas desempenham papel relevante, como mostraremos. Para efeito das transcrições, foram utilizadas as seguintes convenções (Quadro 1), apresentadas por Ostermann (2012) a partir das normas de Jefferson (1984), traduzidas e adaptadas por Schnack, Pisoni e Ostermann (2005):

**Quadro 1** – Convenções de transcrição

[texto]	Falas sobrepostas
=	Fala colada
(.)	Micropausa
,	Entonação contínua
.	Entonação ponto final
?	Entonação pergunta
-	Interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
>texto<	Fala mais rápida
<texto>	Fala mais lenta
°texto°	Fala com volume mais baixo
TEXTO	Fala com volume mais alto
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas
XXXX	Texto inaudível
((texto))	Comentários da transcritora
@@	Risada
↓	Entonação descendente
↑	Entonação ascendente

Fonte: Ostermann (2012, p. 40)

### 3.3.2 Variáveis linguísticas consideradas

As variáveis linguísticas examinadas foram antes descritas (seção 2.8.2): *ingliding* de vogais tônicas (*né* ['nɛɐ], IBOPE [i' bɔɐpi]), realização de /R/ em coda silábica como vibrante alveolar, tepe alveolar ou apagamento (*mulhe[r]~mulhe[Ø]*, *po[r]que ~ po[Ø]que*, *dirigi[r] ~ dirigi[Ø]*), alçamento das vogais médias /e, o/ em sílabas átonas, em sílabas átonas finais (*doce~doci*, *novo~novu*) e em sílabas pretônicas, por harmonização vocálica (*domingo~dumingo*), alçamento sem motivação aparente (*comer~cumer*, *senhor~sinhor*), elevação da vogal E inicial e diante de /S/ e /N em coda silábica (*estranho~istranho*, *emprego~imprego*), elevação de /e/ em sílaba DES- em posição inicial de palavra (*desmaio~dismaio*), palatalização regressiva de /t, d/ (*tijolo~tʃijolo*, *dinheiro~dʒinheiro*, *ponte~pontʃi*, *cidade~cidadʒi*), vocalização da lateral em coda silábica como em *ca[w]da* (calda) e *so[w]to* (solto), monotongação de /ej/ (*peixe~pexe*), /aj/ (*caixa~caxa*) e /ow/ (*pouco~poco*), a variação *tu~você* na expressão de segunda pessoa de singular (*tu sabe~você sabe*), variação na expressão de primeira pessoa de plural *nós~a gente* (*nós sabemos~a gente sabe*).

As variantes fonéticas de variáveis fonológicas consideradas nesta pesquisa são registradas em escrita alfabética/ortoépica, alternada com símbolos do *International Phonetic Alphabet* (IPA)<sup>33</sup> que permitam caracterizar as variantes observadas. No Quadro 2, apresentamos um resumo demonstrativo da transcrição de variantes fonéticas das variáveis identificadas e exemplos de sua produção conforme os dados transcritos.

Quadro 2 –Exemplos do registro de variantes fonéticas nas transcrições

Variável	Exemplos
<i>Ingliding</i>	<b>nɛɐ</b>
Palatalização de T	part <b>ʃ</b> ir
Palatalização de D	<b>dʒ</b> iscubri
R em coda vibrante alveolar	confir <b>m</b> adu
R em coda tepe alveolar	mel <b>h</b> or
R em coda nulo (apagamento)	pensa <b>Ø</b>
Vocalização de líquida lateral	flexív <b>ew</b>

Fonte: a autora

<sup>33</sup> Os símbolos do IPA não aparecem entre colchetes nas transcrições aqui efetuadas, como na transcrição fonética canônica, porque, no sistema seguido (Quadro 1), colchetes são usados para registrar sobreposição da fala. Usa-se negrito para destacar essas ocorrências sempre que possível.



As ocorrências de alçamento das vogais átonas /e, o/ são registradas ortograficamente com as letras *i, u* (*siguintfi* ‘seguinte’, *gubernu* ‘governo’).

### 3.3.3 Variáveis paralinguísticas consideradas

As variáveis paralinguísticas consideradas na análise são o *vocal fry*, o *pitch* e a entonação.

*Vocal fry* é definido como uma crepitação presente na voz, cuja frequência fundamental média gira em torno de  $F_0 = 73.10$  Hz, com desvio padrão de 6.7 (OLIVEIRA *et al.*, 2015). Oliveira *et al.* (2015), ao analisarem a fala espontânea de mulheres jovens e de meia-idade americanas, constataram alta aplicação desse recurso vocal nos dois grupos analisados, em sua maioria observados na porção final das palavras ou sentenças. Veremos essa correlação nos dados coletados para este estudo. Nas transcrições, o *vocal fry* será registrado por meio de comentários da autora na transcrição.

O *pitch* vocal é uma característica acústica que as emissões sonoras da fala possuem. Refere-se à frequência fundamental ( $F_0$ ) do som vocal, sendo definido por suas características físicas das ondas como grave (*low*) ou agudo (*high*) e medido em Hertz (Hz). De acordo com Behlau (2001) a gama de frequências vocais masculinas (80Hz a 150Hz) é considerada como de *pitch* mais grave e a gama feminina (150Hz a 250Hz), *pitch* mais agudo. Soto Sanfiel (2008) citado por Martín-Santana *et al.* (2014) define vozes femininas com *pitch* agudo quando  $F_0 = 189\sim 225$ Hz e *pitch* grave quando  $F_0 = 115\sim 151$ Hz.

Martín-Santana *et al.* (2014: 157) analisaram a forma como certas características vocais de radialistas como sexo (masculino/feminino), *pitch* vocal (grave/agudo), sotaque (local/padrão) aliadas ao uso de música influenciam a efetividade de *spots* comerciais sob perspectivas cognitivas, afetivas e conativas. Com base na diferença entre os níveis de efetividade nas características vocais, o estudo concluiu que vozes femininas com *pitch* grave são mais bem avaliadas pelos ouvintes em todas as dimensões analisadas, assim como a voz propriamente dita, considerada como de maior “afinidade, profissionalismo, confiança e confiabilidade e menos chata”<sup>34</sup>, assim como ocorre nas avaliações positivas

---

<sup>34</sup> No original: “Similarly, the moderating role of gender is very significant in female voices, where low pitched voices have been the best rated in all dimensions as well as the voice itself, regarded as that with greatest affinity, professionalism, trust and reliability and the least boring.”

que DC recebe através das redes sociais, como veremos. As alternâncias de *pitch* serão assinaladas nas transcrições via comentários da autora.

A entonação (ou entoação) constitui-se por um elemento prosódico da fala. Neste estudo, as variações de entonação são registradas na transcrição como ascendentes pelo símbolo ↑ e quando descendentes pelo símbolo ↓ (Quadro 1). Isso significa dizer que, durante a fala, são perceptíveis de oitiva variações melódicas na fala de DC, cujas variações são significativas na situação de comunicação.

Miranda (2015) analisou a entoação do português brasileiro sob contornos melódicos relevantes perceptivamente como: asserção, questão total, ordem, desafio, pedido, sugestão, questão parcial e exclamação. A autora refere Hart, Cohen & Collier (1990) afirmando que é possível ao falante controlar traços vocais como volume, tempo, ritmo, altura melódica, qualidade de voz, conforme observado neste estudo.

### 3.3.4 Linha de análise

Analisaremos os dados através dos “processos de contextualização de identidades”<sup>35</sup> de Coupland (2007: 111-114). De acordo com o referido autor, em situações nas quais os sujeitos têm algum controle sobre as personas projetadas pela fala, levar em conta tais processos possibilita tratar com mais precisão o modo como os falantes realizam atos de identidade. São cinco os processos de contextualização de personas sugeridos pelo autor: *targeting*, *framing*, *voicing*, *keying* e *loading*.

*Targeting*<sup>36</sup> ou ‘direcionamento’ “está envolvido em fazer atos de identidade porque a ação discursiva é frequentemente direcionada para moldar a persona de um participante em particular, mais tipicamente um falante ou um ouvinte.” (p. 112) Segundo o autor, o direcionamento é atributivo, ou seja, atribui identidades a outros.

*Framing*<sup>37</sup> ou ‘enquadramento’ “está crucialmente envolvido na determinação de como certas identidades se tornam relevantes ou *salientes* no discurso.” (p. 112) Os enquadramentos podem ser subdivididos em três categorias: *socio-cultural framing* (*macro-level social frames*) ou enquadramento sociocultural (nível macrossocial), *genre framing* (*meso-level social frames*) ou enquadramento de gênero (*nível mesossocial*) e

<sup>35</sup> No original: “*identity contextualization processes*”

<sup>36</sup> No original: *Targeting is involved in making acts of identity because discursive action is often directed at shaping the persona of one particular participant, most typically either a speaker or a listener.*

<sup>37</sup> No original: “*Framing [...] is crucially involved in determining how particular identities are made relevant or salient in discourse.*”

*interpersonal framing (micro-level social frames)* ou enquadramento interpessoal (nível microssocial).

No ‘enquadramento sociocultural’ (*socio-cultural framing*), “os atos de identidade são empreendidos por falantes que posicionam a si próprios, ou a outros, em relação a uma ecologia social pré-compreendida”.<sup>38</sup> (p. 113)

O ‘enquadramento de gênero’ (*genre framing*) compreende que “atos de identidade podem ser feitos em relação a um gênero específico, por exemplo, em termos de papéis de participantes”.<sup>39</sup> (p. 113)

Já no ‘enquadramento interpessoal’ (*interpersonal framing*), “ao usar um recurso específico, um falante pode se autodenominar como, por exemplo, mais ou menos poderoso dentro de um determinado relacionamento, ou estilizar o relacionamento como sendo mais íntimo ou menos íntimo”.<sup>40</sup> (p. 113 - 114)

*Voicing* ou ‘vozeamento’ “refere-se a como um falante representa ou implica a propriedade de um enunciado ou uma maneira de falar. No domínio do estilo, é imprudente supor que as pessoas falam exclusivamente em e por meio de suas próprias vozes”, segundo o autor. Além disso, “os falantes frequentemente citam ou reconstroem as palavras de outras pessoas e, ao fazê-lo, podem flexionar essas vozes-fonte de várias maneiras, dando-lhes traços e qualidades de identidade particulares. Isso nos leva a processos de imitação e paródia”.<sup>41</sup> (p. 114)

*Keying*<sup>42</sup> ou ‘tom’ relaciona-se com o ‘tom, maneira ou espírito do ato, zombeteiro ou sério’. “As consequências identificadoras de um ato ou projeção dependem crucialmente de sua codificação, porque o tom nos permite inferir – às vezes mais adivinhar do que inferir— a motivação comunicativa de um falante”. (p. 114)

---

<sup>38</sup> No original: *In socio-cultural frames, acts of identity are undertaken by speakers positioning themselves, or others, in relation to a pre-understood social ecology.*

<sup>39</sup> No original: *Acts of identity can be made in relation to a specific genre, for example in terms of participant roles (what social role a speaker has in carrying forward a particular speech genre).*

<sup>40</sup> No original: *By using a particular feature, a speaker might style himself or herself as, for example, more or less powerful within a particular relationship, or style the relationship as being a more intimate or less intimate one.*

<sup>41</sup> No original: *Voicing refers to how a speaker represents or implies ownership of an utterance or a way of speaking. In the domain of style, it is rash to assume that people speak exclusively in and through their own voices. [...] speakers often quote or reconstruct the words of other people, and in so doing they can inflect those source voices in various ways, giving them particular identity traits and qualities. This takes us towards processes of imitation and parody*

<sup>42</sup> No original: *key relates to the ‘tone, manner or spirit of the act, mock or serious’ [...] The identificational consequences of an act or projection depend crucially on its keying, because key allows us to infer – sometimes more guesswork than inference – a speaker’s communicative motivation.*

*Loading* ou ‘carga’, segundo Coupland (2007: 114):

é uma extensão do *keying*, referindo-se ao nível de investimento de um falante em uma identidade que está sendo negociada. Projeções ou atribuições de identidade "diretas" ou seriamente codificadas podem ser leves ou mesmo rotineiras em seu efeito. Em outros contextos, os mesmos atos podem ser pesados ou expressivos, porque a carga de um ato de identidade deve ser lida em relação aos pressupostos contextuais que estão em jogo.<sup>43</sup>

Apresentados os procedimentos metodológicos e a linha de análise, o capítulo a seguir dedica-se ao exame dos dados levantados para este estudo.

---

<sup>43</sup> No original: *Loading is an extension of keying, referring to the level of a speaker's investment in an identity being negotiated. 'Straight' or seriously keyed identity projections or ascriptions can be light or even routine in their effect. In other contexts the same acts can be weighty or telling, because the loading of an act of identity has to be read relative to the contextual assumptions that are in play.*

## 4 ANÁLISE

Este capítulo dedica-se à análise dos dados de locução de DC em diferentes situações de comunicação no rádio e em outras mídias, para esclarecer o papel das variáveis linguísticas e recursos paralinguísticos na construção de diferentes *personae* e estilos linguísticos. O capítulo está organizado conforme o tipo de situação em questão, iniciando pelas entrevistas.

### 4.1 ENTREVISTAS

Entrevistas midiáticas são situações de fala pública na qual os participantes executam atividades de fala-em-interação, porém, com a particularidade de entreter ou informar uma audiência. Nessas situações, o tema costumeiramente dá o tom das comunicações. As entrevistas midiáticas distinguem-se em formatos e definições (PEREIRA, 2017, BARBOSA FILHO, 2009). Entre as entrevistas jornalísticas temos temáticas de personalidade, investigativas e informativas, por exemplo.

As entrevistas de personalidade têm por objetivo destacar os feitos pessoais dos entrevistados. Entrevistas investigativas visam trazer à luz dados que compõem um fato. Por fim, entrevistas informativas costumam fazer perguntas a uma autoridade em determinado assunto com o intuito de informar ou esclarecer questões de ordem técnica para a audiência.

Nas entrevistas selecionadas para análise deste estudo, veremos dois exemplos de entrevistas de personalidade. Na primeira, DC é a entrevistada, na segunda é a entrevistadora. Em comum entre ambas, destacam-se a emissora e a interlocução com colegas. Procura-se compreender *se e como* a mesma locutora constrói diferentes estilos, quais variáveis linguísticas e recursos paralinguísticos são usados para tanto.

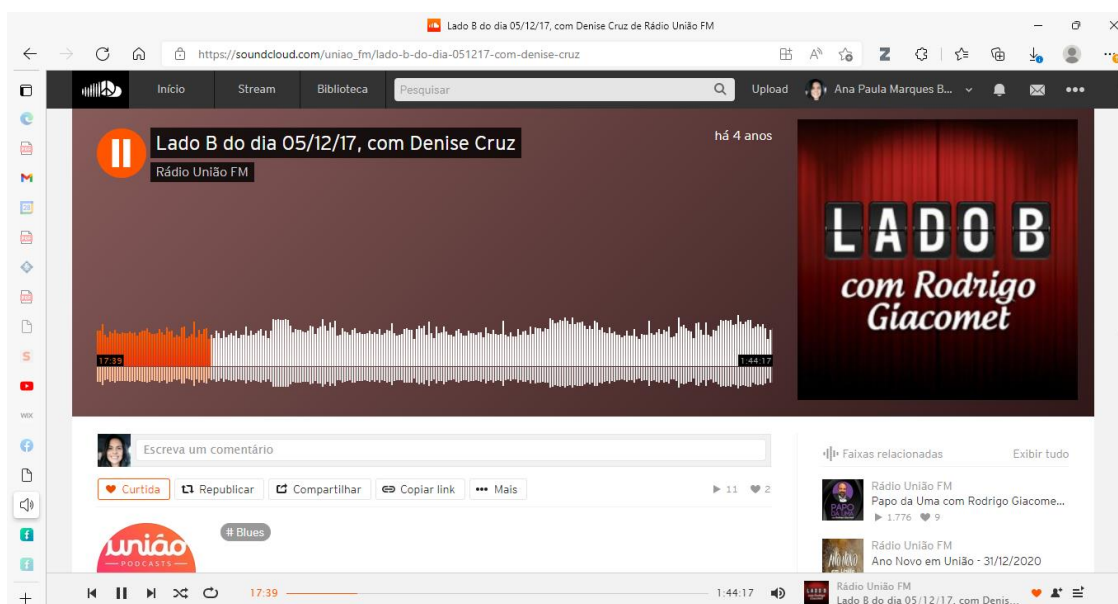
#### 4.1.1 Entrevista 1

O primeiro dado analisado é uma entrevista<sup>44</sup> ocorrida em 05/12/2017 no Programa Lado B, da Rádio União FM. Rodrigo Giacomet (RG) entrevista DC.

---

<sup>44</sup> Disponível em: [https://soundcloud.com/uniao\\_fm/lado-b-do-dia-051217-com-denise-cruz?utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/uniao_fm/lado-b-do-dia-051217-com-denise-cruz?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing) Acesso em: 01/04/2022

Figura 5 - Página do programa Lado B no SoundCloud



Fonte: SoundCloud União FM

A gravação do programa foi realizada em um estúdio da rádio, transmitido ao vivo via FM e *Facebook* e está disponível em formato de *podcast*<sup>45</sup> na plataforma de *streaming* SoundCloud na página digital da rádio Uniãocast. A proposta da entrevista é tratar de assuntos não convencionais ou evidentes com os entrevistados. RG, apresentador e diretor da Rádio União FM, esclarece que o objetivo do programa é fazer com que os entrevistados falem sobre assuntos que usualmente não seriam questionados “*a ideia é justamente essa, intimidar o convidado*” (6:00 – 6:03), em resposta à DC que inicia sua fala com “*olha, i eu vo ti dizeØ essa tua trilha mi assusta*”.

O programa analisado não foi disponibilizado em plataformas de vídeo, não sendo possível analisar gestos, expressões faciais e indumentária dos participantes, mas a entrevistada afirma que ao se preparar para a entrevista pensou: “*vo passaØ batom, vo mi perfumaØ, né, vo ficaØ to:da linda pra intrevista...*” (05:28) ilustrando que houve uma preocupação com sua aparência ainda que a entrevista não fosse veiculada por vídeo.

As primeiras manifestações de DC nesse dado são mais monitoradas e, conforme o andamento da entrevista, DC permite-se maior espontaneidade. Observa-se de oitiva que, durante a conversa, seu *pitch* torna-se menos grave do que durante suas locuções

<sup>45</sup> *Podcast* é um gênero de transmissão de conteúdos via *internet*, composto por gravações de entrevistas, comentários, notícias e programas, temáticos ou não, que foram transmitidos ao vivo através de outras mídias como rádio e TV. Este gênero de comunicação social está completando 18 anos de existência, mas viu seu consumo quadruplicar (Kantar IBOPE, 2021) durante o período da pandemia de 2020-2021.

profissionais. Emprega “tu” como forma de tratamento ao citar exemplos e se dirigir ao colega RG. Usa termos populares como “*nhaca*” (51:05) ao referir-se à situação atual de seu time de futebol, palavra com conotação de algo que não está indo bem, ri e volta à pauta com seriedade.

Coupland (2007: 111) atenta para o fato de que pesquisas que analisam a estilização de identidades sociais possuem uma “limitação primordial”<sup>46</sup>. O limitador seria termos “pouca noção dos fatores contextuais envolvidos na projeção de identidades”. De toda forma, como faremos nesta análise, examinaremos a sequencialidade da interação e tomaremos as variáveis linguísticas como pistas de contextualização na construção de sentidos e projeção de personas. Para tanto, assumiremos o pressuposto de que as motivações que mobilizam os falantes a usarem as variáveis são distintas e peculiares a cada situação social, uma vez que “os atos de identidade precisam ser tecidos em contextos sociais particulares”<sup>47</sup>, onde podem nascer até mesmo os posicionamentos de quem fala para com os temas explorados e/ou para com os interlocutores.

No Excerto 1, por exemplo, DC realiza /R/ em coda silábica de forma variável, em formas verbais no infinitivo em assuntos relacionados à sua vida profissional, mas ao tratar de assuntos pessoais, há constante apagamento desse segmento. Por convenção, DC é definida como Locutora 1 (L1) e RG é o Locutor 2 (L2).

### Excerto 1:

01	L1:	ai eu achu qui é sorrindu, né? ((expira))
02	(41m37)	eu achu qui é levandu alegria
03		ã: eu tenhu muito a coisa dji qui
04		si <u>a gentfi</u> podi <i>olhaØ</i> um:, um: uma questão
05		pur OUtrus ladus pur Outrus lugaris
06		>vamuØ <i>olhaØ</i> pelu ladu bom<
07		vamuØ pegaØ as coisas boas
08		eu achu qui <u>a gentfi</u> busca u qui não é posiifivu pru crescimentu, <b>nεε</b>
09		mas não FOca apenas nissu <b>nεε</b>
10	L2:	((sobre os comentários dos ouvintes)) vi VÁ:rias pessoas comentarem, dizer

<sup>46</sup> No original: *The overriding limitation is therefore that we get little sense of the contextual factors involved in projecting identities.*

<sup>47</sup> No original: *acts of identity need to be woven into particular social contexts.[...] Their meanings will reflect their contextual placement and shaping.*

11		a Denisi pareci qui tá sempri sorrINdu nu microfoni, ela mi aNIma
12		tu sabi qui tu tem essi poder?
13	L1: (42:18)	eu džisCUBRI issu eu não, não ¶Inha ideie:
14	L2:	džiscubriu quando?
15	L1:	fazendu, quando as pessoas começaram a mi daØ essi retoꝛnu ((vibrante))
16		começaram a džizeØ exatamen¶i issu
17		pareci qui <b>tu tá</b> sempri dži bem cum a vida
18		pareci qui <b>tu tá</b> sempri sorrindu, pareci qui <b>tu tá</b> sempri [alegri]
19	L2:	[i tu sabi=]
20		qui isso interferi muitas [vezis (.)]
21	L1:	[nu džIA da pessoa]
22	L2:	[não qui seja responsabilidadi tua ne, mas, interferi]
23	L1	((varia grave/agudo)) [NÃO, NÃO! (.) exatu (.) interféri(.) interféri]

Não se observam na fala de DC traços fonéticos suprarregionais como palatalização de /S/ em coda silábica, por exemplo. Seu interlocutor, RG, é gaúcho. Em diversos momentos, RG realiza /R/ em coda como vibrante múltipla alveolar, desde a abertura do programa. Ou seja, também ele promove variação intraindividual no que se refere à realização de /R/ em coda silábica.

No Excerto 1, RG inicia um “*pinga-fogo*”,<sup>48</sup> perguntando para DC “*como motivar alguém?*” Obtém como resposta os trechos destacados a partir da linha 01. Na sequência, faz perguntas sobre a comunicação de DC no rádio e sua consciência sobre a influência que exerce na audiência. RG faz isso ao falar sobre os comentários da *internet* a respeito da locutora, seu estilo de comunicar e o impacto que suas práticas exercem sobre os ouvintes, como a promoção do bem-estar e bom humor.

A sequência da entrevista intercala os participantes em falas sobrepostas. Essas não parecem ser manobras de interrupção para tomada de turno, mas um modo colaborativo de levar a conversa adiante. Em trechos suprimidos da transcrição, ao comentar sobre o sorriso como estilo de DC no rádio, esta complementa verbalizando “*i qui isso pra mim não é mintira!*” destacando as várias vezes em que foi flagrada dançando no estúdio durante a apresentação dos programas, “*curtindo a música*” no trabalho. O Excerto 1 deixa claro que há uma intenção por parte de DC em sorrir ao falar. Isso faz parte da persona Denise Cruz profissional e socialmente. Coupland (2007), referindo Goffmann (1959), define essas manifestações relativamente espontâneas de traços

<sup>48</sup> Interação com perguntas e respostas, polêmicas ou não, que devem ser respondidas de imediato, podendo deixar o entrevistado em alguma situação de exposição ou constrangimento não programados.



identitários no discurso público como “vazamento”, uma vez que as identidades não são totalmente controláveis, embora haja um controle estratégico do que se permite deixar passar ou o que deve ser controlado.

Não foi observada nenhuma ocorrência do pronome de primeira pessoa do plural “NÓS”. De acordo com o que pode ser observado no Excerto 1, linha 04, e nos demais excertos transcritos, DC aplica apenas “a gente” na expressão de primeira pessoa do plural. Parece não haver prejuízo na avaliação da audiência em relação à fala de DC, sugerindo que os significados sociais que revestem essas formas linguísticas são compartilhados pela audiência.

DC constantemente finaliza suas falas com o marcador discursivo “né?” [nɛɐ] (Excerto 1, linhas 08, 09; Excerto 02, linhas 01, 11, 13 e 30). Entretanto, não busca uma confirmação, mas sim, complementar suas explicações, na finalização e passagem de turnos de fala. Nessas realizações de “né?”, DC produz uma ditongação que Battisti & Oliveira (2014) e Battisti (2013) denominam *ingliding*, percebido de oitiva como uma fala típica da capital do RS<sup>49</sup>. Não parece haver qualquer controle de L1 sobre a presença do marcador discursivo. No Excerto 2, DC refere a si mesma como “*totalmente urbana*” (linha 26) ao comentar sua passagem por uma emissora rural “*olha qui curiosu(.)*” (linha 10).

## Excerto 2:

01	L1:	bom eu consigui: ((expira)) <b>fazeØ</b> awgumas coisas <b>nɛɐ</b>
02	(53m00)	nessis vintʃi=um anus dʒi, dʒi caminhadɛ
03		eu [<iniciei>-]
04	L2:	[são vintʃi=um] anus <b>de carreira?</b>
05	L1:	<b>de carreira</b> (.) éɐ-
06		eu comecei fazendu: >assessoria dʒi=impren[sa]<
07	L2:	[humhum] ainda na épuca dʒi facuwdaɔdʒi?
08	L1:	ainda na épuca dʒi facuwda:dʒi,
09		fazia assessoria dʒi=imprensa @,
10		<olha só qui curiosu> ((sorrindo))
11		pruma=ag↑ência qui trabalhava muito cum ↑agronegóciu < <b>nɛɐ</b> >,
12		intão eu vivi muito ispo↑inter

<sup>49</sup> Ver adiante, após o Excerto 5, a análise acústica de dados de fala de DC, com espectrogramas que mostram as alterações formânticas características do *ingliding*.

13		vivi muito, ε:v- remaʃʃis dʒi gadu:v nɛv,
14		porque pra mim er'um: totawmentʃi urbana era um universu:
15		mʃuitu dʒisconh[ecidu (.)]
16	L2:	[°muito dʒistanʃi°]
17	L1:	mʃuitu dʒis↓tanʃi
18		mas foi muito bʃom >assim< purqui foi um GRANdʒI aprendʒizadu,
19		[consigui-]
20	L2:	[não tinha] na família nenhum agricultor, nenhum pecua[rista]?
21	L1:	[não (.) não]
22	L2:	[nada?]
23	L1	[nʃa:dɐ]-
24		nʃa:[dɐ]-
25	L2:	[pra si] teØ uma ba:si assim,
26	L1:	totawmentʃi urbanɐ [°assim°]
27	L2:	[°sim°] garota dʒi aparta[mentu:],
28	L1:	[ɛ:] ((hesitação)) [eXATAmɛntʃi]
29		nunca ʃinha vistu uma vaca dʒi tão pertu >assim< @
30		fiquei até cum medu nɛv

No Excerto 2, Denise relata seu início de carreira com fala porto-alegrense, com T e D palatalizados diante de I. Entretanto, ao ser questionada sobre o tempo de atuação profissional (linha 04), L2–não palataliza D e não pronuncia o I na palavra *carreira* (“*carrera*”), ao que DC responde igualmente sem palatalizar o D, mas falando “*carreira*”, com ditongo. Percebe-se no excerto acima que a forma linguística empregada por L2 para salientar o tópico influencia na fala de DC em sua resposta a L2. A realização não palatalizada de T e D é observada em algumas regiões do RS, geralmente mantendo-se as vogais /e, o/ átonas não elevadas na sequência (*gen[te], on[de]*).

Quando não palataliza, L1 (DC) aplica o que Coupland (2007: 114) define como “*voicing*”, que ocorre quando um falante assume a voz/fala do outro. Já ao ajustar sua forma para “*carreira*”, o faz em função de *framing*, enquadrando a atividade de fala e sua persona ao contexto profissional, pautado pela norma-padrão, e talvez em função do *framing* na persona do interlocutor (*targeting*), usando para tanto, variáveis que indexam traços ou valores do destinatário, também locutor, como DC.

A continuidade da entrevista alterna usos linguísticos com variáveis entoacionais – como nos excertos 5 e 6, por exemplo – que situam a audiência quanto ao que se diz e às atividades de fala realizadas. Não se pretende neste estudo analisar os dados sob este olhar. Entretanto, compreende-se que a entoação é elemento de estilo linguístico que

locutores profissionais empregam com habilidade após treinos e “correções”<sup>50</sup> como aquelas referidas por DC no Excerto 6, linhas 33 a 39.

A seguir, Denise segue falando sobre sua trajetória profissional. Nesse momento, emprega /r/ vibrante, característica dos primeiros locutores de rádio, atualmente em desuso, sendo considerada locução conservadora ou apenas como uma composição de estilo locucional. Entretanto, DC parece não empregar com esta finalidade, mas com objetivo de destacar o tópico em questão, como veremos na transcrição do Excerto 5 (linhas 04 e 12), onde fala sobre o projeto do Grupo RBS que a lançou no mercado do rádio. O que ocorre nesses trechos, segundo Coupland (2007: 112-113), é um processo de “*framing*” (enquadramento). O tópico ‘trajetória profissional no rádio’ motiva a forma linguística selecionada pela locutora para dar o destaque desejado.

A seleção não é aleatória. Como os falantes e, em especial, os comunicadores, DC “encontra suas opções de identidade pré-figuradas ou constrangidas pelo gênero do discurso em questão”<sup>51</sup>, como elucida Coupland (2007: 113). L1 (DC) mobiliza formas linguísticas tradicionais dos primeiros locutores do rádio nacional quando fala sobre si própria e seu início no rádio. Isso ocorre porque “um determinado quadro (ou enquadramento) de gênero (ou genérico) pode consolidar identidades que estão em primeiro plano no quadro sociocultural mais amplo”<sup>52</sup>, isto é, referentes a comunidades de prática, por exemplo. (COUPLAND, 2007: 113)

### Excerto 3:

01	L1:	i a partír dali intã:o eu comecei a pensaØ	
02	(54m00)	pô mas eu, eu posso daØ um passu a, <u>siguintí</u> nεv?	
03		já qui eu consigui entraØ num universu qui não: (.) [era]	
04	L2:		[totawmentí,]
05	L1:		[totaw]mentí=i-stranhu
06		[pra mim] nεv	
07	L2:	[stranhu]	

<sup>50</sup> A Rede Globo de Comunicações e suas afiliadas orientam as comunicações midiáticas de acordo com manuais revisados em convenção anual da empresa, como o de Kyrillos (2005), que fornece diretrizes sobre posicionamento corporal, linguagem e práticas comunicativas alinhadas às atualizações sociais. As escolas de radialistas utilizam manuais como de César (2013), radialista e professor com larga experiência prática, que compilou orientações em um livro sobre práticas adequadas para AM e FM.

<sup>51</sup> No original: “*Participants might find their identity options prefigured or constrained by the speech genre at hand[...]*”

<sup>52</sup> No original: “*A particular generic frame might consolidate identities that are foregrounded in the wider socio-cultural frame[...]*”

08 L1: consigo intão entraØ na RBS  
 09 pra fazeØ, ã:, isTÁGiu na redação da rádziu Atlântfide  
 10 fazendu as **notícias** <**nev**>,  
 11 para us comunicadoris da Atlântfida ((monitora o tom de voz grave))  
 12 foi, issu a genfĩ tá falandu  
 13 miw novicentus i noventa=i, seis <**nev**> ((vocal fry no “né”))  
 14 fiquei seis mesis fazendu issu  
 15 i naquela epuca a erri be essi ((RBS)) fĩnh=um projetu muito legaw  
 16 chamadu Novus **Tale:entus** ((*ingliding*))  
 17 ondzi=istudentfĩs dzi comunicação ã:,  
 18 passavam- seis istudentfĩs dzi comunicação  
 19 passavam pur **TODUS** us veículus DI RÁdziu <**nev**>  
 20 na:, na: TV fĩnha u Novas Caras  
 21 na Zeru Hora era Primera Pauta, achu qui ε u únicu que segui ate hoji  
 22 i nas rádzius era essi projetu Novus Talentus ((deglute e limpa a voz))  
 23 fiz a seleção, i consigo uma das vagas  
 24 intão a partfĩr daí eu **MERGULHEI** in **TODAS** as rádzius da RBS <**nev**>  
 25 fiquei seis mesis intendendu a cada mês uma rádziu dziferentfĩ ã:,  
 26 **intendendu a linGUAgem dzi cada rádziu=**  
 27 naquela epuca era Cidadzi, Atlântfida, a CENTU i dois FM=  
 28 >qui depois virou a Itapema<  
 29 Farroupilha i:, s: [Gaúcha]  
 30 L2: [Gaúcha]  
 31 L1: Gaúcha i CBN <ne->  
 32 intã:o: foi um aprendzizadu giGANfĩ [<**nev**>]  
 33 L2: [bah]  
 34 L1: foi MARAvilhosu ne ((sem *ingliding*))  
 35 pra quem- >imagina-< pra um istudentfĩ dzi comunicação  
 36 pasSAØ pur essa ixperiência  
 37 não tem facultadzi qui fĩ dê essa baGA:gem [<**nev**>]  
 38 (55m27) i ali eu **dziscubri** minha paØxão pelu rádziu ((tom alegre, voz suave))

Como a interação ocorre entre dois profissionais da mesma área de atuação, o alinhamento através das formas linguísticas empregadas por L1 (DC) é também compartilhado pelo repertório do interlocutor, que compreende a aplicação das regras variáveis no contexto. O discurso, portanto, é consolidado sobre uma ponte linguística

que liga a performance e evolução do rádio à locutora em sua evolução profissional, mesclando os dois polos em alguma medida na construção de persona.

Conforme relata a própria locutora, sua experiência em veículos de rádio ultrapassava, na ocasião da entrevista, 20 anos de atuação, tendo experimentado todos os veículos da maior emissora de rádio e TV da região Sul em 1996 e ainda atualmente. O relato demonstra que, ainda enquanto uma estudante de jornalismo, teve como escola de rádio uma afiliada da Rede Globo. Há entre os comunicadores uma máxima usada como *slogan* informal sobre o “padrão Globo de comunicação”. Esse padrão é definido em conferências anuais com todas as afiliadas, quando se atualiza um manual de procedimentos de áudio, vídeo e apresentação pessoal (KYRILLOS, 2005). As práticas atualizam-se, mas mantêm-se um certo “protocolo sociolinguístico”.

Essa foi a formação de base de DC como locutora profissional, um tom sóbrio, com entonação linear, tom de voz (*pitch*) mais grave com vogais fechadas e pronúncia alinhada ao português de SP, sem as palatalizações do RJ em /s, z/, tampouco a fricativação de /R/ em coda silábica, em maior semelhança com o português falado no RS. Como em todas as regiões do Brasil, o estado do Rio Grande do Sul também apresenta marcas características urbanas, rurais e de contato. Entretanto, nas locuções profissionais de DC, mesmo quando o assunto é descontraído ou o tema mais informal, parece que ela procura manter seu monitoramento, com a consciência de que o que está sendo dito será registrado.

Em uma situação de entrevista, embora o entrevistador seja de relacionamento próximo da entrevistada e permita maior informalidade nas trocas linguísticas, ainda assim trata-se de uma situação de fala direcionada ao público. O autocontrole e domínio linguístico de L1 (DC) demonstram sua performance no rádio quando observamos a diferença entre suas falas mais espontâneas nos Excertos 1 a 2, em comparação com sua locução profissional destacada adiante, nos Excertos 39 e 40.

#### Excerto 4:

01	L2: (56m09)	são 20 anos <b>DE</b> RBS?
02		são 20 anos <b>dʒi</b> RBs,
03	L1: (56m11)	20 anos <b>dʒi</b> RBS <exatamentʃi>

Ao contrário do ocorrido no Excerto 1, onde DC emprega o D não palatalizado e vogal média elevada, no Excerto 3 a comunicadora não equaliza sua fala com L2,

mantendo sua palatalização natural. A alternância demonstra a capacidade de L1 (DC) em ajustar sua comunicação ao destaque desejado. Na sequência, L2 questiona L1 sobre como é estar em um grande veículo de comunicação como a RBS. As linhas 04 e 12 do Excerto 5 apresentam /R/ vibrante múltipla alveolar em coda silábica, em contraste com o apagamento que DC faz em sua fala habitual.

**Excerto 5:**

01 L1: foi- ε, ε muito locu assim  
 02 (56m29) quandu eu tava nessa época  
 03 não ↑f̃inha↓ essa d̃imensão <ne=Rodrigu>  
 04 não awMEJAva fazer r ar ((R vibrante))  
 05 istar nu ar >nu mi-< ne  
 06 não f̃Inha essa pretensão  
 07 u qui eu quiria era aquilu=  
 08 purqui eu sempri fui muito apaixonada pur textu também  
 09 intão sempri gostei muito d̃zi iscreveØ  
 10 a minha ambição  
 11 era fazeØ: ↑nuf̃i↓cia  
 12 pra pessoa ler u meu textu ((R vibrante))  
 13 eu lembru qui u Fetter- Alexandri Fetter ((coordenador de rádio da RBS))  
 14 na primeira paSSAgem deli pela=Atlânt̃f̃ida  
 15 eu já isTAVA lá nεv  
 16 intão eu fiz um textu, uma nuf̃icia qualquer=  
 17 não lembru mais quau εvε  
 18 i eu intreguei pra eli assim=  
 19 Fetter eu achu qui essi é u meLHOR TEXtu qui eu já fiz na minha VIDA!  
 20 aí eli leu Bah, Dedê, maravilhoso, lindu teu textu não sei u quê, tá-  
 21 i eu fiquei ali in↑canta:↓da ovindu eli falaØ  
 22 i=eli=d̃zissi ((estala dedos)) vamu! ((estala dedos))  
 23 daqui meia hora tem otru textu! tu tem qui pro↓du↑ziØ [MAIS!]  
 24 L2: [vida qui segui]  
 25 L1: [ε:v=]  
 26 intão ali ei intend̃zi qui TEXtu, genf̃i  
 27 é lindu é maravilhoso, mas tu tem qui teØ uma produÇÃo [contí:nua,]  
 28 L2: [é um depois=  
 29 =qui termina já tem otru]

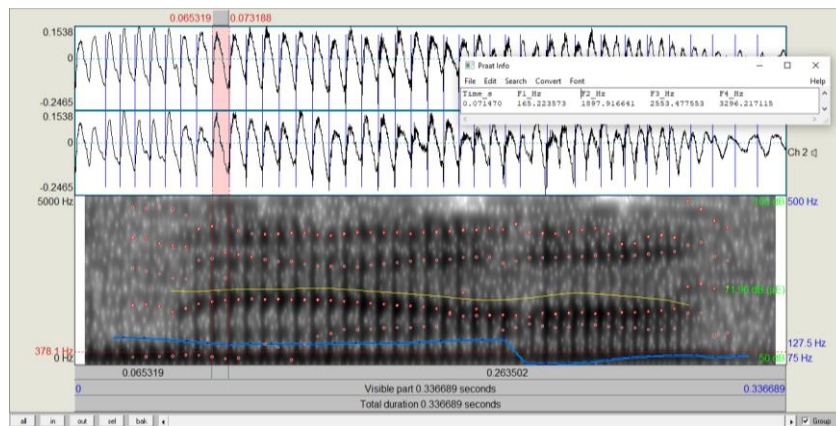
30 L1: [é: depois qui foi pru a:r ] vira póv, pv: ((onomatopeia)), pru otru **nɛv**  
 31 foi ali qui=eu in↑tendʒi ↓qui é u rádʒiu qui eu queru

Nesse ponto da entrevista, L1 (DC) está bastante à vontade com *pitch* em padrão menos grave, diferente de quando faz locuções pautadas ou mais monitoradas. Na entrevista de personalidade, espera-se que um entrevistado mostre-se tão confortável quanto seja possível, visto que se trata de um contexto comunicativo de fala-em-interação e uma fala pública simultaneamente.

O que se observa como destaque no Excerto 5 é a presença frequente do marcador discursivo “né” realizado com *ingliding*, isto é, com a centralização dos formantes F1 e F2 na pronúncia da vogal /ɛ/ (linhas 15, 30). O *ingliding* porto-alegrense que DC produz também em outras formas (linha 17 [ɛɐvɐ] ‘era’, linha 25 [ɛ:v=] ‘é’ do Excerto 5) é demonstrado através de análise espectrográfica feita pelo *software* Praat de uma ocorrência, o marcador [nɛv], nas Figuras 6, 7, 8, 9 e 10, a seguir.

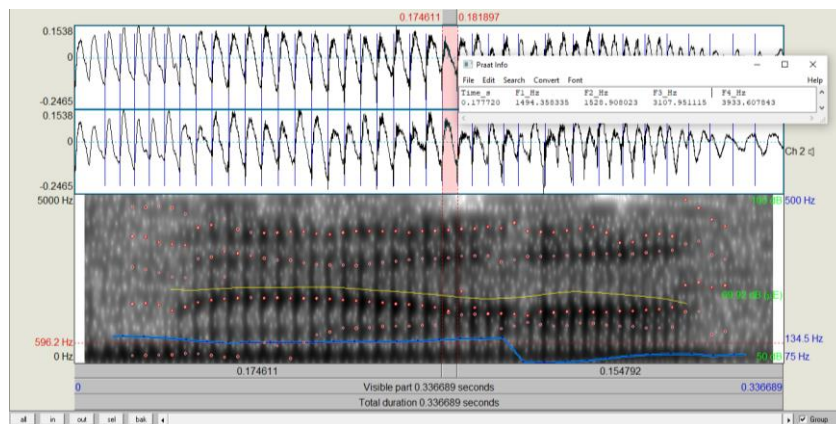
Na seleção na Figura 6, temos como valores iniciais dos formantes F1 e F2 de /ɛ/, respectivamente, 165Hz e 1897Hz. Já os valores finais da vogal /ɛ/ na seleção na Figura 7 apresentaram 149Hz em F1 e 1528Hz em F2, evidenciando a elevação e centralização da vogal, percebida como a vogal [ɐ] especialmente na porção final, visível nos espectrogramas no “degrau” na linha de *pitch* (azul). Na Figura 8, temos na seleção o intervalo total de duração da vogal /ɛ/. Na Figura 9, a seleção evidencia o alongamento após a produção da vogal /ɛ/, o que possibilita, de oitiva, perceber a porção final da emissão vocálica de /ɛ/ como [ɐ] (BATTISTI; OLIVEIRA, 2014). Na Figura 10, a seleção é composta pela íntegra da emissão vocálica [ɛv]. O *ingliding* examinado nas Figuras 6 a 10 foi produzido em um contexto de fala no qual DC reafirmou ser “*totalmente urbana*” (Excerto 2, linha 26), oriunda da capital gaúcha.

Figura 6 - Valores iniciais dos formantes F1 e F2 de /ε/



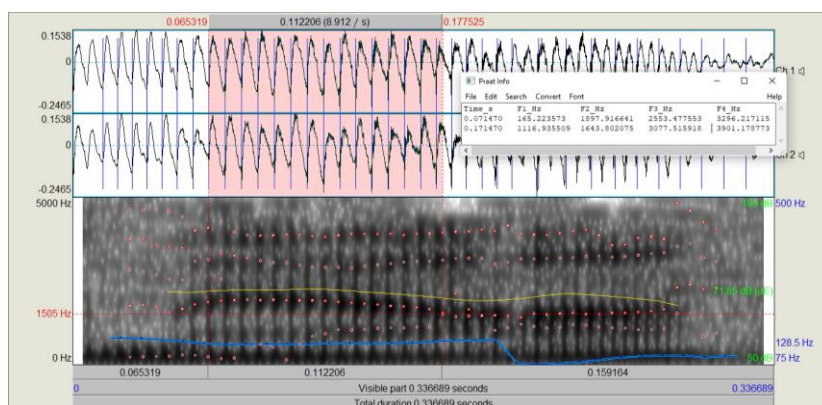
Fonte: a autora

Figura 7 - Valores finais dos formantes F1 e F2 de /ε/



Fonte: a autora

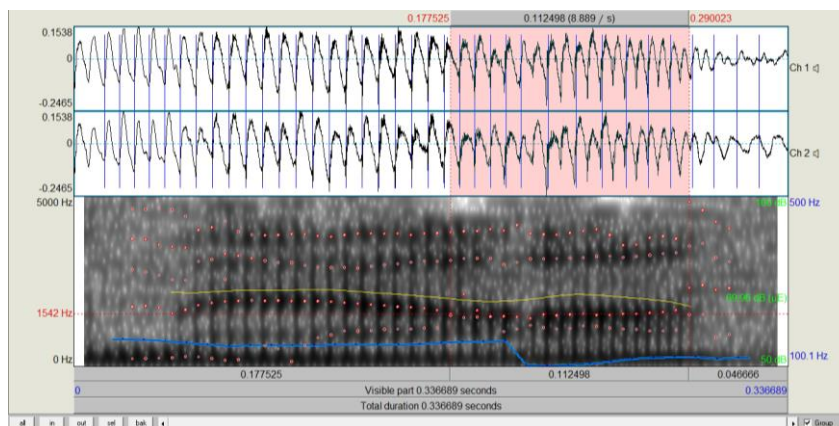
Figura 8 - Intervalo total de duração da vogal /ε/



Fonte: a autora

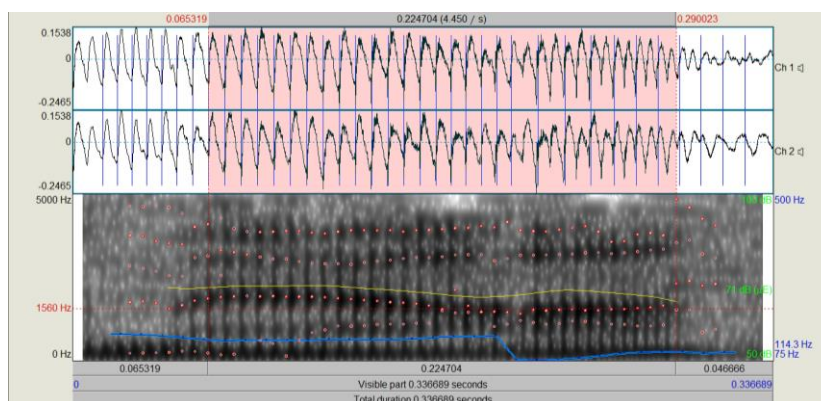


Figura 9 - Alongamento após a produção da vogal /ε/



Fonte: a autora

Figura 10 - Íntegra da emissão vocálica [εə]



Fonte: a autora

L1 (DC) segue explicando que iniciou na Atlântida, mas estreou como locutora apresentadora na Rádio Itapema (102.3 FM), quando o comunicador Júlio Fürst elogiou a voz de DC e disse que ela deveria fazer rádio. A radialista relata como foi seu aprendizado de locução, quem foram seus preceptores e como foi seu treinamento, construindo seu estilo e sua persona no rádio. Interessante observar que o critério que gerou o convite para a radialista foi sua “voz bonita” (Excerto 5 – linha 14), sugerindo que, em falas públicas feitas por profissionais de mídias, a voz é critério. Deve agradecer os responsáveis pelas emissoras e, muito possivelmente, os ouvintes.

DC destaca os atributos paralinguísticos empregados nas locuções profissionais, como imprimir certos efeitos à locução - um sorriso ou “vibração” (emoção/entusiasmo). Explicitamente, a locutora verbaliza durante a entrevista quais atributos mobiliza,

atestando que falas midiáticas são deliberadamente manejadas de acordo com diferentes objetivos.

Coupland (2007: 114) explica esse processo como “*keying*” ou tom e “*loading*” ou intensidade desse tom. A depender da situação de comunicação e atividades de fala realizadas, um locutor seleciona certos traços linguísticos e paralinguísticos para projetar identidades, eventualmente intensificando-os. Isso significa que, no caso da locução de rádio, o profissional pode investir em formas variáveis para representar a identidade que deseja promover junto aos ouvintes. No caso da locutora analisada, os efeitos locucionais que imprime em sua fala, como o sorriso, contribuem para projetar sua persona como alguém agradável e cativante aos ouvintes.

O carregamento (*loading*) que DC aplica na locução, no entanto, não é uma ‘apropriação’ de um grupo social. O que DC expressa diretamente ou “carrega” através de sua locução pertence ao seu repertório de manifestação pessoal. Ocorre que, por se tratar de fala pública, a intensidade desse “carregamento” é uma ferramenta para encantamento/conquista de audiência, conforme descreve a locutora entre as linhas 33 e 37 do Excerto 6, quando relata sobre seu aprendizado.

No trecho, o profissional referido, Julio Fürst, mais experiente no rádio, lhe orientava a “carregar”, na fala, traços que de alguma forma já pertenciam a DC, como “mais sorriso” ou “mais vibração”. Este detalhe permite identificar que em alguma medida essas características pertencem naturalmente à locutora, e que, quando intensificados em situação de fala pública midiática, têm a capacidade de potencializar também o engajamento do público.

#### Excerto 6:

01	L1:	na centu-i-dois FM
02	(57m30)	na Itapeemê né
03		intão eu entrei pela=A↑tlântj↓da comu istagiárie
04		passei pur=essi projetu
05		i a partjir dessis seis mesis intão <b>fazendue</b> : (( <i>ingliding</i> ))
06		a cada mês uma rádjiu
07		mi dzirecionaram pra centu=i=dois FM (( <i>inspira</i> ))
08		lá incontrei Juliu Fãrst- né:
09		qui era u cordenador na época= <b>er=u</b> :
10		cordenador da rádjiu juntu com Tadeu Mawtê (( <i>inspira</i> ))

11 fazendo também a partʃi dʒi produ↑çã↓o  
 12 sempri partʃi dʒi produção  
 13 um dʒi=u=Juliu mi olha i dʒiz=assim:  
 14 ((agrava levemente)) tu tem uma voz **buniete**, ((*ingliding*))  
 15 tu deveria pensaØ im fazeØ **microfoenie** ((*ingliding*))  
 16 eu dʒigu ((leve sussurro)) <bem ca↓pa↑:z: Juliu>  
 17 nã:u, nã:u @heu ↑NUN↓cə **nɛv** ((inspira))  
 18 **aí eli=dʒiss=assim=↑**não  
 19 vamos começaØ a insaiaØ i testaØ isso ((inspira))  
 20 foi quando, i aí eu so muito ↑GRA↓tə **nɛv** =  
 21 =às pessoas qui passaram pelu meu caminhu=  
 22 =i contʃinuam **nɛv** ã: essa caminhada cumigu  
 23 porque:, eu acedʒitu qui ʃivi pessoas  
 24 muito in↑CRÍ↓veis <assim>  
 25 comu professoris, **nɛv** ã:, ((inspira))  
 26 ↑PA↓ulu Mo↑rɛɛ↓rɛ, Juliu Fãrst,  
 27 Tadeu Mawta, u própriu Fetter né  
 28 elis iam pra is↑túdʒi↓u cumigu  
 29 inquantu elis tinham horáriu vagu  
 30 imagina, eu istagiária recé:m: iniciando ali numa facuwdadʒi, ã:,  
 31 indu pra istúdiu cum=essis **caras** qui já eram CONSa↑gradus=  
 32 nu meu du intretenimentuə ((inspira))  
 33 **eli=dʒizi=assim=↓**tá ↑lê es↓si texto  
 34 i eu lia toda ʃímida=nervoəsa=tremendu  
 35 não- lê dʒi novu ((interpreta o interlocutor))  
 36 agora põe mais vibra↑çã:o,  
 37 põe mais sorrisu, põe mais=isso=intão,  
 38 issu=issu: facuwdadʒi nenhuma ʃi dá **nɛv**  
 39 **ess=iscola** qui=eu fiz i qui:  
 40 as pessoas ʃi↑rav↓am u seu ↑tem↓pu dʒi trabalhu  
 41 para istar co↑mi↓gu, név  
 42 (59m04) intão foi muito=muito inriquØcedor pra mim

Observamos no Excerto 6 nas linhas 18, 33 e 39 a ocorrência de juntura vocabular com elisão vocálica (BISOL, 2005 [1996]: 116-117) na fala de DC. A elisão afeta a vogal baixa /a/ e consiste em um processo de ressilabação vocálica que ocorre na fronteira entre

as palavras com vogais átonas, como em “*ess=iscola*” (linha 39) e “*dizi=assim*” (linha 33). Nos trechos destacados, a fonologia das vogais e sua proximidade favorecem o apagamento de um dos segmentos diretamente em contato (*essA=Iscola* e *diziA=Assim*) sem que haja comprometimento do conteúdo sobre que se fala.

L2 faz uma brincadeira sobre a “teimosia” de L1 (DC) em resistir inicialmente à locução, comparando-a à atual resistência de DC em gerar conteúdos em vídeo para as redes sociais, de que L1 ri, concordando com certo constrangimento. A reivindicação de RG evidencia o carisma da locutora que, nos raros momentos em que fez “*lives*”<sup>53</sup> no Facebook ou Instagram, obteve mais de mil visualizações cada vídeo. No entanto, segundo RG, DC “*some, é teimo:sa*”, em trecho não registrado em transcrição após o sucesso, levando L1 ao riso.

No Excerto 7, DC (L1) relata sua entrada na rádio Gaúcha empregando alternância de entonação ascendente/descendente e *ingliding* para demonstrar sua surpresa ao receber o convite de Domingos Martins.

#### Excerto 7:

01	L1:	um dʒia eu to im ca:sa mi liga Du↑mingus Martʃins=
02		[↓cum aquele vozeRÃO↓:] név ((pitch grave em “vozeirão”))
03	L2:	[a voz da informação] ((voz grave))
04	L1:	[exatamenteʃi=sim] alô Denisi aqui Dɔmingus Martins
05		eu falei=↑meu=deus↓, u=qui=↑é qui tá=[contecen↓duə @]
06	L2:	[>incêndzio na Rádziu=
07	(1h01)	=Gaúcha<]
08	L1:	[@ não ε?@]
09		>aí=eli=assim=não-, ↓eu gostaria que tu viessi aqui ((voz menos grave))
10		fazeØ um registruə dʒi voəz
11		eu-falei ↑tá↓: ((agrava a voz)) ó↑kei↓:, ↑ nɛ:↓v,
12		agendamus, fui lá fiz u regi:vstru dʒi vo:vz ((ingliding))
13		achando qui ↑ óquei, né↓, ((alterna grave/agudo))
14		mais=uma pru bancu dʒi ↑vo↓zis delis ((inspira e sorri))
15		aí deu um=dois dʒias i eli mi ligo,
16		i aí, tá ↑pronta↓ pra come↑ça?

<sup>53</sup> *Lives* são transmissões ao vivo em vídeo via redes sociais. Na atualidade, as mídias utilizam também desta fonte de comunicação pública de grande alcance para chegar até a audiência sem que sejam necessárias alterações na grade de programação da emissora. São fontes paralelas de interação com o público também com objetivo publicitário.

17 @@come@ça u ↑quê@ gen↓fĩ, pra ↑ondzi↓@ tu=que=qui=eu ↑vá:??@  
 18 aí eli mi iexpli↑co↓: qui elis tavam mudandu awgumas ↑co↓:isas=  
 19 =na rádziu Gaúcha, i qui elis gostariam dji teØ uma voz feminina falandu  
 20 fazendu u Nuffícia na=Hora Certè ((inspira fundo, agrava o tom))  
 21 eu dji go ↑ókei- aí=organizei meu horário cum=a Itapema=  
 22 purqui=eu ↑nunca ↓ saí da Itapema ne:v  
 23 eu fazia Itape:ema ↑I Gaúcha=ao=mesmu=tempu

O conteúdo do Excerto 7 evidencia como o rádio, instrumento criado para ser democrático e atender à maioria dos ouvintes, ainda preserva certa dominação exercida por indivíduos do sexo masculino, ainda que, implicitamente/culturalmente, se espere que locutoras do sexo feminino possam adentrar nesse meio. Para tanto, quais características são o desejável ou aceitável na locução feminina?

Para tentar responder a esta pergunta, analisamos o que ocorre no Excerto 7, linha 02 quando DC (L1) relata o convite recebido da Rádio Gaúcha. Ao referir o colega locutor Domingos Martins, Denise promove o que Coupland (2007: 114) conceitua como “*voicing*”, incorporando a maneira de falar da pessoa ao citá-la. Domingos Martins é conhecido como “*a voz da informação*” (Excerto 7, linha 03) no meio midiático, por seu pioneirismo e reconhecimento associado ao seu tom de voz grave, difundido pela Rádio Gaúcha. De acordo com o autor, em um processo de “*voicing*” como estilização da fala “os falantes frequentemente citam ou reconstróem as palavras de outras pessoas e, ao fazê-lo, podem flexionar essas vozes-fonte de várias maneiras, dando-lhes traços e qualidades de identidade particulares”<sup>54</sup> (COUPLAND, 2007: 114), como DC faz produzindo um tom de voz mais grave do que o seu habitual ao citar a pessoa que lhe telefonou.

Tradicionalmente, os programas de rádio vêm sendo apresentados por homens, de voz grave e de linguagem mais conservadora/padrão na condução de noticiários. DC tem um *pitch* vocal que se destaca entre as locutoras mulheres por ser identificado, de oitiva, como mais grave. Sua linguagem também não costuma ser permeada por gírias ou “*gracinhas*”, embora autodenomine sua linha de programas como de “*infotimento*” (*sic* locutora).

<sup>54</sup> No original: “...speakers often quote or reconstruct the words of other people, and in so doing they can inflect those source voices in various ways, giving them particular identity traits and qualities.”

Em linhas gerais, DC posiciona sua identidade feminina em um cenário tradicionalmente masculino, alinhando suas práticas linguísticas a estilos ou recursos mais tradicionais de fala, sem estereótipos associados às falas femininas, fazendo com que sua “voz” (BAKHTIN, 1986) seja ouvida “ao se apropriar das vozes dos poderosos e retrabalhá-las para novos propósitos”. É o que DC faz no caso em questão, ao ser a primeira mulher convidada para apresentar o noticiário da Gaúcha FM.

Giddens (1996: 63-64), referido por Coupland (2007: 108), apoia essa interpretação sobre a tradição, explicando que “a ‘integridade’ da tradição deriva não do simples fato da persistência ao longo do tempo, mas do ‘trabalho’ contínuo de interpretação que é realizado para identificar os fios que ligam o presente ao passado”<sup>55</sup>. É possível identificar na fala midiática de DC recursos linguísticos alinhados a estilos mais tradicionais do rádio, como esses fios que ligam o presente ao passado, legitimando sua presença feminina como uma novidade possível ou aceitável na Rádio.

Na Rádio Gaúcha, DC conta que encontrou muitos amigos e conhecidos de outras rádios e de outras épocas ao relatar sua estreia, como Mauro Saraiva Jr., seu colega e “*porto seguro naquele momento*” (1:02 – trecho não transcrito) que sempre a incentivou e desejou-lhe “boa sorte”, enquanto DC pensava se tratar de apenas um noticiário qualquer, sem saber que naquele momento faria história na rádio, por ser a primeira mulher no papel de locutora nos microfones da Gaúcha.

Quando menciona esses eventos, Denise emprega D sem palatalização (Excerto 8, Linha 05) novamente. O emprego variado nesse contexto é motivado pela referência ao turno do dia, e não ao destaque a um tema. Essa não palatalização é possível na fala dos gaúchos mesmo em áreas urbanas onde a palatalização é muito frequente, como na fala dos porto-alegrenses. Ao citar turnos, é comum que porto-alegrenses digam “de manhã”, “de tardzi” e “de noiñi” mantendo a vogal média e não palatalizando D no clítico “de”, contrastando com a palatalização da palavra “tardzi”. Também é comum e aceitável aos nativos a variação “dzi manhã”, “dzi tardzi” e “dzi noiñi” sem que tal variação influencie nos significados sociais das formas linguísticas para quem vive na capital do RS.

---

<sup>55</sup> No original: “*Tradition, therefore, we may say, is an organizing medium of collective memory. The ‘integrity’ of tradition derives not from the simple fact of persistence over time but from the continuous ‘work’ of interpretation that is carried out to identify the strands which bind present to past. (Giddens 1996: 63–4, with original emphasis)*”

**Excerto 8:**

01	L1:	aí- entrei nu=istúdziu
02		↓istudziu me↑nor, istúdziu ↑B, ↓né,
03		fechei a po:rta, deu si↑naw
04	L2:	qui horas era issu, tu ʃi lembra?
05	L1:	((voz aguda)) era <b>de</b> ↑ta↓:rdi, duas ↑horas ↓eu achu, ((hesita))
06		((monitorada)) Notfícia na Hora Certa(.), nu sinaw,
07	L2:	=duas horas
08	L1:	((monitorada)) duas horas
09		i ↑li u noʃfici↓áriu
10		quandu aca↑bo u noʃficiá↓riu,
11		eu ↑Abru a porta du is↑túdziu,
12		a redação <b>istava</b> ↑em ↑pé aplaudzin↓du
13		eu dʒigu ↑gen↓ʃi u quê qui acon↑teceu ↓aqui?
14	L2:	pra ʃi era uma coisa [normal]
15	L1:	((concorda)) [↑é↓:]
16		era ↑só um [noʃfici↑áriu]
17	L2:	[uma coisa básica]
18	L1:(1h03)	só qui eu fui a primeira mulher a ↑LEØ u <b>notficiáriu</b> , ((vocal fry))
19		até intão ↑só ↑homens↓ ʃinham lidu aqueli noʃficiáriu

No Excerto 8, a locutora não sabia que seria a primeira mulher a ler o noticiário em uma rádio do RS, o que gerou nervosismo ao locutar no noticiário do horário seguinte. A partir dali, seguiu aumentando suas parcerias na rádio, geralmente com locutores do sexo masculino. O entrevistador então faz uma linha de tempo entre a saída da RBS e a chegada à União FM, ressaltando que os ouvintes a chamam de “a voz” (1h03m46s – trecho não transcrito), sempre enaltecendo sua qualidade vocal (*sic* ouvintes). Interessante observar que os ouvintes elogiam “a voz”, mas o que, afinal, caracteriza esse atributo na construção do estilo da persona do rádio de Denise Cruz?

Assim como no estudo de Coupland (2007: 119) que analisa uma situação de fala pública em uma agência de viagens Cardiff, onde a vendedora “é a voz dessa agência de viagens”, aqui temos DC como “a voz” da rádio. Nessa situação, de acordo com o autor, “ela e outros participantes podem sentir que deve haver alguma ressonância entre seu

estilo vocal e uma agência de viagens que funcione de maneira suave e competente”,<sup>56</sup> assim como DC em alinhamento às práticas tradicionais do rádio.

Da mesma forma, é necessário considerar que “o estilo de identidades sociais contra um pano de fundo de normas sociais e ‘memórias sociais coletivas’ é o cerne do processo”<sup>57</sup> de significação da variação linguística (COUPLAND, 2007: 108). No rádio, essas ‘memórias sociais coletivas’ manifestam-se através de variantes linguísticas como a realização de /r/ como vibrante, por exemplo, que é uma marca fonética culturalmente associada ao rádio nacional. DC usa essa variante em sua fala pública em distintos contextos. De acordo com o autor, “se a reprodução cultural acontece, e quais novas glosas são adicionadas aos significados sociais quando são realizadas, depende crucialmente da formatação ou enquadramento local dos significados”<sup>58</sup>, indicando a necessidade de analisarmos o discurso para compreender o estilo agenciado através da aplicação da variante.

Uma das características observadas na fala de DC (L1) foi a presença de *vocal fry*. Conforme transcrição no Excerto 8, linha 18, a palavra “noticiário” apresentou *vocal fry* de oitava, constatado em análise acústica com *software Praat* apresentando F0 = 75Hz. A Figura 11 representa a fala “só qui eu fui a primera mulher a ↑LEØ u noficiáriu” do Excerto 8, na linha 18. Para facilitar a visualização de eventos acústicos percebidos de oitava, destacamos no espectro de fala a linha azul, do *pitch*, contendo a faixa de frequências de formantes acústicos medidos em Hertz (Hz) e a linha amarela, apresentando a intensidade da fala em deciBel (dB). Na faixa azul, é possível observar que a média da frequência de fala de DC é em torno de 240Hz.

Segundo Behlau (2001), em fonoaudiologia, os registros vocais entre 150Hz e 250Hz são considerados como pertencentes a uma gama de faixas de frequências de vozes femininas. Porém, L1 (DC) aplica de forma recorrente (ver excertos anteriores e posteriores) em sua fala variáveis paralinguísticas, como o *vocal fry*, identificado na Figura 11 abaixo pelo círculo vermelho na palavra “noticiário”, cuja média de frequência analisada foi em torno de 84Hz, considerada como pertencente à gama vocal masculina (entre 80Hz e 150Hz). A crepitação que caracteriza o *vocal fry* apresenta-se com média

---

<sup>56</sup> No original: “she and other participants may feel that there should be some resonance between her vocal style and a smoothly, competently functioning travel agency.”

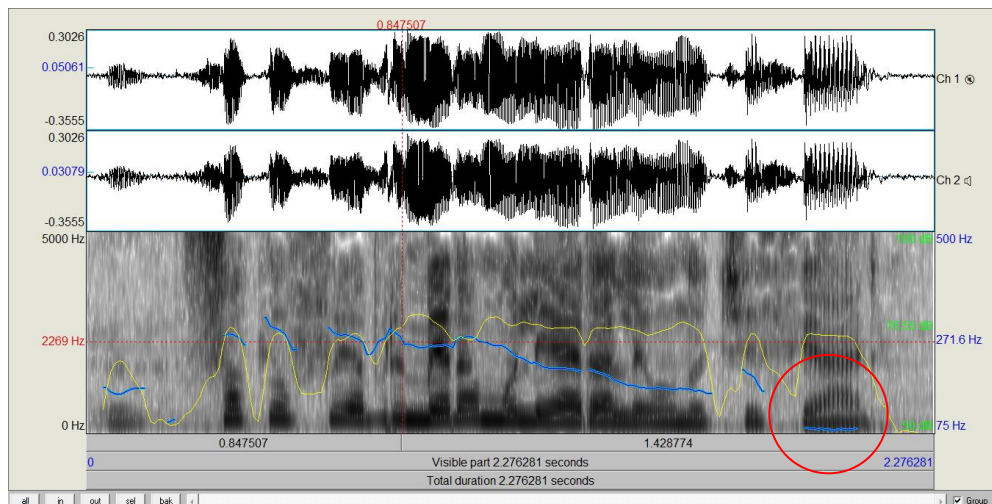
<sup>57</sup> No original: “The styling of social identities against a backdrop of social norms and ‘collective social memories’ is the heart of the process.”

<sup>58</sup> No original: “Whether cultural reproduction happens, and what new glosses are added to social meanings when they are performed, depends crucially on the local formatting or framing of meanings.”



de  $F_0=75\text{Hz}$ . A hipótese considerada é a de que este evento acústico distintivo presente na fala de DC contribua para conferir tom sóbrio e, subjetivamente, crível para sua comunicação, diferenciando-a de outras locutoras do gênero feminino.

Figura 11 - *Vocal fry*



Fonte: a autora

No Excerto 9, a seguir, mais um trecho onde DC (L1) deliberadamente emprega /R/ vibrante em coda silábica (linhas 01, 05 e 06), como forma de enfatizar o que diz.

### Excerto 9:

- |    |        |  |
|----|--------|--|
| 01 | L1:    | i eli foi duran <sup>f</sup> i muito tempu u ed <sup>z</sup> i <sup>↑</sup> tor du Campu i Lavora    |
| 02 | (1h05) | an <sup>f</sup> is d <sup>z</sup> i abri <sup>Ø</sup> a agência                                      |
| 03 |        | i <sup>↑</sup> quando eu sa <sup>↑</sup> i da agência pra en <sup>↑</sup> tra na RBS                 |
| 04 |        | eli mi d <sup>z</sup> issi=Denisi:v,   |
| 05 |        | <b>tu vai</b> is <sup>↑</sup> TAr na RBS,  |
| 06 |        | <b>tu não vai</b> <sup>↑</sup> SER a RBS, né, intã:o,  |
| 07 |        | a RBS <sup>↑</sup> passa, a De <sup>↑</sup> nisi é qui tem qui fica <sup>Ø</sup> , né                |
| 08 |        | intão achu qui mesmu qui:;   |
| 09 | L2:    | issu=tu: [introjeto <sup>Ø</sup> i aplico <sup>Ø</sup> ]   |
| 10 | L1:    | [eu achu qui sim, é]   |
| 11 | (1h05) | <sup>↑</sup> eu, indepen <sup>↑</sup> den <sup>f</sup> i, <sup>↑</sup> eu SOU a Denisi               |
| 12 |        | @ eu achu qui issu @já pelo qui <b>tu</b> falo <sup>Ø</sup> ((sorriso ao falar))                     |
| 13 |        | eu cred <sup>z</sup> itu qui issu <sup>↑</sup> f <sup>i</sup> co <sup>Ø</sup> realmen <sup>f</sup> i |

Vemos, portanto, que o estilo de locução de DC, embora tenha nascido “no berço” da RBS com suas intervenções e adequações, estabeleceu-se como sua marca identitária profissional, mantida mesmo após sua saída da emissora e reconhecida pelos ouvintes.

DC (L1) aplica “*framing*” (enquadramento) de gênero e “*voicing*” (COUPLAND, 2007: 112-113) nas linhas 05 e 06 do Excerto 9 em [estar] e [ser], com a realização da variante tepe alveolar em coda silábica dando “relevância e saliência a certos tipos de características e significados”<sup>59</sup>, neste caso, da fala pública monitorada da *persona* comunicadora de rádio e da fala do colega, conforme a locutora demonstra nas linhas 11, 12 e 13 do mesmo excerto.

A seguir, veremos L1 (DC) em contexto de entrevista, dessa vez no papel de apresentadora, observando como a locutora maneja suas manifestações linguísticas nessa situação.

#### 4.1.2 Entrevista 2

O segundo dado analisado é uma entrevista<sup>60</sup> ocorrida em 24/06/2016 no Programa Som da Tarde, da Rádio União FM. No programa, Beto Xavier e Denise Cruz entrevistam o ator Thiago Lacerda.

Analisa-se a gravação do programa transmitido ao vivo via rádio e *Facebook*, disponibilizado na página digital da rádio União FM. O programa tem a proposta de “infotainment”, termo utilizado para programas que mesclam informações através de notícias, entrevistas e entretenimento musical. A apresentação fica por conta de DC e Beto Xavier (BX), aqui definido como Locutor 3 (L3), a quem, em diversas situações, DC (L1) chama de “maninho”, dada a proximidade entre os colegas.

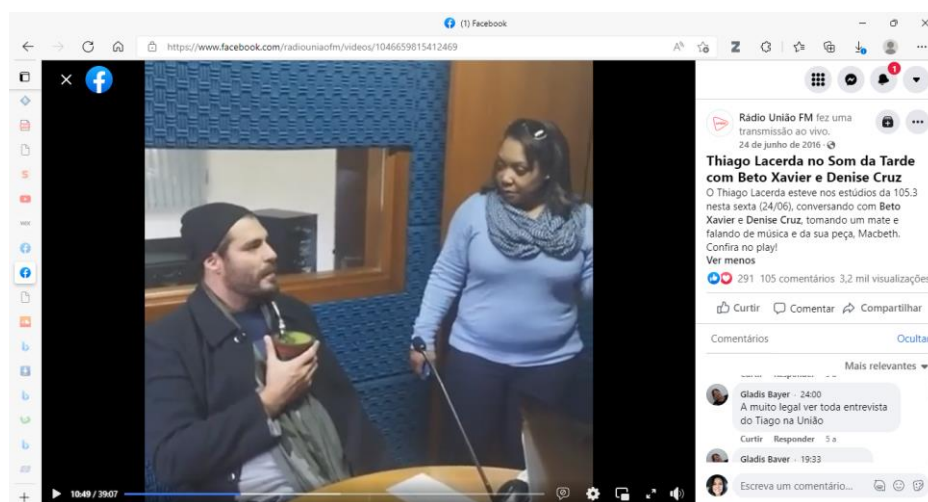
A Entrevista 2 foi selecionada por ser uma situação de fala pública em que DC é a entrevistadora, com o objetivo de identificar as variações empregadas pela comunicadora quando em situação inversa à da Entrevista 1. Na Entrevista 2, o principal interlocutor não é alguém das relações de DC, como BX ou RG. Isso significa que, nas trocas a seguir, o “*framing*” (enquadramento) interpessoal (COUPLAND, 2007) é distinto do observado na Entrevista 1.

---

<sup>59</sup> No original: “...give relevance and salience to certain sorts of indexical features and meanings”

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/radiouniaoofm/videos/1046659815412469> Acesso em: 01/04/2022

Figura 12 - Programa Som da Tarde DC e BX entrevistam Thiago Lacerda (TL)



Fonte: Facebook Rádio União FM

DC e BX entrevistam Thiago Lacerda (TL), ator e empresário carioca ligado ao Rio Grande do Sul por ter atuado em diversas obras audiovisuais filmadas em diferentes locais do estado. Thiago interpretou para a TV personagens como Capitão Rodrigo de O Tempo e o Vento de Érico Veríssimo e o combatente Giuseppe Garibaldi, figuras muito representativas para os gaúchos. Nesta análise, definiremos TL como Locutor 4 (L4).

Como se observa nas imagens, todos os participantes apresentam-se em roupas casuais, demonstrando a relativa informalidade permitida para a ocasião. A título de ilustração para análise, na Figura 12, vemos DC recém-chegada na emissora União FM, com vestimentas informais e cabelos lisos. Meses mais tarde, já em cargo de coordenação das rádios, em entrevista para um estudante de jornalismo<sup>61</sup>, Denise usa a mesma roupa, porém, com seu cabelo naturalmente crespo.

Destaca-se este detalhe (vestimenta e cabelo) para compreender se as padronizações aplicadas ao jornalismo do grupo RBS refletiam-se também, em alguma medida, na forma como DC apresenta(va) sua persona profissional. Com o aumento da exposição através de vídeos nas redes sociais, este pode ser um fator a considerar em abordagens sociolinguísticas, pois permite-nos identificar as relações corporificadas e linguísticas na composição de estilo de persona de um locutor de rádio.

Analisando o cenário onde ocorre a entrevista, temos um pequeno estúdio de gravação de rádio da União FM. Sentados ao redor de uma pequena mesa arredondada, que dá suporte aos microfones, estão Thiago (TL), Beto (BX) e Denise (DC). Em pé, um

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=54vr87Oh13Q> Acesso em: 01/04/2022.

funcionário da rádio faz a filmagem e, no canto do estúdio, fora do foco principal, está a empresária do ator. Na figura em destaque, TL empunha uma cuia de chimarrão, bebida típica dos estados do Sul do Brasil, usa casaco preto, cachecol e touca. DC e BX estão em lados opostos da mesa, voltados para TL em leve triangulação. Beto inicia o programa sozinho, pois DC é chamada por alguém da equipe e sai do estúdio. Retorna minutos depois unindo-se à conversa.

A entrevista intercala falas dos apresentadores L1 (DC) e L3 (BX), gaúchos, com as respostas de L4 (TL), carioca, que, em alguns momentos, ao direcionar sua fala ao público gaúcho, usa variantes fonéticas e lexicais do RS. L3, em alguns momentos, parece exagerar propositalmente as variantes regionais, com o intuito de estimular o convidado a sentir-se “em casa”, dada a relação próxima que L4 declara manter com o estado do RS.

A entrevista tem por objetivo divulgar a peça de teatro que o ator leva em turnê pelo RS: *McBeth*, de Shakespeare. A gravação inicia com a fala de TL em interlocução com BX. Não se vê o início do programa. O ator demonstra sua familiaridade com o estado, usando expressões gaúchas como uma provocação ao público para a venda de ingressos. No Excerto 10, L4 dirige-se ao público (“targeting”), projetando *personae* (“framing” sociocultural) (COUPLAND, 2007: 113) em sua fala entre as linhas 08 e 10 do Excerto 10. Verificam-se também processos de “loading” e “voicing”, para ‘tomar posse’ ou incorporar marcas do código gaúcho.

### Excerto 10:

01	L4: (1:45)	eu quiria promoveØ uma: um [dʒisafiu aqui,]
02	L3:	[pɔdʒi seØ!]
03	L4:	eu vim pensandu nu caminhu du hotew pra cá
04		i eu dʒiscubri qui a f:-
05		a UNIVAfjís tá vendendo mais=
06		=ingressu qui a FEEVALi, [hein!] ((aponta para BX))
07	L3:	[↑a↓: @@]
08	L4:	eu achu bom essi pessuaw da região <b>de Novo Hamburgo SE MEXEØ</b>
09		puRqui eu <b>vo pegaØ nus caluØ</b> du pessuaw @@ ((ri e olha para todos))
10		vo <b>daØ nus deduØ</b> , hein! [@@]
11	L3:	[a:!@@]
12	L1:	[@@] ((seguem informações sobre o espetáculo))

Thiago reforça sua familiaridade com o estado do RS, promovendo uma lúdica provocação para a venda de ingressos. Para esse fim, busca empregar expressões gaúchas para dizer que vai pressionar, metaforicamente, o público. Ao dizer que vai “*pegaØ nus calu*” (Excerto 10, linha 09), busca empregar “pegou no calo”, expressão sulista que indica que algo afetou um ponto de fragilidade/vulnerabilidade. Entretanto, gaúchos não costumam dizer que vão “pegar nos calos” de alguém, mas sim, que algo lhes “pegou no calo”. Observa-se que há condescendência por parte dos nativos do RS presentes em identificar o que L4 pretendia dizer quando riem da provocação, pois o fazem pela provocação em si, não pela fala levemente equivocada de TL.

O mesmo ocorre com “dar nos dedos” na sequência, na linha 10 do Excerto 10. A expressão costuma ser utilizada pelos gaúchos com o significado de dar uma resposta desaforada a uma fala afrontosa ou provocação. L4, porém, emprega a expressão no sentido de pressionar fortemente, a julgar pelo contexto em que a sequência de turnos relevantes ocorreu (linhas 1 a 12). Percebe-se, portanto, que, mesmo conhecendo as expressões e usando formas verbais sem concordância, bastante característico dos falares do RS, o sentido das orações não é compreendido da mesma forma por um carioca como TL. Este trecho foi destacado durante a entrevista para exemplificar significados sociais, calcados em usos e contextos específicos, que toda fala traz consigo. O fato relevante é que L1 (DC) e L3 (BX) não corrigem L4 (TL), seu convidado no programa.

Interessante observar, também, que, ao fazer a provocação, L4 não palataliza /s/ em coda silábica e mantém não elevadas as vogais finais /e, o/ átonas em “*de Novo Hamburgo*” (Excerto 10, linha 08), conforme falas estereotipadas dos gaúchos, mas emprega a pronúncia velar [x] do /R/ em coda silábica, conforme a estereotipia da fala carioca, na palavra “*HamburRgo*” e em “*poRque*”, na linha 09. Aqui não pretendo analisar o entrevistado, mas destacar pontos de conexão linguística entre nativos de diferentes estados e a forma como esse contato motiva as variações linguísticas para a construção de personas neste excerto, que analisa fala-em-interação em situação pública por parte de DC. Neste ponto da entrevista, BX (L3) dirige-se a DC, introduzindo a colega na participação da pauta, vide Excerto 11.

#### **Excerto 11:**

- |    |            |  |
|----|------------|--|
| 01 | L3: (2m22) | i aí Denisi?                             |
| 02 | L1:        | tudu bem, Betu?=((fala mais monitorada)) |

03		seja bem-vindu,[ʃiagu ] ((sorri e olha para L4))
04	L4:	[briga:du queridø]
05	L1:	dexa eu avisaØ us nossus ouvintʃis qui elis podem partʃicipaØ
06		da nossa intrevista [aqui cum u ʃiagu Lacerdø]
07	L3:	[exatamentʃi]
08	L4:	[PARTICIPA AÍ GALERA! LIGA PRA CÁ!]
09	L1:	[partʃicipa:,]
10		liga pra cá, manda tua pergunta pela nossa página nu feicibuqui
11		↑i dá pra curtʃiØ AU VIVU [a nossa]
12	L4:	[ah é? comé qui é?]
13		ah! a gentʃi tá naquela [câmera=ali]
14	L1:	[a gentʃi tá ]na laivi,((live)) issu aí
15	L4:	[fala galera! i aí?]
16	L3:	[ô Cagê, u] ômi gosta di [roqui ]
17	L4:	[@@] isso aí,
18		roquenrow, meRmão, roquenrow,
19		dzi preferênciã britânicu [im homenagem] aí au nossu [Sheikspir ]
20	L3:	[ó:, britânicu,] [tudu a veØ]
21	L1:	u ʃiagu curti MUitu u Riu Grandzi du Suw, né, ʃiagu?= >já=tá=acustu↑madu=cum nossu=friu?<
22		
23	L4:	pois=é, já! já tô acostumadu cum tanta coisa=aqui du Suw
24		mas a veRdadzi é qui a minha ligação cum=u istadu é muito anʃiga,

No Excerto 11, percebe-se que DC (L1) apresenta fala monitorada apenas no início de sua participação (linha 2). O trecho traz o ator explicando sua relação com o estado do RS, seus amigos, negócios e incorporação de hábitos gaúchos, e DC, quando intervém, o faz com algumas sobreposições colaborativas (linhas 9, 14) e usando variantes de fala menos monitorada – apagamento de -r final de infinitivos verbais, palatalização de T e D, vocalização de /L/ em coda, elevação das vogais /e, o/ átonas (linhas 10-11, 21-22). Denise acompanha a fala de TL enquanto manipula o telefone móvel para conferir a interação dos ouvintes, ao que deixa escapar do aparelho um trecho de gravação da entrevista, fazendo o convidado rir constrangido e concluir a fala. O uso do dispositivo eletrônico interferiu na interação face-a-face. Tal interferência é como uma entrada inesperada de outro participante na conversação, fazendo o assunto mudar.

**Excerto 12:**

01	L1: (3m55)	qui bara:tu!
02		chimarrão já incorporoØ [há bastanfĩ tempu?]
03	L4:	[há muitus anus!] ((repete 3x))

No Excerto 12, L1 (DC) emprega uma expressão (*que barato*) considerada gíria de jovens nos anos 1960-1970, hoje usada em manifestações descontraídas por falantes de qualquer idade. A entrevista em linhas gerais tem um tom informal. Entrevistado e entrevistadores riem e fazem pequenas brincadeiras provocativas para despertar o entretenimento do público e conduzir o entrevistado à descontração. L4 explica sua origem carioca do bairro da Tijuca e os significados dessa origem para os cariocas como um bairro tradicional e vasto em peculiaridades. Ao tocar as músicas solicitadas por TL, a conversa segue fora do ar entre os participantes (para quem ouve via rádio), permitindo analisar os empregos linguísticos em situação ligeiramente distinta de fala-em-interação e as variações apresentadas, pois a transmissão em vídeo segue pela rede social.

Na transcrição a seguir (Excerto 13), observa-se que DC (L1) inicia a interação com o entrevistado com a mesma expressão empregada minutos antes no ar (Excerto 12): “*qui baratu*”, seguida do comentário sobre as escolhas musicais de L4: “*blocaço, hein!*” A expressão terminada em -aço é um elogio, significa que algo foi ou é muito bom. No Excerto 13, *blocaço* refere-se a um bloco musical (trecho intercalado por músicas), composto por canções de artistas consagrados. Compreende-se que o *feedback* ao entrevistado tem como objetivo deixar o convidado à vontade, sendo bem recebido pelos anfitriões do programa, assim mantendo-se a descontração durante a entrevista.

Para enfatizar o elogio, DC (L1) emprega no Excerto 13, linha 01, o mesmo prolongamento empregado no Excerto 12, linha 01. Os dados sugerem que a espontaneidade da fala de L1 também é, em alguma medida, empregada como um recurso linguístico de estilo que compõe sua persona no rádio.

**Excerto 13:**

01	L1: (7m30)	qui bara:tu! blo↑Caçu, hein!
02	L4:	mas eu queru oØviØ também, fê!

BX oferece um “*mate*” (chimarrão) para TL, que aceita e comenta sobre ele estar tomando um café, um hábito “*bem carioca*”, seguido por um comentário de DC sobre

marcas porto-alegrenses. As interações evidenciam como falantes de diferentes localidades do país interagem. Observa-se que, quando em contato, parece ser importante aos participantes que deixem claras suas origens identitárias e o que isso representa para toda a construção do contexto comunicativo, seja através da verbalização explícita de seu local/lugar geográfico, ou por meio de vestimentas, linguagens ou práticas, como café *versus* chimarrão, por exemplo.

Quando se dá pelo uso linguístico, os participantes reforçam ou exageram (“*loading*”) em certa medida marcas de fala que talvez naturalmente não seriam evocadas em suas falas cotidianas, como o *ingliding* do porto-alegrense. O favorecimento do *ingliding* é percebido de oitiva como uma modificação ao final da emissão de [ɛ], como em “caf[ɛ:v]”, conforme descrito no Excerto 14 (linha 01), diferenciando-se do prolongamento que ocorre em “ch[e:]ru”. A marca porto-alegrense é identificada pelo prolongamento com aceleração da velocidade de fala no final da frase (linha 01 do Excerto 14).

**Excerto 14:**

01	L1: (7m47)	chegoØ pelu ch↑e:ru >du cafe:v< @@ (( <i>ingliding</i> ))
02		qui bara:tu! i a genfĩ segui ao vivu <b>com</b> us nossus ouvintfĩs
03		qui istã:o, assistfĩndu (.) essi momentu:

Denise (L1) sai da sala e retorna, posicionando-se em pé entre L3 e L4. É informada pela produção de TL sobre a necessidade de sortear ingressos. Ela e a produção decidem com o entrevistado quais serão os critérios para a premiação dos ouvintes no Excerto 15. A conversa é informal. DC monitora menos sua fala na interação do que é observado quando a rádio está no ar. A pauta também não é escrita, o sorteio é definido de improviso pelos participantes do programa minutos antes da comunicação oficial ao público. Este fator é relevante, pois não há apoio da locução em um texto escrito, que ensinaria fala monitorada. O que ocorre é uma fala pública de improviso, mas com algum cuidado e estilo.

**Excerto 15:**

01	L1: (10m37)	tá:, agora=a=genfĩ- agora=a=genfĩ fa:z ((vogais abertas))
02		a genfĩ tem um ingressu intão? ((busca confirmação))
03	L3:	dois (.) paris ((pares))



04	L1:	dois paris?
05	L4:	i, i, u quê qui u cara tem qui fazeØ?
06	L1:	vamuØ invent↑a:Ø!
07	L4:	eu vo propôr um džisafiW intão
08	L3:	↓é↑: podži seØ intão, quandu tu vowta
09	L4:	a genfĩ faz um:- sor[teia, podži seØ, ne?]
10	L1:	[issu, podži seØ]

O que ocorre nesse momento da transmissão fornece interessante material de análise sociolinguística. L1 (DC), que até então conversava de forma não monitorada, é lembrada pela pessoa que filma de que a transmissão ainda está ocorrendo via internet. DC é impactada pelo lembrete e volta ao sorriso nos lábios. Fala com *pitch* mais grave e monitorado para se dirigir à audiência, olhando para a câmera (Excerto 16, linhas 01 a 13). Coupland (2007: 111), a esse respeito, orienta que “onde há um elemento de controle, precisamos introduzir mais precisão na explicação de como um ato de projeção de identidade se relaciona com a *persona*”<sup>62</sup>. No Excerto 16, a locutora aplica um processo de “*keying*”, mudando o ‘tom’ ou ‘espírito’ de seu ato discursivo.

A variação na forma de interagir da locutora mostra que, em contextos de fala pública, profissionais da comunicação impõem a si próprios maneiras mais polidas de comunicar. Ainda que de forma descontraída ou aparentemente informal, um comunicador profissional, ao falar publicamente, conscientiza-se de seu treinamento prévio para tal, buscando manter traços linguísticos que sejam identificados como cuidadosos por quem escuta. Tem-se nessa situação o contraste entre a autenticidade do falante, composta também por sua identidade regional e social, e as exigências do mercado da comunicação, que busca atender demandas de ouvintes e anunciantes, agindo como uma ponte linguística entre dois interesses distintos.

#### Excerto 16:

01	L1: (11m00)	A:I a genfĩ não podži džizeØ a resposta! ((tom monitorado/ <i>pitch</i> grave))
02	L4:	u cara vai liga pra cá?
03	L1:	u cara (.) não, não, manda pru nossu wats
04	L4:	manda pelu [wats ap?]
05	L1:	[manda pelu] wats ap ((olha e aponta para a câmera))

<sup>62</sup> No original: “*But where there is an element of control, we need to introduce more precision into the account of how a projective act of identity engages with personhood.*”

06		Ó! quem tá ligadu au vivu já ↑tá sa↓be:ndu ((segue tom monitorado))
07		vai teØ promoção nu próximu [blo:cu intão]
08	L4:	[daqui=a=pocu]
09	L1:	daqui=a=poquinho, f̃iagu Lacerda ((aponta e olha para L4))
10		f̃iagu qui tá bolandu a promoção, né?
11		não sei u quê qui vem aí @@ ((pitch agravado, vogais fechadas))
12	L4:	tem audziência boa u pessuaw onlaini? ((online))
13	L1:	te↓:m: te↓:m:

Fica evidente nos excertos que L1 (DC) ora monitora sua fala ao se dirigir ao público, ora mantém seus traços espontâneos quando na fala em-interação. Ainda fora do ar, ao voltar-se para TL, é perceptível que as respostas de L1 desalinham-se do estilo com *pitch* mais grave que apresenta aos ouvintes ao interagir com o convidado. Há, portanto, ainda, uma alternância de enquadramento (“*framing*”) interpessoal (COUPLAND, 2007: 113) entre os interlocutores. Quando interagindo fora do ar, L1 (DC) e L4 (TL) estilizam a linguagem conforme o relacionamento de maneira mais casual/íntima e quando ao vivo, estilizam o discurso normativo da comunidade de fala. No trecho a seguir, é possível observar essa alternância quando TL comenta sobre um show que assistiu e conta sobre a emoção despertada, intercalando com informações sobre seu filho para DC.

**Excerto 17:**

01	L4: (20m37)	i eli [sentadzinhu] assim ó ((imita o filho))
02	L1:	[i eli paradu]
03		foi d̃zim↑ais, porrada, né? ((sorri))
04	L4:	Pou Macartney é d̃zormais
05	L1:	bom, muitu- chuva di coraçõizinhos <b>pra tí</b> tá? ((sobre a entrevista))
06	L4:	ah, é?
07	L1:	ch↑uva, ch↑u↓:va d̃zi coraçõizinhos
08	L4:	vem veØ! vem veØ! Pou [Macartney] ((mostra seu celular para L1))
09	L1:	[ah:] ((demonstra interesse))
10		>olha=ali!<
11		qui lindu! qui am↑adu! ((sorri, <i>pitch</i> agudo, olha e cutuca L4))
12	L4:	set̃fi anus, cara
13	L1:	>orgulhu=orgulhu<
14	L4:	i a minina du ladu apaxonada
15	L1:	É! >dá <b>umas olhadinhaØ</b> < @@ ((sorri, <i>pitch</i> agudo)) demais!

O falar gaúcho tem como característica a ausência de concordância nominal de número, como na linha 15 do Excerto 17. Entretanto, nas comunicações midiáticas, para alguns locutores, essa marca só se apresenta propositalmente como artifício para identificação do público. Denise não costuma aplicar essa marca em suas falas profissionais. Profissionalmente, DC orienta-se pela norma padrão, buscando linguagem midiática mais tradicional e formal, com concordâncias, em contraste com sua fala menos monitorada.

O retorno do bloco seguinte evidencia novamente o tom monitorado de DC, *pitch* mais grave com vogais fechadas. Observa-se, portanto, um padrão de alternância formal/monitorado com informal/menos monitorado na fala da locutora analisada, sendo a performance com maior monitoramento e *pitch* mais grave com sorriso ao falar os elementos que compõem majoritariamente a comunicação profissional de L1 (DC).

#### Excerto 18:

01	L1: (27m12)	bom Betu, mUitas partficipações chegandu aqui (( <i>pitch</i> grave))
02		pelas nas nossas redçis sociais, ne
03		lembrandu u nossu: wats=api e u:
04		novi do[is-]
05	L3:	[91226348]
06	L1:	[novi um vinti=dois] meia três patru oitu
07	L3:	vamu sortfíaØ u ingressu,[ ne? issu ne?]
08	L1:	[>achu qui tá] na hora, ne?<
09	L3:	mas eli qui vai sortfíaØ [u ingressu]
10	L4:	[ah, eu vo!]
11	L1:	[eli:, eli qui] inventoØ=a=promoção
12	L4:	comu e qui e u isquema? Pessuaw tem qui ligaØ aqui pra rádçiu?
13	L1:	vai mandaØ um wats ((explica o procedimento))
14	L4:	qui baratu, intão
15	L1:	Ó↓:, tão mandandu! Já tem gentfĩ dçigitandu, tem gentfĩ dçigitandu,
16		a Celia Coutu diz:
17		“eu precisu trabalhar i não consigu sair daqui!” ((/r/ vibrante))
18		((lê mais dois comentários de ouvintes))
19		vamu dçi música intão? mais um poØquinhu?
20		u quê qui a gentfĩ vai oØvi agora? ((segue a programação musical))

De volta ao intervalo musical, L4 volta a mostrar vídeos do filho para Denise. Mais uma vez busca alinhar sua fala ao falar dos gaúchos, mobilizando formas linguísticas típicas como “*guria*” ao mesmo tempo que intercala com “*você*” do falar carioca, mobilizando L1 (DC) a participar da interação. A pauta sobre a vida pessoal do artista é fora do ar, conforme Excerto 19.

**Excerto 19:**

01	L4: (30m15)	vem veØ <b>você, guria</b> ((mostrando o vídeo para DC))
02	L1:	(( <i>pitch</i> agudo)) ai meu D↑e↓:us:! qui am↑a↓:du!
03		@↑olha=@ali↓=qui=am↑or, gen↓fĩ!
04	L4:	chorei, chorei muito! ((refere-se ao filme assistido com o filho))
05	L1:	(( <i>pitch</i> grave)) > eu cho↑rei mui↓tu também < ((referindo-se ao filme))
06	L4:	nunc=imaginei qui meu filhu
07	L1:	não, eli vidr↑a↓:du, genfĩ, vidr↑a↓:du (.) ↑coisa mais ↑li↓ndø

Destacam-se nos excertos acima a variação linguística e os estilos construídos por DC quando em contexto de fala para audiência e de fala entre os participantes da interação. Na fala menos monitorada, percebe-se de oitiva maior incidência de prolongamentos e *inglidings*. Na fala mais monitorada, aplicada em situação de comunicação para o público, evidencia mudança de *pitch* e prosódia, variando o ritmo de sua fala e as ênfases através da alternância de entonação.

Embora faça as alternâncias de maneira bastante sutil, o faz de modo perceptível. Também é possível identificar que a leitura dos comentários da audiência mobiliza as formas linguísticas da locutora. Demonstra, portanto, alta performance na fala e supremo domínio de suas formas linguísticas identitárias, sendo capaz de deliberadamente suprimi-las, ainda que com limitações.

Seu estilo informal no rádio parece, paradoxalmente, ser associado a traços de maior formalidade linguística, apenas deixando escapar propositalmente eventuais apagamentos de /r/ em verbos no infinitivo. Essas são características que contribuem para sua construção de persona no rádio.

## 4.2. COMUNICADOS

Comunicados são notas informativas que se caracterizam por conteúdo de interesse e utilidade pública. Em comunicados, há um direcionamento para um público específico, porém, em linguagem que atinja ampla gama de idades, classes sociais e educacionais e de gênero. Usualmente, são empregados quando algo extraordinário ou fora do comum acontece, geralmente, algum evento trágico.

Em comunicados, o gênero discursivo e os temas delicados permitem pouca flexibilidade nas formas linguísticas empregadas. Tom “sóbrio”, com poucas variações de entonação, vogais fechadas e *pitch* vocal levemente grave são algumas das orientações recebidas por um locutor profissional em seu treinamento para comunicações com temas sensíveis aos ouvintes.

Para este estudo, foram selecionados dois comunicados cujos temas diferem, com o objetivo de identificar as formas linguísticas empregadas num mesmo gênero comunicativo, pela mesma locutora, mas com mensagens opostas. O Comunicado 1 é uma nota de interesse público por se tratar de um assunto relacionado à saúde e o Comunicado 2 é uma nota fúnebre que divulga a morte de um famoso cantor.

Analisaremos os usos linguísticos de DC e o modo como, com as formas linguísticas usadas, ela posiciona-se nos diferentes contextos situacionais. Observa-se, no entanto que, em ambos comunicados, L1 (DC) interage, na locução, com um colega homem.

### 4.2.1 Comunicado 1

Trata-se de um comunicado<sup>63</sup> feito em 17/03/2020 via página do Facebook oficial da Rádio União FM. Em parceria com o diretor da rádio, Rodrigo Giacomet, DC informa a audiência sobre as medidas de prevenção ao coronavírus.

O ano de 2020 iniciou com muitas incertezas e readaptações em escala mundial devido à pandemia do coronavírus, disseminada a partir da China no final de 2019. O alarme, entretanto, só alcançou o Brasil no mês de março de 2020, quando todos os setores sociais não considerados como essenciais precisaram readaptar suas práticas. Neste

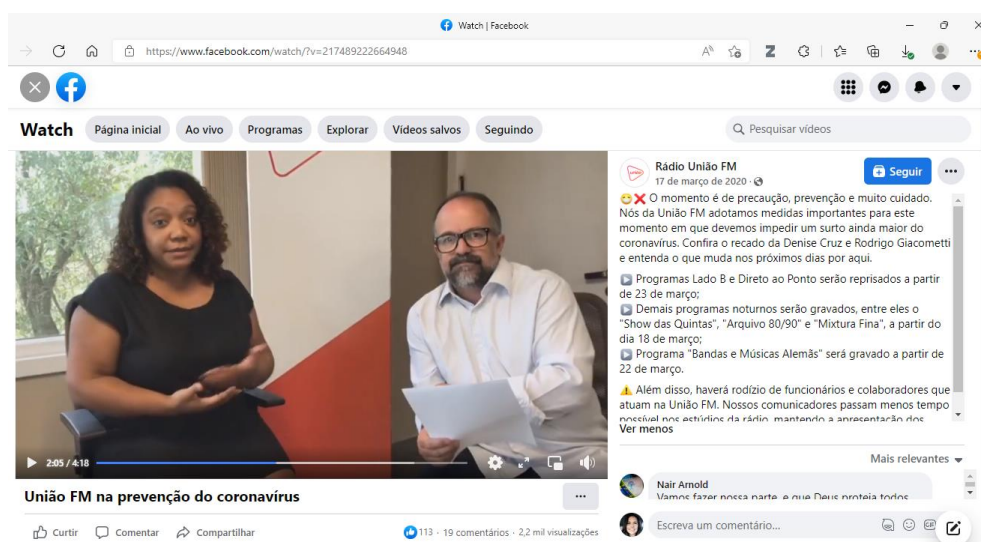
---

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=217489222664948>. Acesso em: 01/04/2022

comunicado de utilidade pública, o diretor da rádio União FM e a coordenadora de rádio da emissora manifestam-se publicamente sobre os novos protocolos sanitários.

O vídeo (Figura 13) apresenta DC e RG sentados lado a lado no estúdio da União FM em tom de seriedade, comunicando os próximos procedimentos adotados pela emissora a fim de evitar a disseminação do coronavírus entre seus trabalhadores. Ambos os locutores estão sem máscara, pois o consenso de adoção do equipamento de proteção só foi difundido a partir de maio de 2020.

Figura 13 - União FM na prevenção do coronavírus



Fonte: Facebook União FM

Rodrigo inicia o vídeo informando o assunto a ser abordado, afirmando que “*o momento é de seriedade*” (0m12 – 0m14), preparando a audiência sobre o tom da comunicação, complementando em seguida com a fala “*Denise, vamos comunicar, de forma bem informal - como é a linha, o perfil da União FM - as nossas ações*” (0m43 – 0m50). Embora o tema abordado seja absolutamente sério, RG destaca que a linha jornalística da emissora não segue as mesmas padronizações que o Grupo RBS. Entretanto, ao definir que a informalidade “*é a linha*” da emissora, RG não destitui a empresa de uma padronização, pelo contrário, pois empregar informalidade linguística por si só já é uma escolha de padrão para as comunicações.

Podemos observar que em momentos de fala informal, distanciada do padrão mais monitorado de uma apresentação ou notícia, DC pontua sua fala com o marcador discursivo “*nê*” em diversos momentos. Este traço linguístico é considerado como uma característica de informalidade no discurso. Urbano (1999), de acordo com Nunes (2017:

123 - 124), elenca o marcador discursivo (ou conversacional) “né” como um “marcador de teste de participação ou busca de apoio”, concebendo essa ocorrência como um elemento que ajuda “a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional”. O uso frequente de tal marcador, como se verá nos excertos seguintes, foi observado também na Entrevista 1. Identifica-se esse marcador em mais de um momento na linha de fala proposta por RG, de seriedade com informalidade. É o que observamos na fala de L1 (DC), conforme veremos nos Excertos 20 a 24, a seguir.

Nesses excertos, destacam-se o emprego de “a gente” por L1 (DC) e a variação na realização de /R/ em coda, ora promovendo apagamentos, ora produzindo tepe, ora vibrante. É possível identificar que o recurso fonético de alternância de /R/ em coda é uma característica que DC utiliza de forma variada em seu discurso, às vezes como ferramenta de ênfase ao que é dito, mas que não faz parte da fala usual da comunicadora, assim como a palavra “você” em alternância com “tu”. Essas ocorrências podem ser identificadas como uma marca de estilo linguístico da locutora.

DC (L1) inicia sua fala no Excerto 20 com “a gente” (linha 01), forma que se repete ao longo do discurso (Excerto 20, linha 13 e Excerto 21, linhas 01 e 03) sem alternância com “nós”.

#### Excerto 20:

01	L1:	<u>a gentfi</u> já vem tomando awgumas midžidas ne Rodrigu=
02		desd=a semana passada
03		cum a džistribuição dži áwcow gęw im TODAS as salas
04		equipamentu indžividualizadu ne?
05		us comunicadoris a partir dži agora
06		passam a <u>te</u> cada um u SEU materiaw
07		pra não te $\emptyset$ u COMpartilhamentu dži materiais
08	L2:	=TANtu dži foni quantu dži isPUmas dži microfoni
09		istão sendu indžividualizadas cada uma dessas situações
10	L1:	a higienização da rádžiu também a gentfi coloc $\emptyset$ im potência máxima ne
11		cada um qui troca dži horáriu
12		tem qui higieniza $\emptyset$ T $\emptyset$ du ambientfi dži istúdziu
13		porque aqui <u>a gentfi</u> tem muito toqui, ne?
14		tem a mesa, tem u microfoni, tem [u mawsi]= ((mouse))
15	L2:	[i a fala]
16	L1:	=i tem a fala ne [Rodrigu] ((Rodrigo inicia novo trecho))

L2 (RG), então, segue com as comunicações, explicando que a rádio continuará em funcionamento, enquanto alterna suas falas com as falas de DC. Ao contrário do que a população da região metropolitana emprega em sua fala usual, DC (L1) não faz apagamentos de /r/ em coda em verbos infinitivos na maior parte das produções. Emprega-os de forma variável para compor seu estilo linguístico e sua persona no rádio, conforme observamos nas linhas 06 e 07 do Excerto 20 e na linha 07 do Excerto 21.

**Excerto 21:**

01 L1: a gentfi vai teØ awguns programas  
 02 qui serão reprisadus  
 03 porque a gentfi tem sim ne  
 04 pessoas qui fazem parfi dessi grupu dži riscu  
 05 ENtri us nossus comunicadoris  
 06 ENtri us nossus colaboradoris  
 07 intão É pricisu ter\_ esti cuidadu ((RG retoma))

Quando RG (L2) retoma a fala, Denise apenas assente com a cabeça, conforme o colega transmite as informações. Intercala o olhar entre a câmera e L2, assentindo de forma gestual para o público a cada fala de RG. Seguem os procedimentos explicados por L2 a respeito dos colaboradores, que passarão a trabalhar de casa, ao que DC (L1) complementa (Excerto 22), desta vez com apagamento de /r/ (linhas 2, 3, 4, 5).

**Excerto 22:**

01 L1: ε issu aí  
 02 não adianta a gentfi falaØ pru pessuaw si cuidaØ  
 03 pru pessuaw ficaØ im casa  
 04 pru pessuaw teØ essa responsabilidadži  
 05 si a gentfi não deØ u exemplu também ne Rodrigu

DC (L1) entrega a fala a RG (L2), que segue explicando o regime de horários ao vivo e fazendo a “prestação de serviços” (informações de utilidade pública), completada por Denise (L1). No Excerto 23, observa-se o emprego de “a gente” (linha 09) em lugar de “nós” e “você” (linha 03, 06) para endereçar-se à audiência.



**Excerto 23:**

01	L1:	essa a ideia, essa a ideia
02		qui das setfi da manhã às dzizenovi horas
03		qui <u>você</u> tenha muita informação
04		com a dziscontração da [União FM] ((aponta para RG))
05	L2:	[CLA:RU: comu sempri]
06	L1:	[levandu som] dzi qualidadzi pra <u>você</u>
07		mas cum todú cuidadu,
08		qui u momentu ezigi comu dzissi u Rodrigu
09		i aqui ó, <u>a genfi</u> já dexoØ
10		[um metru] dzi dzistância ((abrem lateralmente os braços um ao outro))
11	L2:	[eXATAmenfí!]

L1 (DC) e L2 (RG) concluem o comunicado ressaltando a importância de que todos façam sua parte e tomem todos os cuidados que o momento exige, para que a pandemia possa acabar o mais rápido possível e se possa voltar à normalidade. Projetando otimismo na voz e com um discreto sorriso, Denise finaliza sua fala informalmente, mais uma vez sem o emprego de / R / em coda nos verbos infinitivos, conforme Excerto.

**Excerto 24 :**

01	L1:	isso tudu vai passaØ
02		[vai passaØ!]
03	L2:	[vai passaØ!]

Na fala diária dos gaúchos da região metropolitana, o apagamento de /R/ em coda silábica ao final de formas verbais no infinitivo é um fenômeno estável e frequente (ROCKENBACH; BATTISTI, 2021), associado pelos ouvintes à informalidade ou a indivíduos menos cultos. As comunicações midiáticas direcionam-se a uma audiência média, por isso a linguagem não pode ser tão rebuscada a ponto de pessoas de pouca escolaridade não compreenderem, nem tão popular a ponto de não conferir seriedade à mensagem. Encontramos em Bourdieu (2007: 168) a definição desta prática como “a oposição entre a espontaneidade popular e a linguagem altamente censurada da burguesia, entre a busca expressionista do pitoresco ou do efeito e a opinião preconcebida da moderação e da simplicidade fingida”, que é como orientam-se as práticas do rádio diante

da vasta gama temática contemplada pelas mídias em suas diversas práticas de alta performance (COUPLAND, 2001).

Denise é professora universitária, ou seja, não se trata aqui da fala de uma pessoa menos culta, muito antes pelo contrário. Sua fala contempla a informalidade percebida pelos ouvintes de maneira variável, ora apagando /R/ em coda, ora produzindo-o de forma vibrante alveolar, a depender da ênfase ou estilo de comunicação, como verifica-se também nas comunicações que seguem. Identifica-se, portanto, que o apagamento variável de /R/ em coda silábica, especificamente nos verbos na forma infinitiva, é empregado de forma variável pela radialista como parte de sua composição de persona e estilo linguístico. DC tem consciência de que as formas linguísticas servem como fator de compreensão da mensagem por parte dos ouvintes.

O tema da mensagem transmitida no Comunicado 1 trata de uma pandemia mundial sem precedentes na história moderna. No momento da comunicação, ainda não havia vacinas ou pesquisas robustas sobre a doença, restando aos indivíduos incertezas e tentativas primitivas de saneamento e higienização para evitar contágios. Isso significa que quem comunica também não tem qualquer certeza sobre o que comunica. Entretanto, um comunicador não pode transmitir insegurança para sua audiência neste momento. Em um momento de gestão de crise, a comunicação midiática em massa serve para orientar e unificar ações que beneficiem a coletividade.

No Excerto 22, DC verbaliza o alinhamento entre as práticas da rádio nas medidas de segurança e as ações públicas coletivas e individuais, compreendendo que, em alguma medida, as mídias também servem como modelos atitudinais para a população. Em contrapartida, os veículos de mídia também são parte da sociedade, compartilhando seus valores e práticas. Quando os locutores afirmam que, assim como os ouvintes, a rádio União também está tomando medidas preventivas, os locutores se posicionam no espaço de forma específica, com distanciamento físico demonstrado e verbalizado no Excerto 22 nas linhas 09, 10 e 11.

No rádio contemporâneo, a informação puramente sonora divide espaço com a comunicação visual através da *internet*. Essa, por sua vez, difunde práticas dos ouvintes, pessoas comuns, de diferentes identidades e categorias sociais. Ao fundir as duas práticas, a do locutor profissional e a dos ouvintes, percebe-se que emerge um estilo comunicativo intermediário ainda em construção (em mudança), que beneficia o falante e sua identidade juntamente com o estilo de persona que esse locutor é capaz de performar em diferentes contextos comunicativos. Torna-se necessário considerar e explorar de forma mais

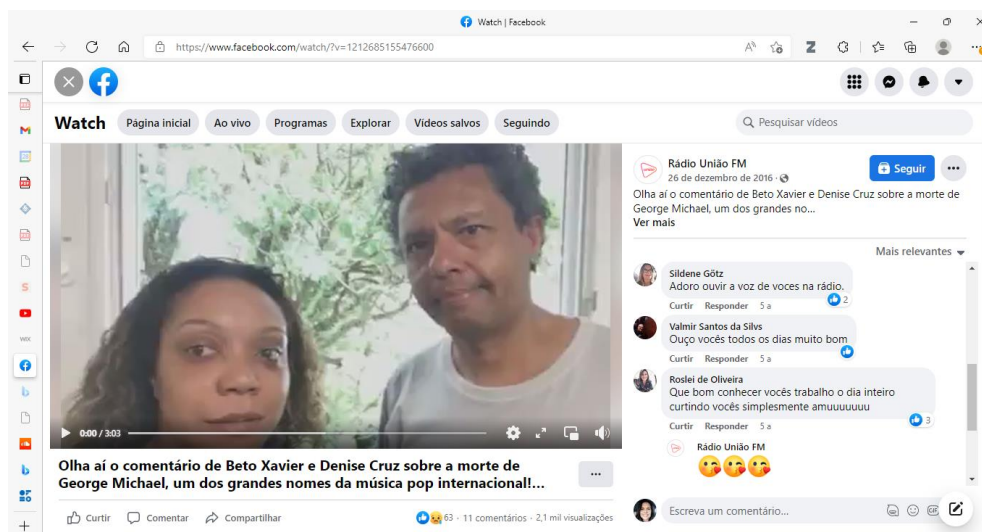
aprofundada essas mudanças em andamento e o modo como elas influenciam os estilos linguísticos.

#### 4.2.2 Comunicado 2

Analisa-se nesta seção um comunicado<sup>64</sup> feito em 26/12/2016 via página do Facebook oficial da Rádio União FM. Denise Cruz (L1) e Beto Xavier (L3) anunciam a morte do cantor George Michael.

O vídeo é transmitido ao vivo via plataforma Facebook. DC segura o *smartphone* que faz a transmissão enquanto conversa com seu colega Beto Xavier (BX) a respeito dos feitos do cantor. Ambos apresentam semblantes consternados, não há sorriso nos lábios durante o comunicado. BX traz informações recentes sobre o cantor, que havia acabado de finalizar um álbum novo, ainda a ser lançado.

Figura 14 - Beto Xavier e Denise Cruz comentam a morte de George Michael



Fonte: Facebook União FM

A gravação foi realizada nos corredores da Rádio União FM. Ao fundo, é possível ouvir ruídos de máquinas e conversas. A locutora alterna seu olhar entre a câmera e BX. Complementando a fala do colega, DC alterna sua participação com breves observações faladas, assentindo com a cabeça ou fazendo gestos e mímicas faciais de concordância com as informações expostas.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1212685155476600> Acesso em: 01/04/2022

**Excerto 25:**

01	L1:	bom i dois=miw=i dzizesseis si dzispedzi aí cum ↑MA:is=uma
02		noŋĩa ↑TRIsŋĩ ↓pru mundu da música,
03		đzi↑órdzi ↑Maicow faleceu nestŋĩ duminqu
04		cin↑quente=i=t↑rês=↑an↓us, né Betu?
05	L3:	cinquete=i três anos ((comenta sobre o recebimento da notícia))

No excerto 16, L1 (DC) inicia o comunicado em tom mais monitorado, olhando para a câmera, sem o sorriso habitual. Na nota fúnebre, não cai bem o riso em situações de morte. É importante, portanto, que, ao transmitir esse gênero noticioso, haja cautela por parte do comunicador em seus gestos expressivos, principalmente aqueles associados ao humor. Qual seria a possível reação ao vídeo se DC sorrisse ao falar como usualmente faz?

D’Onofrio & Eckert (2021) atentam para que o pesquisador considere em suas pesquisas sociolinguísticas o papel da afetividade da linguagem. A forma como os gestos associam-se às falas é analisada por diversas linhas de estudos. Para esta pesquisa, interessa-nos também compreender o papel que essa afetividade desempenha nos significados sociais que a locutora emprega, motivando seus usos profissionalmente.

Ao mobilizar em sua comunicação a ausência de sorriso para fazer um comunicado triste, a locutora deixa claro o tom da comunicação, da mesma maneira observada no Comunicado 1. O curso do comunicado, no entanto, traz informações sobre as obras de caridade descobertas apenas após sua morte (Excerto 26), permitindo certo relaxamento nas expressões faciais e corporais, por mencionar boas notícias, mas L1 (DC) segue impassível, como no início, ao complementar a fala de L3.

**Excerto 26:**

01	L1:	[muitu quirida:] i qui inclusiv i ↑hoji
02		a gentŋĩ dziscobri aí dzi tantas: ã: a↑ÇÕes beneficentŋis
03	L3:	[exatamentŋĩ]
04	L1:	[qui eli fez aí] pra MU↑:Itas pessoas ((olha para o colega passando a palavra))

BX traz informações pessoais e comenta a importância do cantor para quem começou a carreira na década de 80, quando o artista ficou conhecido. Dirige-se a DC

utilizando “tu” (“*como eu, como tu*” - 1:10 – trecho não transcrito). L3, nesse momento, menciona o “rock classudo” do cantor, ao que ambos sorriem e olham para a câmera em uma expressão conhecida popularmente como associada ao estilo *heavy metal*, um sorriso malicioso, com o significado de “botar para quebrar” ou “*rock ‘n roll*”, em seguida voltam à expressão séria.

**Excerto 27:**

01	L3:	era um cara muito misteriosu também, né Denisi?
02	L1:	um cara muito queridu nu mundu da música, né?
03	L3:	[exatamentʃi]
04	L1:	[arʃistas estão aí] lamentandu
05		a passagem du dʒiórdʒi Maicow, mã:s qui dexa uma obra inʃrívew
06		i qui ficará (.) pra ʃsempri né?

Mais uma vez, ambos voltam a sorrir ao mencionar a “pompa” do artista na sua trajetória artística. DC sorri com os lábios fechados e assente com a cabeça durante as falas de L3, dividindo seu olhar entre colega e câmera, porém não é um sorriso de alegria, mas de admiração pelos feitos do cantor. Compreende-se, portanto, que, mesmo em situações fúnebres, quando em referência aos feitos de quem morreu, é possível que haja sorriso na comunicação visual sem que seja comprometida a seriedade do tema.

Da mesma forma, uma rede de comunicação midiática que se direciona para informar e entreter precisa garantir que seja mantida a positividade entre os ouvintes, ainda que em situações trágicas. Para que isso ocorra com sucesso, é necessário que os comunicadores profissionais tenham o treinamento prévio que lhes garanta a consciência acerca de quando e como introduzir o tom descontraído, para que sua atuação não soe desrespeitosa aos ouvintes, conforme transcrito abaixo (Excerto 28).

**Excerto 28:**

01	L3:	devi seØ mais uma obra póstuma dessi 2016 qui vo ʃi con[taØ XÔ!] @
02	L1:	[@@@]
03		tá ʃbom dois=miw=i=dzizesseis, podʒi i im ʃbo:ere @@@ ((encerra vídeo))

Ao finalizar o comunicado, L1 (DC) e L3 fazem uma retrospectiva de algumas perdas de celebridades durante o ano de 2016. DC sorri em tom de brincadeira, para

aliviar o agouro, dizendo “*tá bom, 2016, xô! podi iØ imbora!*” (Excerto 28). Ambos o fazem rindo, não da morte anunciada, mas sim da necessidade de “descarregar” um ano que havia sido repleto de mortes de artistas.

Conforme ocorreu também no Comunicado 1, a finalização da comunicação difícil é amenizada por uma ironia ou desejo de superação, motivando a sensação que desejam promover nos ouvintes. Os excertos demonstram como a linguagem compõe-se de diversas facetas, não apenas fonéticas ou entoacionais, mas também com outros recursos semióticos, para a construção de personas e para o alcance do objetivo comunicativo.

#### 4.3 TRANSMISSÕES AO VIVO

Em transmissões ao vivo via rádio FM, os comunicadores em diversos momentos apoiam-se sobre uma fala escrita, pautada previamente ou não, visto que, como dizem os jornalistas, a notícia não escolhe hora para acontecer. Mesmo em programas que visam o entretenimento, mantém-se a característica do rádio de ser um veículo que fornece informações atualizadas em tempo quase real. Informações sobre clima, trânsito, segurança, saúde pública ou notas fúnebres costumam compor as diferentes programações do rádio.

Compreendendo que um programa de música e entretenimento também alterna esse tipo de informação, pretende-se analisar a forma como a mesma comunicadora manifesta-se linguisticamente neste gênero de comunicação em diferentes condições e emissoras. Para este fim, foram selecionados dois momentos distintos da atuação de DC. Um programa veiculado em 2017 pela rádio União FM, no qual DC dividia os microfones com outra mulher, e outro de 2022, em outra rádio, tradicionalmente ocupada por homens, onde DC apresenta o programa com um colega do sexo masculino.

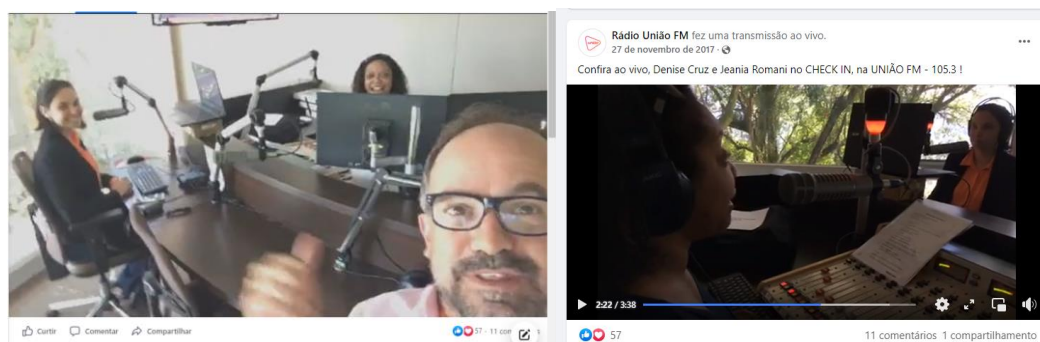
Devido ao fato de DC raramente dividir a programação com outra locutora, sociolinguisticamente interessa-nos observar se em interlocução com alguém do mesmo sexo, algo se modifica ou varia na fala de Denise, o que motivou a seleção deste vídeo.

### 4.3.1. Programa 1

Nesta seção, analisam-se trechos de um programa<sup>65</sup> transmitido em 27/11/2017 via Rádio União FM. O programa, intitulado “*Check In*”, é apresentado por DC (L1) e sua colega, a jornalista Jeania Romani (JR). O programa tem o propósito de apresentar as principais manchetes jornalísticas do dia, intercaladas com serviços de utilidade pública (clima, trânsito, cultura etc.) e música.

Na Figura 15, quem faz a filmagem é RG, que acompanha a transmissão das colegas durante a abertura do programa. Ao todo, o vídeo tem 03 minutos e 38 segundos de duração.

Figura 15 - Programa Check-in transmitido pela União FM dos estúdios da rádio



Fonte: Facebook União FM

Embora o rádio seja um veículo essencialmente sonoro, na atualidade, com a difusão da *internet* e seu uso para fins profissionais e pessoais, tem aumentado o número de rádios que transmitem ao vivo, via *internet*, som e imagem dos bastidores do estúdio. Com isso, é possível recorrer a recursos visuais e semióticos comunicativos para gerar conexão com o público, o que fornece aos sociolinguistas mais subsídios analíticos aos eventos comunicativos que pretende estudar.

O rádio vive, portanto, um momento de transição nas suas formas de comunicar, sendo possível ao público também visualizar os radialistas na execução de seu ofício e estabelecer outros canais de comunicação com os apresentadores, ações inimagináveis aos primórdios das transmissões radiofônicas. Interessa-nos identificar SE e COMO essas

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/radiouniaofm/videos/1525525774192535>  
Acesso em: 08/04/2022

transveiculações exercem impacto sobre as formas e normas comunicativas, sejam elas explícitas ou implícitas.

No vídeo selecionado (Excerto 29), DC (L1) introduz JR (L5) na transmissão radiofônica em tom monitorado. Inicia cumprimentando a colega no ar. Pelo trecho gravado, não é possível identificar se as locutoras já haviam trocado cumprimentos antes ou se, de fato, conversaram apenas no ar. Por tratar-se de um programa recorrente e pautado de forma escrita, conforme é possível observar na Figura 15, pode-se inferir que houve uma troca linguística prévia entre L1 e L5, tanto na definição da pauta e sua redação, quanto nas conversas paralelas que ocorrem fora do ar entre os comunicadores antes, durante e após as transmissões.

#### Excerto 29:

01	L1:	Jeania Romani tudu certu:? (( <i>pitch grave</i> ))
02	L5:	tudu bem, [Denisi?] bom dzia pra [você i prus] nossus ouvintfis
03	L1:	[tudu bem] [bom dzia:!]
04	L5:	hoji e recém sigunda-feØra, mas eu já tô dzi olhu nu fin=dzi=semana
03	L1:	j↑á↓:?
04	L5:	já:! tô dzi olhu nu finaw dzi semana porque vai teØ um SHOW ((informa dados))

Nos excertos 28 e 29, observa-se que a locução de DC ocorre em tom mais informal. A comunicadora faz mais intervenções de fala sobreposta para destacar as informações que a colega traz, como ocorre no Comercial 2 (ver seção 4.5.2, adiante). Denise opera a mesa de som e os computadores do sistema de áudio enquanto segue uma pauta impressa apoiada à sua frente (Figura 15). O estúdio é integrado, não separando mesa de áudio e mesa dos microfones. Ambas se sentam frente-a-frente, separadas apenas por uma bancada alta que permite a troca visual entre as locutoras. JR (L5) faz sua comunicação sem que haja interlocução com DC (L1), retomando-a adiante, quando L5 informa sobre o brinde que a rádio sorteará, conforme destaque no Excerto 30.

#### Excerto 30:

01	L5:	para us nossus ouvintfis [a gentfi:, a gentfi tem u]m presentfinhu
02	L1:	[↑OPA↓:! gostu dessa frasi] hum?
03	L5:	intão pra quem quiseØ i nu show EM Novu Hamburgu



04	nu <u>te</u> atru Fevali nu ḍzia dois ḍzi dezembru	
05	podzi: mandar agora u nomi completu, u RG ((registro geral))	
06	para=u=nossu wats=app i	
07	nus informar quaw é u nomi du show	
08	°acabei ḍzi falaØ, [genṭfi tá bem fáciw tá] bem fáciw°	
09	L1: [facinhu, hein, facinhu]	↑hum[↓hum] ((concorda))
10	L5:	[↑novi=]↑novi=um,
11	↑vin̄fi=dois, meia=três, quattru=↑oitu	
12	us dois primerus qui responderem cert̄finhu u nomi du ḍziscu, u nomi du DVD	
13	qui é u nomi [du show] @ vai levar essi par ḍzi=ingresso	
14	L1: [@@@]	((Rodrigo dá zoom na tela de DC com a resposta))

O Excerto 30 destaca uma interessante ocorrência linguística: na linha 02, DC fala “Opa!”, demonstrando surpresa. Há aqui uma encenação, pois ambas compartilham a pauta, conforme é possível observar no vídeo, quando RG dá zoom na pauta escrita que DC se guia. Entretanto, DC já declarou na Entrevista 1 que seus traços de fala na locução não são uma “mentira”, mas sim manifestações genuínas de sua personalidade, compatíveis com sua atuação no rádio.

Embora o programa seja usualmente de informações culturais ligadas às artes audiovisuais, com a apresentação de duas pessoas do sexo feminino, o momento em destaque está sendo filmado por RG, diretor da rádio. Conforme o próprio RG fala no vídeo, JR (L5) e DC (L1) não gostam de aparições em vídeo e uma das apresentadoras é mais jovem e está visivelmente nervosa, buscando acertar, fator que pode ter influência sobre a forma como L5 e L1 interagem entre si e com o público. Necessitaríamos, no entanto, de mais dados para compreender esses comportamentos, mas os dados atuais sugerem que a influência exercida por uma hierarquia interfere no comportamento comunicativo dos participantes.

Observa-se o tom de condescendência de DC quando JR titubeia ao ser filmada pelo seu superior. Da mesma forma, L1 (DC) busca interagir muito informalmente durante as intervenções com L5 (JR), como se buscasse estabelecer uma atmosfera de acolhimento entre a colega menos experiente, o superior e os ouvintes. Denise é quem faz as “pontes”, momentos de comunicação que visam conectar uma informação à outra, dando o tom do discurso e/ou para deixar o interlocutor mais confortável.

Nas linhas 05 e 07 do Excerto 31, L1 (DC) emprega a palavra “teatro” com palatalização de T, diferente do que L5 (JR) faz nas linhas 08 e 12 do mesmo excerto. JR não palataliza nem eleva a vogal seguinte, como também é possível observar na ênfase que L1 dá à palavra “no” (linha 06, Excerto 31), relatando ser “*como disse a Jeania*”. A não palatalização de JR pode ocorrer devido às suas origens, isto é, ao padrão de sua comunidade de fala, ou resultar da leitura em voz alta, em que se busca correção verbal, comum entre comunicadores profissionais. A palatalização de DC, contrastando com a não palatalização de JR, sugere que essa variação na mesma palavra não compromete as atitudes que os ouvintes gaúchos têm sobre as diferentes formas linguísticas nesse caso.

### Excerto 31:

01 L1: ((monitorada)) tá certu intão  
 02 novi novi um dois dois meia três patru oitu  
 03 đziga quaw é u nomi du SHOW da Vanessa=da=Mata=  
 04 qui ↑tá chegando au is↑tadu  
 05 si apresenta na sexta-feira im Portu=Alegri >nu țfiatru Burbon Cawntri-  
 06 E **NO** sábado, comu dziss=a Jeania  
 07 si apresenta nu țfiatru Fevali=im Novu=Hamburgu- ↑i que↓m-  
 08 participaØ da nossa promoção tá ganhando pru țfiatru FEVALI!=  
 09 L5: [pru **Teatru** Fevali =]  
 10 [= issu aí]  
 11 L1: bom reforçaØ ess=[informação], né Jeania?  
 12 L5: issu aí, pra Novu Hamburgu **Teatru** Fevali nu SÁbadu  
 13 L1: ↑tá certu intão, Jeania  
 14 aqui nu nossu ↑check=in, nê?  
 15 sempri num oferecimentu đzi Com↑ótu, gaúchu vai đzi Honda da Comótu:  
 16 em Novu Hamburgu, ↑Sapiranga E Caxias du Suw  
 17 i Bifê ↑Mar↓țfins, u lugar perfeitu para u seu awmoçu  
 18 na sociedadđzi Aliança EM Novu Hamburgu  
 19 valeu, Jeania:!  
 20 L5: valeu, te mais!  
 21 ↑gra:n:đzi abraçu!  
 22 ((monitorada)) agora ONZI horas CINCU minutus  
 23 intervalu comerciaw i a gentfi já vovta

As novas práticas do rádio estão sendo construídas, acompanhando as mudanças sociais, encontrando ainda certa resistência nesta adaptação por parte de alguns comunicadores, como é possível conferir através da fala de RG no trecho de minutagem 2m06 – 3m06, quando diz: “*eba! eu fiz um check-in das duas ao vivo! elas vão mi odiaØ, vão mi xingaØ, mas eu digo pØa elas fazeØ, eu falo i elas não fazem!*”, e completa: “*última ‘laive’ que elas fizeram deu mais di MIU visualizações, aí vejam, I NÃO FAZEM! i eu brigo pr’elas fazerem...*” (3m12 – 3m19). O trecho destacado demonstra como tem sido o novo “fazer do rádio” e como as novas práticas ainda enfrentam contrariedade, por parte de profissionais de diferentes gerações. Cabe-nos também compreender SE e em qual medida a falta de interesse pelo veículo mobiliza as práticas linguísticas.

Sociolinguisticamente, interessa-nos observar como esses e outros detalhes produzem significado no discurso de L1 (DC). Observa-se que, na linha 19 do Excerto 31, DC dirige-se à colega com gíria “*valeu*” para agradecer, mais informalmente, ao finalizar uma interação sobre entretenimento (anúncio de um show). Porém, ao dirigir-se aos ouvintes nas linhas 22 e 23, volta a monitorar sua fala, agravando o tom de voz, diminuindo as variações entoacionais trazendo maior tom de seriedade ao discurso ao anunciar a hora e o intervalo comercial.

Os dados demonstram que, quando em interação linguística com uma comunicadora do mesmo sexo e mais jovem, DC posiciona-se mais informalmente, demonstrando intimidade e solidariedade, fazendo intervenções nas falas de L5 não observadas nas trocas com os demais interlocutores do sexo masculino. Com Jeania, DC permeia a comunicação com estilo de fala, menos formal, apesar de pautada, e não apenas em tom de fala pública, o que se comprova quando L1 comunica-se com a audiência em estilo mais alinhado à fala padrão, ou com o que se considera formal/monitorado. Ou seja, embora o programa e a audiência sejam os mesmos, não há uma linearidade ou total padronização nos usos linguísticos das duas locutoras, ainda que se exija certa padronização na fala dos comunicadores.

Cabe destacar que se trata de um programa de rádio do gênero de “infotainment”, que alterna músicas populares com clássicos do *pop* e *rock*. Não se caracteriza, portanto, como um gênero formal de programa noticioso. Possivelmente, os ouvintes não empregam a fala orientada pela norma-padrão usualmente, tampouco as letras das músicas que o programa transmite assim o são. Ou seja, o tom sóbrio, interpretado como “formal” das falas de DC manifesta-se na comunicação de informações de utilidade

pública para os ouvintes (promoção de prêmio), mas não é observada quando a fala é dirigida a L5.

DC dirige-se ao público usualmente de forma mais monitorada do que quando fala com outros comunicadores. Ainda que conheça sua audiência e tenha consciência de que os ouvintes não falam da mesma forma, monitorada, no dia-a-dia, busca monitorar-se durante as comunicações para o público. Esse fato nos leva a inferir que o monitoramento na fala de DC seja parte de sua alta performance como locutora profissional, conferindo-lhe um estilo peculiar, agradável aos ouvintes, em um momento midiático onde a informalidade parece nortear as comunicações.

### 4.3.2 Programa 2

O programa<sup>66</sup> Super Sábado aqui analisado foi transmitido em 23/04/2022 via Rádio Gaúcha FM. A apresentação é de Paulo Rocha (PR) e DC, esta última apresentadora volante quinzenalmente. O programa tem o propósito de entretenimento, com a apresentação das principais manchetes jornalísticas do dia, intercaladas com serviços de utilidade pública (clima, trânsito, cultura etc.) e música.

Figura 16 – Site do programa Super Sábado (SS) transmitido pela Rádio Gaúcha FM<sup>67</sup>



Fonte: *SoundCloud* Rádio Gaúcha FM

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/radiouniaoofm/videos/1525525774192535>  
Acesso em: 08/04/2022

<sup>67</sup> As gravações dos programas são disponibilizadas em subdivisões de áudios por bloco da programação, em formato de *podcast* através do canal da rádio na plataforma *SoundCloud*. Disponível em: <https://soundcloud.com/radiogaucha/sets/supersabado> Acesso em 23/04/2022

A Rádio Gaúcha, que transmite o Super Sábado, é uma das mais antigas do RS, com programas que ultrapassam 50 anos de transmissão em atividade. Seu público ouvinte é majoritariamente do gênero masculino, com mais de 40 anos, de classes sociais média e alta que se interessam por esportes (futebol), política, notícias de utilidade pública como informações sobre clima, trânsito e segurança, bem como notícias nacionais e internacionais.

Conforme mencionado no Excerto 8 pela própria radialista, DC foi a primeira mulher a locutar pela Rádio Gaúcha em 2006, apresentando o *Notícia na Hora Certa* (noticiário resumido). Atualmente, a rádio conta com diversas mulheres na grade de programação, marcando o pioneirismo e relevância da atuação de DC no mercado radiofônico em um veículo conservador.

O programa que a locutora apresenta atualmente tem como proposta o que tem sido concebido como infotainment. Denise já foi apresentadora do Super Sábado no passado, ao lado de outro locutor, até sua saída da emissora em 2016, tendo familiaridade com o veículo e o público para o qual o programa é direcionado. O Super Sábado é apresentado através de locuções com “espontaneidade programada”, permeadas por risadas e interações descontraídas entre a equipe, convidados e audiência.

Foram selecionadas diferentes situações de comunicação da locutora no programa, com o objetivo de observar possíveis variações na fala de DC em sua atuação no Grupo RBS ao longo do tempo. Uma delas em sua primeira passagem pela emissora (Comercial 1 – 48H Nex) e as demais, após sua saída da Rádio União FM e retorno ao Grupo.

O programa Super Sábado tem ao todo 3 horas de duração, vai das 8 às 11 horas da manhã de sábado, dia não considerado útil pelo calendário trabalhista. A audiência em finais de semana difere nas atividades realizadas, quando alguns ouvintes permanecem trabalhando e outros desfrutam momentos de lazer ou descanso. A programação, portanto, visa o entretenimento, ainda que intercalado com momentos de informação, comerciais e avisos de utilidade pública. Paulo Rocha (PR) é o comunicador que divide a apresentação com DC na data analisada, aqui definido como Locutor 6 (L6).

No dia analisado, as comunicações selecionadas foram: a) previsão do tempo para o final de semana<sup>68</sup> (interação com locutores) e b) Walter Ostermann, o funcionário mais

---

<sup>68</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/radiogaucha/previsao-do-tempo-para-o-fim-de-semana-23042022> Acesso em: 23/04/2022

antigo do mundo<sup>69</sup> (entrevista híbrida de personalidade - social). Os diferentes tipos de situações de comunicação em um mesmo programa permitem identificar se as variações linguísticas promovidas pelos locutores se aplicam às distintas situações individualmente, conferindo um estilo linguístico de locução para cada uma delas, ou ao programa como um todo, mantendo um estilo único durante toda a transmissão.

Nos excertos analisados a seguir, observa-se que DC se permite a realização de variações vocais – entoacionais e prosódicas – que não são observadas durante suas comunicações mais monitoradas ou formais. O sorriso ao falar permeia suas comunicações com viés de “infotimento”, conferindo à sua fala uma associação semiótica do que alguns ouvintes definem como “voz aveludada” (*sic* redes sociais), numa referência tátil e visual ao estímulo sonoro transmitido por DC. Da mesma forma, os participantes das interações com L1 (DC) variam em idade, sexo, localidade e relações com a locutora, o que se presume que influencie os usos linguísticos da radialista.

Figura 17 – Áudios do programa Super Sábado de 23/04/2022



Fonte: SoundCloud Rádio Gaúcha FM

#### 4.3.2.1 Interação com colegas da rádio

A primeira parte analisada da transmissão do programa é a chamada do meteorologista Cléo Kuhn (CK), aqui registrado como Locutor 7 (L7) para trazer o prognóstico do tempo para o final de semana, o que se dá por participação híbrida: via

<sup>69</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/radiogaucha/walter-orthmann-o-funcionario-mais-antigo-do-mundo-23042022> Acesso em 23/04/2022

telefone, sendo transmitida ao vivo. Ao todo, o trecho analisado tem 4 minutos e 41 segundos de duração em tom informal, com os apresentadores fazendo brincadeiras sobre modas antigas, como vestir calça boca-de-sino e usar ombreiras.

CK é um meteorologista gaúcho que faz participações nas rádios do Grupo RBS, conhecido por sua marca vocal, com alterações entoacionais e quebras de sonoridade, e por sugerir alternativas de vestimentas adequadas ao prognóstico de clima que traz. Nesta sua participação, foi chamado após uma conversa entre os comunicadores sobre roupas modernas usadas pelos jovens de outros tempos. A interação (Excerto 32) inicia em tom de brincadeira provocativa ao colega meteorologista. Percebe-se a informalidade de DC (L1) pela monotongação (linha 02), promovida também por L6 (linhas 03, 05), risadas e comentários sobre o estilo do colega.

**Excerto 32:**

01	L6: (0:02)	é u senhor Cléu Kuhn
02	L1:	ah! istfílo:[:su com certeza usôØ @@]
03	L6:	[seu Cléu Kuhn... usôØ] usa até hoji, né?
04	L1:	[@@@@]
05	L6:	[si não atualizoØ u guarda-roØpa] né ô [Cléu Kuhn?]
06	L1:	[@@ bom dĩa] Cléu!

No trecho selecionado, L6 (PR) dirige-se a Cléo Khun (L7) como “cê” (“você” – Excerto 32, linha 12), pouco utilizado pelos gaúchos, demonstrando que, apesar da descontração, há uma fala pública em andamento, trazendo elementos linguísticos midiáticos mais alinhados às práticas de mídias de transmissão nacional. Entretanto, embora o programa seja transmitido simultaneamente via rádio *web* da emissora, destina-se ao público local do RS, razão pela qual o uso de *você* não mobiliza a fala de DC da mesma maneira.

O participante (L7) inicia sua fala colaborando com os comentários sobre roupas, músicas e hábitos “de antigamente” para fazer humor com os apresentadores. No minuto 1:08, L7 comenta com graça que seleciona músicas dos anos 70 e 80 para tirar um cochilo após o almoço no início da tarde, promovendo a interação destacada no Excerto 33.

**Excerto 33:**

01	L7: (1:08)	tu sabi qui dĩa vez im quandu eu pegu i botu as músicas ali
----	------------	---

02		eu pegu anus oitenta, <nε↓> as vez's botu setenta
03		>mas-gerawmentʃi-ε-oitenta< nε
04		i @ deitu pra pegaØ nu sonu depois da uma da tardzi, nε?
05		bah! dá ate vontadzı purque
06		as pessoas não tem ideia du quê qui era naquela epuca nε ʃfê
07		[ε qui nus anus oitenta eu ʃfinha vinʃi anus vinʃi-dois]
08	L6: (1:26)	[mas música dus anus oitenta pra durmiØ?]
09	L1:	[>pois-ε fiquei pensandu, achei qui eli<] dan↑ÇAva, nε?
10	L6:	ε, não, usa pra durmiØ,
11		mas quê qui cê tá oØvindu dus anus oitenta qui dá sonu?
12	L7:	não ε qui dá sonu (.) ε: pra baØxaØ a adrenalina
13	L7:	[ants dzi durmi] [ants dzi durmi]
14	L1:	[pra rela↑xaØ]

Ambos os apresentadores fazem uma brincadeira sobre dormir com barulho de chuva não ser relaxante para L7 devido ao fato de ser meteorologista e associar barulho de chuva a trabalho, da qual todos riem. A partir desse ponto, as interações de DC são poucas e complementares, pois o colega inicia a pauta sobre o clima do final de semana.

Em situações midiáticas de entretenimento informativo, a familiaridade que os comunicadores têm entre si pode ser transmitida ao público. Entretanto, apesar da relação entre os locutores, todos os participantes dirigem suas falas para o público, promovendo variações linguísticas usuais, como a interjeição ['ʃfê] 'tchê' (linha 06, Excerto 33), em alternância com aplicações pouco usuais aos falantes gaúchos, evidenciando uma descontração “programada” ou planejada para gerar conexão com os ouvintes, porém, sem desviar totalmente da fala mais monitorada esperada de radialistas.

#### 4.3.2.2 Entrevista híbrida de personalidade

Outra situação analisada foi a entrevista híbrida-social via telefone de L1 (DC) e L6 (PR) com o homem considerado o funcionário mais antigo do mundo. A pessoa entrevistada é de idade mais avançada do que os comunicadores, não faz parte de seu grupo de relacionamentos, reside em outro estado. Pretende-se analisar SE e COMO esses fatores influenciam nas atividades linguísticas dos locutores.

A situação comunicativa tem cunho social e de entretenimento, uma vez que traz um assunto inusitado, porém, sem qualquer objetivo de utilidade pública ou aviso aos



ouvintes. Trata-se de uma entrevista de personalidade, na qual o foco é o curioso fato de alguém ser considerado pelo livro dos records como o funcionário mais antigo do mundo ainda em atividade e sempre na mesma empresa, algo pouco comum. O entrevistado na ocasião estava com 100 anos de vida e trabalhando há 84 anos na mesma empresa no Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

O convidado possui marcas de fala de contato do português com o alemão, compartilhadas por habitantes do RS e familiares aos residentes do estado. É possível observar que DC (L1) monitora seu *pitch* e ritmo prosódico/melódico ao falar com o entrevistado, agravando-o, como costuma aplicar em falas públicas mais formais. Faz poucos comentários durante os mais de 10 minutos de entrevista, limitando-se a breves interlocuções com o colega e com o participante da entrevista, conforme destaques a seguir.

**Excerto 34:**

01	L1: (2:03)	↑qui emoção recebeØ todú essi ca↑rinhu dus colegas
02		i da comunidadzí comú um to↓du
03		nε, seu vaw↓ter? (( <i>pitch</i> grave e sorriso ao falar))

**Excerto 35:**

01	L1: (5:50)	qui ispetá:culú, nε! (( <i>pitch</i> grave))
02		mas u senhor hojí também tem muita tecnologia pur aí
03		ligada au seu trabalhu, nε?
04		u senhor LIda cum a tecnologia?

Nos Excertos 34 e 35, DC inicia sua fala com o entrevistado empregando um *pitch* mais grave, em uma forma mais tradicional associada ao conservadorismo. A iniciativa sugere que, ao trazer formas mais conservadoras, DC objetiva assim projetar sua persona, considerando a diferença geracional entre si e o convidado, estabelecendo assim uma conexão com o entrevistado (BELL, 1984). Já no excerto 36, após alguma interação com o convidado, alterna o *pitch* quando permite-se fazer uma brincadeira provocativo-bajulativa na linha 03, dada a idade avançada do interlocutor, em plena atividade laboral.

**Excerto 36:**

01	L1: (10:06)	qui legaw, parabéns seu Vawter! (( <i>pitch</i> grave))
----	-------------	---

- 02 pur essa, essa disposição, essa vitalidadzi, ne?  
 03 ((*pitch* mais agudo)) seu Vawter qui faz atividadzi física, ne?

A alternância sugere que, mesmo sem intimidade entre os falantes, em uma fala pública, após as referências adequadamente respeitadas serem estabelecidas, pode haver espaço para uma interação descontraída com o objetivo de destacar algum tópico que privilegie os participantes. Um dos recursos empregados pelo comunicador profissional, nesses casos, é o que faz DC quando alterna seu *pitch* ao variar o tópico. Ao finalizar a entrevista, retoma a conversa com o colega, alternando novamente para *pitch* mais grave e com presença de /R/ em coda para dar ênfase ao tópico relativo ao convidado. As variações de DC (L1) ocorrem conforme o Excerto 37.

**Excerto 37:**

- 01 L1: (12:00) não, ε impressionanfĩ, ne? ((*pitch* agravado))  
 02 a lucide:z, a:, a dʒis↑posição, °ne°  
 03 i nem pensa im paRARR, Paulu  
 04 parar ε uma coisa qui não passa pela cabeça deli

A alternância entre a realização de /R/ em coda ou seu apagamento nas falas midiáticas sugere que esse segmento seja um dos marcadores distintivos também na comunicação pública. Quando opta por sua aplicação, Denise mobiliza significados e interpretações por parte dos ouvintes e tem consciência disso, conforme demonstra em distintos momentos das falas analisadas neste estudo. (COUPLAND, 2007)

Foram observadas distintas manifestações linguísticas empregadas por DC ao longo do programa. Ao se dirigir ao colega locutor mais velho (L7), faz comentários que demonstram a intimidade que tem com ele, usando tom de voz menos grave intercaladamente, com risos em interações em tom de brincadeira, contrastantes com a forma como interage com o convidado de 100 anos de idade pela mesma via de contato, o telefone.

É possível identificar que a via de interlocução (telefone/híbrida) nas situações aqui descritas não se apresenta como único fator determinante do estilo de locução DC. Foram destacadas durante o programa situações de fala que demonstram que a idade do falante também não foi um fator determinante, visto que o Locutor 7 também é mais velho do que DC e a linguagem usada na interação foi a mais casual, dado o relacionamento

antigo entre os falantes. Outro fato observado é que a interação com L6, co-apresentador do programa e mais jovem do que DC, foi menos informal do que a interação com L7, evidenciando que as relações entre os falantes podem exercer papel mais relevante na alternância de estilos do que o fator idade também nas comunicações midiáticas.

#### 4.4 CHAMADAS PUBLICITÁRIAS (*TEASERS*)

As chamadas publicitárias, ou *teasers*, como são nomeadas no meio radiofônico, caracterizam-se por ser um tipo de anúncio de curta duração que não é patrocinado ou pago por nenhum cliente, mas atende a interesses de divulgação, em um gênero comunicativo situado entre a notícia de utilidade pública e um comercial publicitário.

De cunho mais informativo do que comercial, o *teaser* (‘questão, provocação’, em inglês), como o próprio nome indica, tem por objetivo provocar, alertar, deixar o ouvinte com “gostinho de quero-mais” para o que está sendo anunciado. A composição de anúncios deste gênero costuma relacionar-se a eventos culturais, sociais e de entretenimento. Nessas comunicações, o locutor geralmente é livre para compor o texto de improviso, muitas vezes sem guiar-se por uma pauta escrita, como ocorre nos vídeos selecionados.

Seria possível conceber, portanto, que o estilo de locução desse gênero de comunicação midiática empregue características peculiares e apresente considerável variação linguística, uma vez que a fala do locutor pode ser mais espontânea e criativa. Para avaliar essa hipótese, foram selecionados dois momentos de DC (L1) na mesma emissora e via de transmissão: vídeos publicados no *Facebook*. As diferenças entre os vídeos analisados são o tópico e a transmissão, se sozinha ou acompanhada. Na Chamada 1, DC divulga a programação da rádio União FM e na Chamada 2, divide o anúncio com um locutor da mesma emissora. Interessa-nos observar possíveis variáveis linguísticas nessas duas situações e o quê as motiva.

##### 4.4.1 Chamada 1

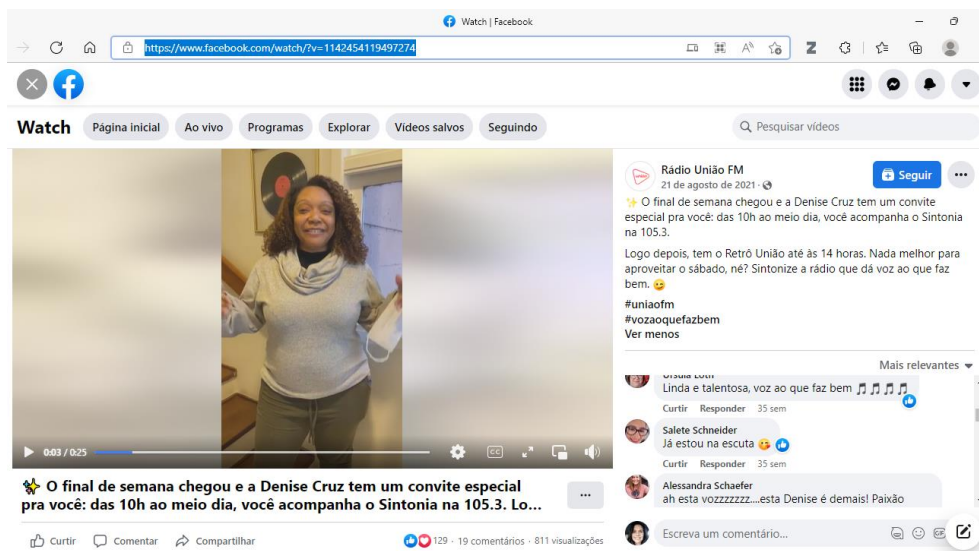
A chamada<sup>70</sup> analisada nesta seção foi transmitida em 21/08/2021 via rede social *Facebook* através da página oficial da Rádio União FM. Denise Cruz faz um chamamento

---

<sup>70</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=1142454119497274> Acesso em: 01/04/2022

para que os ouvintes acompanhem a programação de final de semana da rádio. No vídeo, Denise aparece sozinha nos corredores da emissora, em pé, trajando roupas casuais, segurando uma máscara descartável na mão (Figura 18).

Figura 18 - DC faz chamada para a programação do final de semana na rádio



Fonte: Facebook União FM

Com sorriso durante toda a fala, DC faz a chamada para o programa do final de semana. A transmissão tem 25 segundos de duração e foi transcrita na íntegra (Excerto 38).

### Excerto 38:

- 01 L1: ((sorrindo)) oi pessuaw (.) so Denisi Cruz (.)  
 02 to chegandu aqui na União FM porque daqui=a=poquinho,  
 03 al↑i nu istudziu, ((aponta para a subida da escadaria ao fundo))  
 04 começa=edzição ispeciaw du Sintonia.  
 05 sábadu=aquela=pleilistf-ispeciau=pra **você** conferir  
 06 fazendu as suas co:mpras, passia:ndu:  
 07 fazendu=ma=fividadzí=física  
 08 Infim  
 09 **você** na companhia da União FM  
 10 i na sequênciã, tem Retrô União,

11	quando a gentĩ faz essa viagem pelu tempu resgatandu, só as clássicas
12	ʃĩ=speru.

A fala é perceptivelmente monitorada e alinhada com o que se entende pelo português padrão, com /R/ em coda silábica produzido como vibrante/tepe alveolar em infinitivos (“*conferir*”, linha 05), uso de *você* (linha 09). Inicia com linguagem mais informal “*to chegando*” (linha 02) em lugar de “*estou chegando*”, emprega “*a gente*” (linha 11) em vez de “*nós*”. Embora, *na variação nós ~ a gente*, a segunda variante pudesse ser interpretada como menos formal, seu uso parece não comprometer a fala pública monitorada de DC.

DC despede-se dizendo “*te espero*” (linha 12), em um desalinhamento ao “*você*” utilizado previamente (linha 09). Poderíamos pensar que, ao empregar “*você*” em referência ao público, o desfecho mais alinhado seria “*espero você(s)*”. Entretanto, a comunicação é para o público gaúcho, DC monitora sua fala de encerramento através de uma linguagem que, em alguma medida, adequa-se aos usos locais.

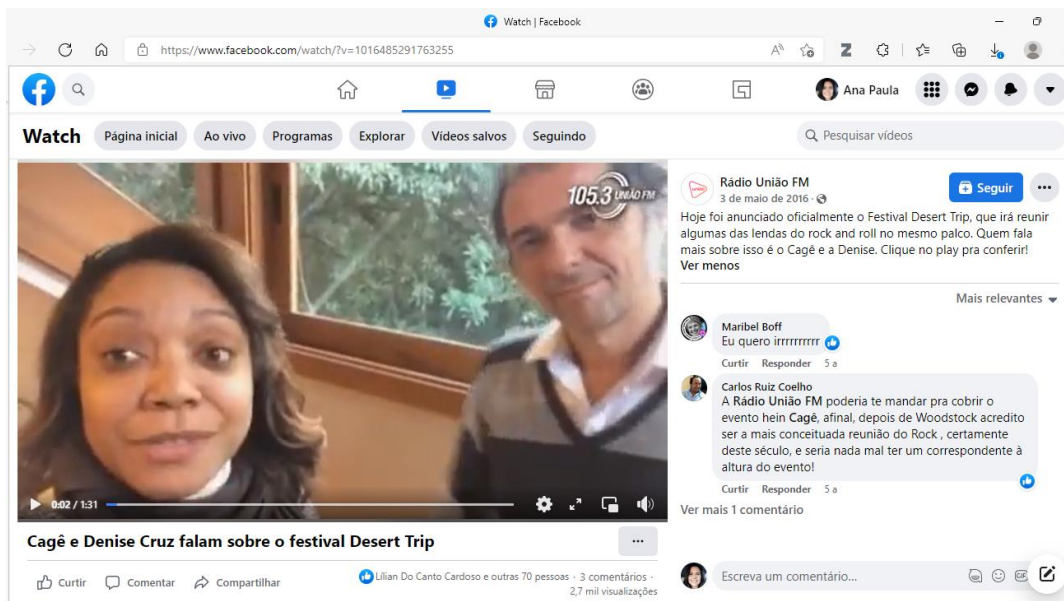
O tom de voz empregado, por tratar-se de um ambiente ruidoso, tem intensidade elevada. Denise costuma modular sua locução para um volume mais moderado, suas vogais finais apresentam-se usualmente mais fechadas, associado ao volume e ao jogo de ritmo prosódico e melódico dos quais a fala estilizada compõe-se, frequentemente permeada por um sorriso. Denise imprime, assim, sua marca à locução, conjugando o que os ouvintes definem como “voz suave” ou “aveludada” mesmo quando imprime um estilo de fala mais animado e descontraído. A situação do Excerto 38 se dá em contexto de fala pública sem um interlocutor presente na troca linguística. Em monólogo para a rede social digital, não comunica a esmo, mas sim para uma audiência que ultrapassa a barreira das ondas FM do rádio.

Assim como observado nas comunicações que faz ao vivo no rádio, DC monitora tom de voz (mais grave), com vogais mais fechadas, em contraste com sua forma espontânea identificada na Entrevista 1, quando em interlocução com outro locutor profissional. Quando em companhia de outro comunicador, L1 (DC) intercala fala mais e menos monitorada. Sutil diferença também pode ser observada na situação de transmissão ao vivo em interlocução com uma colega do sexo feminino em alternância com os ouvintes do programa.

#### 4.4.2 Chamada 2

Nesta chamada,<sup>71</sup> DC e seu colega Cagê Lisboa (CL) anunciam a confirmação do festival de música *Desert Trip*. O vídeo foi transmitido via rede social Facebook oficial da Rádio União FM em 03/05/2016.

Figura 19 - Cagê Lisboa e Denise Cruz falam sobre o festival *Desert Trip*



Fonte: Facebook União FM

DC filma a si e ao colega CL nos corredores do estúdio da rádio, fazendo divulgação do evento *Desert Trip*, que ocorreria na Califórnia. Trata-se de um festival musical com a presença de grandes bandas como *Rolling Stones*, e músicos como Paul McCartney e Bob Dylan. O vídeo tem duração de 01 minuto e 31 segundos transcritos na íntegra (Excerto 39). Nele podemos ver DC e CL conversando informalmente, com algum espaço para descontração durante os comentários, riso e brincadeiras entre os locutores.

DC (L1) inicia sua fala no Excerto 39 alternando a realização de /R/ em coda como tepe/vibrante, como verifica-se quando diz “*ou melhor, confirmado hoje*” (linha 02), “*Califórnia*” (linha 03), em português padrão. Na sequência, DC apaga /R/ em coda no verbo infinitivo “*esse super festival que vai acontecer na Califórnia em outubro*”. A fala segue em português vernacular, com o emprego de gíria: “*Eu tô aqui cum Cagê*

<sup>71</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1016485291763255> Acesso em: 01/04/2022

Lisboa cara qui é ispecialista nu rock pra fazeØ um comentário sobri issu” (linha 05-06), “showzaço” (linha 20), “(eu) topo!” (linha 48).

Cagê (L5) é um comunicador de rádio porto-alegrense, também associado às zonas centrais de POA, assim como DC (L1), e apresenta marcas de fala estereotipadas do *magrão* de Porto Alegre como o *ingliding* de vogais tônicas (BATTISTI; OLIVEIRA, 2017). A transmissão foi em maio de 2016, pouco tempo após a entrada de DC na rádio. Ela está usando cabelos alisados, mas pouco é possível observar sobre as vestimentas.

### Excerto 39:

01	L1:	olá pessuaw foi anunciadu hoji=ou melhor_((tepe))
02		<con↑fir <sup>u</sup> madu> ((vibrante)) hoji essi super ((tepe)) festivaw
03		qui vai aconteceØ ((nulo)) na Califórnia ((tepe)) im outubro
04		<i>Desert Trip</i>
05		eu to aqui <u>cum</u> Cagê Lisboa
06		cara qui é ispecialista nu <u>Rocki</u> ((velar))
07		pra fazeØ um comentáriu
08		sobri is↓su
09	L5:	pois=ε Dê, eu não mi lembriu assim dʒi=um, dʒi=um
10		<i>laināpi</i> ((line up)) tão foertʃi ne
11		cum artistas tão, tão conceituadus
12		i tão impor↑tantʃis ne nu contextu
13		quantu essi dessi festʃivaw
14		pra vocês <i>terim</i> uma ideia já foi anunciada a ordem ne dus shows
15	L1:	°issu=ai°
16	L5:	na sexta-fera a gentʃi vai te, ã:,
17		Rólin=Stonis i Bóbi dʒilan ((Rolling Stones e Bob Dylan))
18		nu sábadu Pow Macartney i Niw Yāngui ((Paul McCartney e Neil Young))
19		i nu dmingu De Ru i Roger Wóters ((The Who e Roger Waters))
20	L1:	°show[zaçu°]
21	L5:	[ou seja]
22		são, são seis=artʃistas dʒi um pesu in↑Ormi ne:v ((ingliding))
23		porque nós temus aí us representantʃis dus Bitous ne
24		u Po[w Macartney]
25	L1:	[Pow Macartney]
26	L5:	u representantʃi du Pinki Flóidʒi u Roger Wóters
27		us Rólin=Stonis, u De Ru

29		>qui tá pela metadži mas ε u De Ru<
30		i us dois maioris nomis du fowqui rocki ((folk rock)) da história,
31		Bóbi džylan i u Niw Yãngui (.) [ε:] ((impressionado))
32	L1:	[↑que=↑ma↓:is?] ((tom de brincadeira))
33	L5:	ε impressio↑nanfĩ, uma coisa BÁrbara ne
34		eu to choCAdu [cu=essi, cu=essa reunião]
35	L1:	[impowga↑džÍssimu loØcu pra iØ ] ((tom de brincadeira -sorri))
36	L5:	<b>lou</b> cu pra iØ [pena qui não vai daØ]
37	L1:	[ @ @ @ @ @ ]
38		@@ ε @ us ingressus com@@eçam a seØ vendžidus
39		džia NOVI dži MAIU
40		i quem pudeØ fazeØ a mala i parfĩØ
41		essi ε u momentu ne [CagÊ]
42	L5:	[ε, eu:]
43		eu vo isperaØ pru [pró:eximu Dê]
44	L1:	[ @ @ @ @ @ ]
45	L5:	quand=us=veinhu fĩveØ cum noventa anus assim
46		u Bóbi džilan tiveØ cum noventa=i=seis indu prus noventa=i=sefĩ
47		aí nessi eu vo eu achu (.) [vãmu?]
48	L1:	[ @ @ ] topu!
49	L5:	intão tá [fechadu]
50	L1:	[combinadu]@@ ((encerra o vídeo))

As chamadas analisadas nesta seção estabeleceram um contraste interessante na construção das personas de DC (L1), motivadas pelos temas tratados e pela presença, ou não, de um interlocutor. DC constrói uma persona mais sóbria, de voz aveludada e sorridente quando está só (Chamada 1), e uma persona mais descontraída quando interage com um especialista em música *pop* (Chamada 2), para o que mobiliza certas variantes linguísticas.

#### 4.5 COMERCIAIS

Comerciais são peças publicitárias pagas por um cliente específico. A locução de comerciais tem por objetivo despertar o interesse do consumidor para os produtos ou



serviços anunciados. Nesse tipo de comunicação midiática, o locutor atende à demanda do cliente na forma de falar, entonação, tipos de dados apresentados etc.

As exigências do cliente, portanto, moldam e direcionam o estilo da locução da forma que as mídias compreendem ter maior alinhamento com a empresa ou segmento ou público-alvo. Paradoxalmente, neste tipo de comunicação pública, o locutor tem maior liberdade para sugerir formas linguísticas e aplicar sua identidade social, muitas vezes definindo conjuntamente com o anunciante qual será o “tom” do anúncio, ao contrário do que acontece com as notícias, de locução habitualmente mais padronizada.

Para compreender como DC manifesta sua persona nesse gênero de locução, foram selecionadas para análise duas peças publicitárias veiculadas na rádio FM102.3 do Grupo RBS, emissora que é “berço” e “casa” atual da apresentadora. Foram escolhidos dois comerciais da mesma emissora em diferentes veículos e diferentes períodos, sendo um desses transmitido via Facebook em 2015 e outro via FM em 2022.

Espera-se, com esta seleção, conseguir investigar também se aspectos diacrônicos (referentes à passagem do tempo) ou diatópicos (referentes a lugares distintos) são perceptíveis nas marcas de fala empregadas por DC, uma vez que, no tempo decorrido entre a gravação de um e outro comercial, a locutora mudou para uma emissora de outra cidade e retornou a Porto Alegre. Além disso, os meios de difusão dos comerciais diferem entre si. Interessa-nos verificar se essas diferenças também exercem alguma influência na forma como DC comunica mais recentemente.

Após 6 anos atuando na Rádio União FM de Novo Hamburgo, DC foi convidada a retornar ao grupo RBS, sediado em Porto Alegre. Atualmente (i.e. na data de conclusão desta dissertação), DC apresenta diariamente um programa matinal das 8h15m às 11h. Quinzenalmente, Denise apresenta o programa Super Sábado da Rádio Gaúcha FM com o apresentador âncora<sup>72</sup> Paulo Rocha (seção 4.3).

A Rádio 102.3FM faz pouco uso das redes sociais para comunicações com o público, porém, em 2015, fez algumas transmissões comerciais com DC, dentre as quais foi selecionada a promoção “48H Nex” (Comercial 1). A faixa etária média do público da 102.3FM é acima de 30 anos, de classes sociais alta/média. Já a Rádio Gaúcha FM, tradicional veículo da emissora, com mais de 50 anos desde sua criação, costuma ser um dos “carros-chefes” da emissora, concentrando os locutores e programas de maior

---

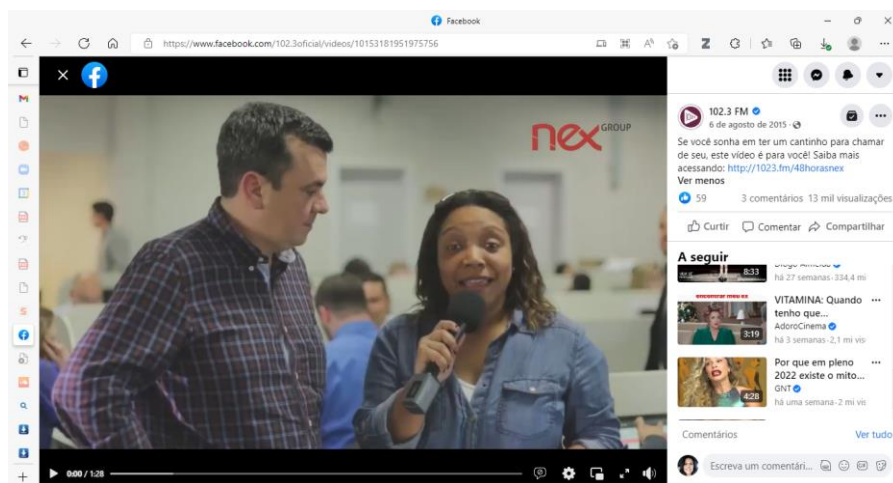
<sup>72</sup> Âncoras são os apresentadores fixos de uma programação midiática que eventualmente recebem apresentadores convidados para dividir o cerimonial.

audiência entre o público com mais de 40 anos. O Comercial 2 foi veiculado nas rádios Gaúcha e 102.3FM e, como veremos, adequa-se ao público-alvo.

#### 4.5.1 Comercial 1

O Comercial 1, chamado de “48HNex Group”<sup>73</sup>, foi veiculado na rede social Facebook oficial da Rádio Itapema FM (atual 102.3FM) em 06/08/2015. DC está com Vinícius Batista (VB), diretor comercial da Nex Group, anunciando o evento promocional de venda de imóveis “48 Horas Nex”. A empresa do ramo imobiliário anunciava seus empreendimentos na antiga rádio Itapema FM, atual 102.3FM do Grupo RBS, caracterizando a natureza da comunicação como um anúncio e não um *teaser*, uma vez que há uma relação comercial estabelecida entre as empresas anunciadora e anunciante.

Figura 20 - DC anuncia o evento 48H Nex Group



Fonte: Facebook 102.3FM

Durante o anúncio do evento, intercalando as falas, são transmitidas imagens editadas dos bastidores da preparação dos corretores de imóveis para a ocasião. O objetivo da comunicação é de mobilizar possíveis compradores para o evento extraordinário promovido pela imobiliária Ducatti, parceira da construtora na comercialização dos apartamentos e sede do evento anunciado. No vídeo (Figura 20), DC (L1) está ao lado de VB (L6) no local do evento. Ao fundo da imagem, corretores imobiliários estão nos

<sup>73</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/102.3oficial/videos/10153181951975756> Acesso em: 08/04/2022

postos de trabalho em atuação profissional. DC sorri durante suas falas, enquanto ouve as respostas estrategicamente direcionadas pelo *lead*<sup>74</sup> comercial.

DC (L1) conduz o anúncio com ares de entrevista (Excerto 40), em tom formal com simpatia, empregando o português padrão com uso de “*você*” e presença de /R/ em coda em verbos no infinitivo. Entretanto, ao chamar o público diz, por exemplo: “*é só chegaØ, quaw indereçu?*” (linha 34).

**Excerto 40:**

- 01 L1: Itapema FM mais uma vez sai du istúdzju  
 02 i vem **conferir** dži pertjĩnhu  
 03 essa super promoção du Nex Grup  
 04 *as quarent=e=oitu horas Nex*  
 05 eu to aqui au ladu **com** Vinicius Bařĩsta  
 06 <qui=ε u džiiretor comerciaw Nex>  
 07 i qui vai **explicar** pra genřĩ Vinicius  
 08 comu ε qui ε essa promoção?  
 09 L8: essa promoção realmentjĩ ε uma promoção imperdživew  
 10 qui vai aconteceØ nus džias oitu i novi dži agostu  
 11 das nóvi da manhã até as dez horas da noiřĩ  
 12 us clientes interessadus im adžiquirir um imóvew  
 13 tantu pra residência ou comu pra investjĩmentu  
 14 vão **incontraØ** aqui na loja da Ducařĩ  
 15 todas as ofertas, todus us empreendžimentus da Nex Grup  
 16 L1: quantus impreendžimentus tem a oferta?  
 17 L8: mais dži dez  
 18 L1: i multus profissionais trabalhandu aqui?  
 19 L8: são mais=o=menus uns miw corretoris=  
 20 isperand=us clientjĩs pra fechaØ negóciu  
 21 L1: i dá pra=**adiantaØ** awguma promoção pra genřĩ?  
 22 L8: a: vão teØ džiiscontus especiais  
 23 u clientjĩ vai podeØ trocaØ também através du Nex řĩngi ((Nexchange)  
 24 fazeØ a troca du seu imóvew  
 25 temus financiamentu garantjĩdu,

<sup>74</sup> Em jornalismo, emprega-se o termo *lead* para o roteiro editorial/textual que serve como guia para a produção, visando contemplar informações-chave sobre o assunto a ser tratado: quem, o quê, como, quando, onde e por quê?

26		as melhoris taxas, us melhoris bancus
27		impreendzimentus prontus pra morar infim,
28		só coisa boa tudu reunidu num só lugar
29		im apenas dois dzias
30	L1:	dzias oitu i novi dzi agostu intão a partir dzi qui horário?
31	L8:	a partir das nóvi horas da manhã
32	L1:	ate-?,
33	L8:	até as dez da noiñi
34	L1:	ε só <b>cheg↑aØ</b> , quaw indereçu Vinicius?
35	L8:	a: u indereçu é Antônio Carlus Berta
36		in frenñi au Shopin Iguatemi
37		au ladu da Jardzini
38	L1:	isperamus <b>você</b> ((encerra o vídeo))

A iniciativa comercial da construtora volta-se a adultos jovens com certo poder aquisitivo, conforme a descrição do vídeo e o meio de difusão exclusivamente digital via *Facebook*. Assim, o fechamento do Excerto 40 (linha 38) identifica mais uma vez o uso de “você” ao direcionar a fala para o público, em um processo de *targeting* (COUPLAND, 2007: 112). As falas de DC são limitadas e direcionadas a esse público-alvo, conformando-se também ao roteiro da divulgação, o que tem efeito sobre seu estilo de persona. Da mesma forma, L8 (VB), diretor-comercial da Nex Group, interage com DC simulando fala-em-interação, mesmo em situação de entrevista, o que provavelmente relaciona-se a um dos objetivos do anúncio: mostrar disponibilidade para conversar com um certo estrato do público – profissional, culto, relativamente jovem, com algum poder aquisitivo.

A realização variável de /R/ em coda não compromete a locução profissional de DC. Segundo Coupland (2007: 121), “há sempre um cache de identidades potenciais que são desativadas ou tornadas irrelevantes por *frames* discursivos”<sup>75</sup>. Na situação transcrita no Excerto 40, as variantes servem para estilizar a fala considerando-se o público: adulto jovem porto-alegrense com maior poder de compra, ou de classe social mais elevada.

Embora não sejam observados *inglidings* ou uso de “TU” como recursos sociolinguísticos, a realização variável de /R/ em coda, observada na fala espontânea de

<sup>75</sup> No original: “*there is always a cache of potential identities that are deactivated or made non-relevant by discursive frames.*”

DC, é aqui mobilizada para promover ora uma persona mais jovial, mas de classe social mais alta, ora uma persona sóbria, profissional competente.

O aparente descomprometimento com a formalidade, aqui, corresponde a um recurso sociolinguístico estratégico, que remete ao perfil dos possíveis compradores dos imóveis anunciados. Em se tratando de um anúncio, é, portanto, deliberado, não podendo ser considerado como um “vazamento”, apesar de ser um recurso observado na Entrevista 1 concedida por DC ao seu colega e amigo. Também não pode ser considerado como um enquadramento interpessoal (*interpersonal framing*), como ocorre na Entrevista 1, uma vez que DC não adiciona ao discurso qualquer referência linguística que demonstre intimidade com o anunciante além da relação comercial com a rádio.

Vemos, portanto, que recursos linguísticos que possam inicialmente causar estranhamento ou desalinhamento à norma padrão em falas públicas, quando em situações comerciais, servem a objetivos de conexão com o que quer que se identifique como característica da comunidade para a qual se destina a peça publicitária, não constituindo uma falha do comunicador, mas sim resultado da estilização de identidade. Parece-nos que DC projeta uma persona ‘informal elegante’. Já na seção 4.5.2, veremos que DC projeta uma persona diferente no Comercial 2.

#### 4.5.2 Comercial 2

Analisa-se nesta seção o anúncio “Casa da Montanha e Intercity”<sup>76</sup>, transmitido via rádio 102.3 FM do Grupo RBS Rádios de Porto Alegre, veiculado e registrado por DC em 21/04/2022. A captação foi realizada através da *WEBradio* 102.3 FM na seção “Ouça Ao Vivo”, onde as transmissões da rádio FM são difundidas simultaneamente via *internet*.

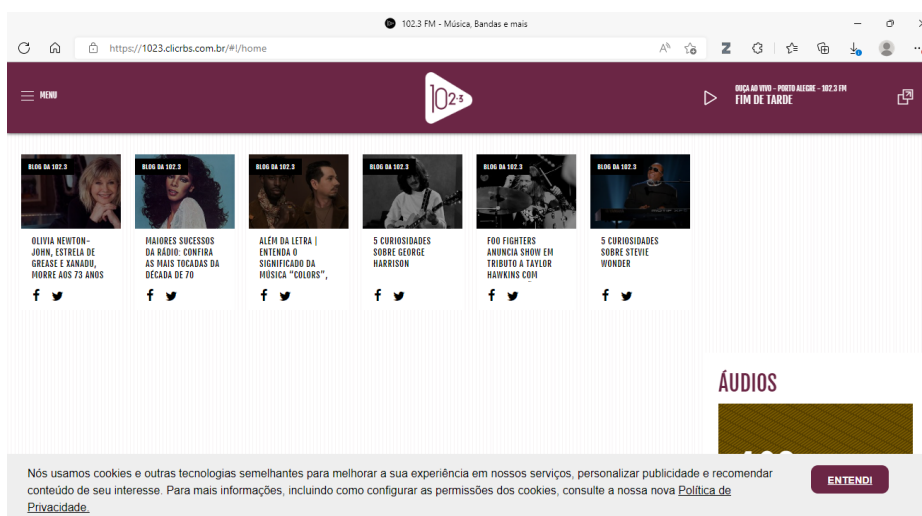
Cabe ressaltar que, em anúncios comerciais, embora os locutores tenham liberdade para produzir o texto ou sugerir/inserir alterações, nem sempre isso acontece. Da mesma forma, nesse gênero de locução, frequentemente o cliente envia junto ao texto comercial um roteiro sobre como gostaria que fosse o “tom” da locução (humorístico, noticioso, descontraído *etc.*). Também se destaca o fato de que os anúncios midiáticos em veículos de maior abrangência, situados em capitais ou grandes cidades – como é o caso do Grupo RBS, de Porto Alegre – têm um custo alto para o anunciante. Tais pacotes

---

<sup>76</sup> Disponível em: <https://1023.clicrbs.com.br/#!/home> Acesso em: 21/04/2022

variam seus preços de acordo com o tempo de exibição do anúncio, rádio(s) veiculada(s), locutor selecionado, número de inserções (apresentações) por dia ao longo da programação e tempo de duração da campanha publicitária (uma semana, duas, um mês ou mais). O comercial analisado (Excerto 41) tem 0:30 segundos de duração, chamado de *spot* comercial, formato de anúncio rápido entre 30 segundos e 1 minuto, que contém trilha musical e locução.

Figura 21 - Página principal do site oficial da rádio 102.3FM



Fonte: 102.3 ClicRBS

Casa da Montanha é um grupo hoteleiro de alto padrão, voltado para públicos classe alta e média-alta. A cidade de Gramado fica na região serrana do RS, local de intensa movimentação turística sazonal, com empreendimentos comerciais que vão desde as mais simples origens italianas e alemãs até as mais sofisticadas lojas e empreendimentos. Gramado tem se tornado uma cidade bastante atrativa para turistas do país inteiro.

Na região, empreendimentos imobiliários de luxo ou alto padrão vem sendo construídos recentemente. A Rua Coberta é um ponto turístico central que abriga eventos internacionais como o Festival de Cinema de Gramado, premiação anual de produções audiovisuais que recebe artistas e equipes cinematográficas, indicando o prestígio associado ao local e o motivo do destaque no anúncio.

**Excerto 41:**

01 L1: Venha viver u seu novu tempu in Gramadu

02 Casa da Montanha i *Intercity* recebem **você** nu *On Taim* ' (*On Time*)  
 03 u primeiru “*hom clāb*” **di** awtu padrão du Brasiw ((home club))  
 04 um impreend**di**mentu qui uni natureza i conveniência  
 05 em um bosqui a **pou**cus metrus da Rua Coberta (.)  
 06 seja donu **di** um tempu inteligentfi i flexívew  
 07 ondi você paga apenas pelu qui usar  
 08 accessi *on=taim* pontu com pontu bê érr*i* i saiba mais

DC apresenta um tom de voz mais grave, intercalando pronúncias em inglês do nome do empreendimento “*on taim*” (*on time*) e sua definição “*hom clāb*” (*home club*), porém nomeia o grupo empreiteiro como *Intercity* (linha 02), empregando palatalização. O sorriso usual na fala de DC não é perceptível nesta locução, impregnando o comercial de seriedade, embora esteja anunciando imóveis voltados ao lazer.

DC emprega “você” e “seu” em lugar de “tu” e “teu” (linhas 01, 02), como direcionamento, alinhado ao falar de outros estados brasileiros mais centrais para as mídias, como São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), sem *ingliding*. Observa-se no Excerto 41 a realização de /R/ em coda silábica como tepe/vibrante nos verbos no infinitivo, elevação de vogais finais /e, o/ para [i, u] (“**impreend**dimentu” – linha 04), palatalização de /t, d/ diante de [i] (“**di**” – linha 03 / “*inteligent***fi**” – linha 06), manutenção de ditongos (“**prime**iru” – linha 03, “**pou**cos” – linha 05) na fala e semivocalização de /L/ final (“flexívew” – linha 06), alinhando-se ao português padrão, conforme destaques em negrito no Excerto 41.

Para que se compreenda o contexto de fala do Excerto 41, é necessário esclarecer como foi produzido o anúncio. Os comerciais veiculados pelo Grupo RBS no rádio, quando protagonizados por seus comunicadores, são gravados em estúdio da emissora, na presença de um operador de áudio (técnico de som) que capta o áudio da fala do locutor através do microfone e posteriormente edita o material, inserindo trilha sonora e removendo eventuais ruídos ambientais que possam “sujar” o áudio. Uma vez finalizado, o material é salvo em formato final de áudio e, após a aprovação final do anunciante, é distribuído via sistema interno para as rádios onde será veiculado em suas respectivas grades de programação. Ou seja, no momento da gravação, o locutor está sozinho em uma sala acusticamente tratada, também chamada de “aquário”, a qual tem uma janela de vidros fixos que faz divisa com a sala onde fica o técnico de som, enquanto o locutor

guia-se apenas pelo texto escrito enviado pelo cliente e pelas eventuais comunicações do técnico.

A comunicação entre um locutor e seu técnico de som pode ocorrer de forma visual através de sinais previamente conhecidos de início e final de gravação ou via mesa de som, que comunica diretamente no fone de ouvido do locutor. Também podem ser necessárias sinalizações diversas para que o locutor promova ajustes na fala que melhorem a captação do áudio como, afastar ou aproximar o microfone, virar mais a cabeça *etc.* A trilha não interfere na fala do comunicador, uma vez que é inserida posteriormente para aprovação do contratante, não raro, oferecendo mais de uma versão de trilha sonora para escolha do anunciante.

Destarte, a situação de fala do Comercial 2 diferencia-se totalmente daquela encontrada no Comercial 1. No Excerto 41, DC não tem um interlocutor que compõe o áudio consigo como no Comercial 1, no qual entrevista o responsável pelo produto anunciado. Há, sim, um interlocutor oculto que orienta sua locução para o que é mais desejável em termos técnicos e acústicos. Entretanto, L1 não conversa com esse técnico, mas sim, inicialmente, para aprovação do anunciante e, posteriormente, para aprovação do público ouvinte, faz escolhas linguísticas para promover o serviço/produto anunciado a possíveis interessados.

Temos, nessa situação de comunicação, um evento de fala peculiar, diferente daqueles analisados anteriormente. No Comercial 2, o monitoramento da fala é total, tanto por parte do locutor, quanto das pessoas responsáveis pela produção da peça publicitária. DC monitora sua fala em diferentes níveis: apoia-se em um texto escrito fornecido pelo anunciante. Ou seja, produz uma fala em situação de leitura em voz alta, acompanhada ou não de orientações quanto ao “tom” da propaganda. Há o monitoramento do profissional que faz a gravação, interferindo diretamente na produção de fala de L1, que tem objetivos meramente técnicos e acústicos. Há o monitoramento do anunciante que, ao ouvir o áudio finalizado, o aprova para divulgação ou devolve para regravação, com orientações sobre os itens a ajustar. Finalmente, há o público-alvo, os possíveis compradores, e um monitoramento que busca alinhamento com esse público, ou com essa “imagem de audiência”.

Segundo Coupland (2007: 100),

o que todos esses *designs*, falados ou escritos, compartilham é o '*designer*' ter um grau de consciência das consequências de suas próprias operações linguísticas/estilísticas e atender criativamente à forma de um produto linguístico. De fato, esta é a arena clássica da estilística. Nesses casos, é



bastante adequado falar de escolhas motivadas entre formas linguísticas alternativas ou outras formas semióticas, mesmo que as pessoas possam não estar plenamente conscientes das alternativas ou serem capazes de racionalizar explicitamente as escolhas que fazem.<sup>77</sup>

Essa afirmação nos leva a observar que a opção por um ou outro estilo linguístico no rádio é efeito de demandas concorrentes. Elas exercem influência sobre qual estilo o locutor apresentará em determinada situação de comunicação. Quando alterna estilos, o comunicador o faz com algum nível de consciência e atendendo a certos propósitos.

Coupland (2007: 92) observa, sobre o desafio nas análises sociolinguísticas de estilo, que “o problema de avaliar leituras ideológicas de estilo é onde, precisamente, traçar a linha entre coação e liberdade”<sup>78</sup>. Na gravação do Comercial 2, DC tem alguma liberdade para construir seu estilo de fala, visto que, em comerciais, contratam-se locutores pelo seu estilo usual de comunicação. Há, portanto, algum grau de autonomia para quem fala, mas é preciso reconhecer que a locutora está coagida a empregar sua comunicação sob determinadas regras técnicas, mercadológicas e sociais.

A peça publicitária analisada, portanto, foi aprovada pelo anunciante e ajustada pelo técnico. Quaisquer que tenham sido as “coações” linguísticas sobre L1, foram satisfatoriamente supridas pela comunicadora. Na conclusão desta análise, o Comercial 2 estava há mais de 6 meses sendo veiculado diariamente pelas rádios do Grupo. Considerando que o cliente, ao contratar a veiculação de seu anúncio, tem a possibilidade de solicitar regravação do *spot* durante a vigência do contrato, mas não o fez, infere-se que os objetivos comerciais foram satisfatoriamente atingidos, evidenciando que o estilo de *persona* que a locutora apresentou produziu material linguístico com significados alinhados ao anunciante e ao público.

Essa última situação de comunicação analisada demonstra que, mesmo quando o interlocutor não está presente, nem virtualmente (via telefone ou *internet*), é possível que o locutor gere seu estilo linguístico de forma que uma conexão seja estabelecida com o ouvinte. O locutor emprega seus “recursos sociolinguísticos” (COUPLAND, 2007: 103) que “(...) não são apenas formas ou variedades linguísticas em si, aliadas à competência

---

<sup>77</sup> No original: “*What all these designs, spoken or written, share is the ‘designer’ having a degree of awareness of the consequences of his or her own linguistic/stylistic operations and attending creatively to the form of a linguistic product. Indeed, this is the classical arena for stylistics. In these cases it is quite apt to talk of motivated choices between alternative linguistic or other semiotic forms, even though people may not be fully conscious of alternatives or able to explicitly rationalise the choices they make.*”

<sup>78</sup> No original: “*...the problem in assessing ideological readings of style is where, precisely, to draw the line between constraint and freedom.*”

em usá-los. São formas ou variedades imbuídas de potencial de significado social.”<sup>79</sup> Portanto, ainda que exista uma mídia entre locutor e interlocutor (ou audiência), o elo capaz de estabelecer uma relação de reciprocidade não reside no aporte técnico da transmissão ou nas variações em si, mas nos significados compartilhados socialmente onde quer que essa comunicação circule.

#### 4.6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Coupland (2007: 76) considera que, ao analisar estilos com base apenas em modelos quantitativos, talvez não seja possível compreender toda a dimensão de eventos que ocorrem simultaneamente em uma interação linguística. De acordo com sua afirmação,

“mapear uma dimensão linear de “intensidade de significado social” precisamente em matrizes numéricas é extremamente contra-intuitivo. Este procedimento evita uma teoria da indexicalidade sociolinguística que (...) prioriza a contextualização local de variantes únicas no discurso.”<sup>80</sup>

Seguindo esse direcionamento do autor, efetuamos aqui uma análise que considerasse significados sociais através de uma abordagem qualitativo-interpretativa, de modo a contribuir com os estudos sociolinguísticos de terceira onda.

Os dados foram analisados qualitativamente, destacando-se a situação de comunicação, o interlocutor, o público e a via de transmissão como fatores de influência para alternâncias estilísticas. A análise permitiu observar que o rádio é um terreno fértil para variações estilísticas (diafásicas), uma vez que as distintas situações que o veículo rádio (incluindo o atual rádio multimídia) se propõe a oferecer demandam que haja investimento linguístico por parte do locutor para atingir e conquistar audiência. Nos excertos destacados nas transcrições, foi possível identificar que DC mobiliza e projeta diferentes personas através de variações vocais (de voz), fonéticas e lexicais a depender da situação de comunicação, conforme discutiremos nesta seção, em que se retomam e discutem os resultados alcançados na análise.

---

<sup>79</sup> No original: “sociolinguistic resources are not just linguistic forms or varieties themselves, allied to competence in using them. They are forms or varieties imbued with potential for social meaning.”

<sup>80</sup> No original: “But to map a linear dimension of ‘social meaning intensity’ precisely onto numerical arrays is extremely counter-intuitive. This procedure side-steps a theory of sociolinguistic indexicality which [...] gives priority to the local contextualisation of single variants in discourse.”

Ao participar de uma entrevista como convidada/entrevistada, destacamos inicialmente a figura do entrevistador, que pode influenciar os dados gerados. Na Entrevista 1, o entrevistador (RG) é alguém com quem a entrevistada (DC) mantém laços profissionais e pessoais. A relação hierárquica é equilibrada entre os participantes. Na ocasião, RG era diretor-geral das Rádios União FM (Novo Hamburgo e Pelotas), foi ele quem convidou DC para ingressar na emissora, contratando-a como apresentadora e diretora de rádio da empresa. Isso evidencia o respeito às qualidades profissionais de DC, inevitavelmente associadas às suas características linguísticas. Os principais contrastes evidenciados entre os participantes são a diferença de sexo (masculino/feminino) e etnia (branco/negra), uma vez que as classes social e profissional são equivalentes, assim como a idade, a escolaridade e região de origem. As interações acontecem em um estúdio onde ambos trabalham, promovendo, assim, um ambiente conhecido e relativamente seguro para ambos, favorecendo a utilização de linguagem menos monitorada.

Outro ponto a ser destacado na Entrevista 1 é o gênero radiofônico apresentado. A situação é de entrevista de personalidade com o objetivo de abordar temas inesperados/inusitados com o entrevistado. DC é convidada a falar de sua vida pessoal, embora o entrevistador também aborde temas profissionais. É também por essas variações temáticas que o estilo linguístico de DC se alterna durante a entrevista, evidenciando a forma como a locutora constrói diferentes personas e quais identidades sociais constrói. Ao abordar assuntos mais pessoais, DC se permite apresentar sua persona mais espontânea, informal, momentos em que mostra sua identidade mais jovial, oriunda da região central urbana de Porto Alegre.

O *ingliding*, a variação entoacional (prosódica/melódica), o *pitch* menos grave, o uso de ‘TU’, a supressão de /R/ em coda em verbos no infinitivo, a monotongação e a frequente utilização do marcador discursivo “né” identificados nesse contexto são os componentes linguísticos e paralinguísticos de indexação da persona jovial/urbana/porto-alegrense de DC quando em fala informal ou menos monitorada. Esses traços aparecem também na Entrevista 2, porém de maneira distinta. Não são observados em outras situações em que DC é a apresentadora. Ao mencionar temas profissionais, DC usa /R/ vibrante em coda, *pitch* grave com produção de *vocal fry* e alterna /d/ não palatalizado diante de vogais médias, projetando um estilo de persona mais alinhado à linguagem tradicional do rádio nacional.

Em situação de entrevista no papel de entrevistadora (Entrevista 2), quando em transmissão ao vivo, DC se posiciona de maneira mais monitorada, construindo uma

persona de estilo mais formal, com poucas variações entoacionais, sem as marcas fonéticas e lexicais de indexação porto-alegrense supramencionadas. Nesse contexto, DC é co-apresentadora/entrevistadora de um convidado de outra região (Rio de Janeiro). Seu colega e amigo BX compartilha com DC características como profissão, faixa etária, classe social, região de origem e etnia, diferindo substancialmente apenas no sexo/gênero (masculino/feminino). BX é um comunicador que evidencia profissionalmente marcas de fala identitárias da região sul do Brasil, como uso do marcador discursivo “tchê” quando entrevistador, característica não observada na fala de DC na mesma posição.

Quando é a entrevistadora, DC emprega monitoramento a ponto de quase suprimir por completo sua persona porto-alegrense. Nesse contexto, seu estilo linguístico se alterna, produzindo fala sem *ingliding* e com raros marcadores discursivos “né”. Apresenta *pitch* mais grave, com raras alternâncias entoacionais, o que favorece a emissão do *vocal fry* identificado. Entretanto, usa o sorriso como fator estilístico para compor sua fala profissional. Também faz uso de “VOCÊ” como forma de tratamento, pouco utilizado pelos porto-alegrenses. Assim, DC projeta um estilo de persona carismática, com sorriso ao falar, que se percebe como uma linguagem mais conservadora e sóbria, porém afetiva e crível aos ouvintes. Essa projeção fica evidente quando observamos a interação de DC com o entrevistado “fora do ar”<sup>81</sup>. Com os microfones desligados, DC não é formal nem monitorada, imediatamente retoma sua forma identitária espontânea, voltando a projetar a persona porto-alegrense jovial, alternando para o modo mais formal (*targeting*) assim que é informada que a transmissão segue por vídeo ao vivo via *internet*. A persona mais sóbria, porém, simpática de DC, se dá através de fala mais monitorada/formal alinhada ao português padrão, também observada em outras situações.

Os Comunicados 1 e 2 apresentam situações semelhantes, nos quais foram observadas similares variações estilísticas na fala de DC. O Comunicado 1 apresenta novamente uma interação com RG, porém, em um contexto distinto. A comunicação foi transmitida apenas via *internet* através da rede social da rádio. Embora seja destinada ao público que, majoritariamente, acompanha a rádio via FM ou *web* na região de abrangência, considera-se que também possa alcançar públicos translocais. Esse fator produz uma linguagem intermediária por parte de DC, observada somente nos momentos de comunicação via *internet*. Nessa via de comunicação, DC mescla componentes

---

<sup>81</sup> Na linguagem do rádio, “no ar” é o momento em que os locutores fazem a transmissão ao vivo via microfones, “fora do ar” são os momentos em que os microfones estão desligados, transmitindo propagandas, blocos musicais ou programação gravada previamente.

informais com a formalidade alinhada ao português padrão. A situação expressamente informal, conforme declara RG, traz um tema extremamente delicado e sério, uma pandemia mundial e as condutas a serem adotadas, uma situação extrema de utilidade pública sem precedentes na história recente.

Há uma conduta padronizada (CÉSAR, 2013) para comunicadores midiáticos em comunicados de utilidade pública ou interesse público, tragédias e notas fúnebres: não sorrir ao falar, pois, o sorriso nesses casos pode gerar na audiência atitudes associadas a desrespeito com vidas humanas. Contudo, o ineditismo do evento criou um contexto comunicativo também sem precedentes nesta geração, no qual os meios digitais integram públicos situados em diferentes regiões do mundo, de diferentes identidades e linguagens. A forma adotada por DC, nesse caso, combina elementos formais e informais, através de “vazamentos” oportunos.

O estilo linguístico observado durante o Comunicado 1 projeta persona formal e de credibilidade ao não sorrir durante a fala, com *pitch* grave e sem alternância entoacional. A informalidade conferida à linguagem fica por conta do uso variável do marcador discursivo “né” durante a comunicação, sem com isso comprometer o estilo construído. O marcador, nesse contexto, confere, simultaneamente, certa informalidade e alinhamento ao público, ao passo que, também reforça informações com o co-apresentador, promovendo as trocas de turno de fala entre os participantes. A breve alternância para estilo mais informal ocorre ao final do vídeo, quando DC conclui com uma fala otimista sem uso de /R/ em coda e com sorriso nos lábios.

Não há uma padronização linguística ou estilística para as conclusões de notas trágicas, ficando a critério do locutor o tom (*keying*) que será apresentado. DC usa nessa situação sua marca estilística de carisma, o sorriso, associado a uma fala otimista, com o objetivo de promover positividade, consolo e esperança nos ouvintes, apesar dos fatos extremos, potenciais geradores de tristeza e desalento.

No Comunicado 2, DC mais uma vez divide a cena com BX, porém em um contexto de nota fúnebre, diferente do contexto observado na Entrevista 2 com o mesmo locutor. A veiculação deste comunicado foi exclusivamente via *internet*, assim como no Comunicado 1, presumindo-se o direcionamento (*targeting*) para o mesmo público. O estilo de persona projetada por DC é o mesmo observado no Comunicado 1. Infere-se através dos dados que, em situações trágicas ou de extrema seriedade, para que a audiência receba a comunicação como tal, é necessário que o locutor se empenhe em manter a sobriedade, traço projetado pela ausência de sorriso e de animação na fala.

Seria esperado que, em comunicados de eventos dessa natureza, o sorriso fosse algo inadequado ao contexto. Entretanto, no Brasil, quando a nota fúnebre é sobre uma figura que costumava promover alegria no público, o sorriso ao relembrar fatos ou características é tomado pela audiência como uma forma de reverenciar seu legado, tal qual observado no Comunicado 2. DC sorri, fazendo gestos faciais e corporais durante a fala do colega para homenagear e destacar características do cantor cuja morte é anunciada, e não como um desrespeito. Nessa mesma linha, termina o comunicado com uma mensagem lúdica e esperançosa, rindo com BX, sem anular o tom principal de participação no luto. Os dados sugerem que DC indexa deliberadamente estilo de persona otimista e a projeta tanto em situações rotineiras quanto naquelas extraordinárias, em diferentes gêneros radiofônicos como de entretenimento, entrevista, comercial, *teaser* e de comunicados trágicos, sempre de forma respeitosa, sem “gracinhas”, mas sim, com bom humor.

Na Chamada (*teaser*) 1, DC esteve acompanhada por outro radialista do sexo masculino. CL, seu colega, evidenciou marcas de fala características do “magrão” de Porto Alegre, com alternâncias entoacionais e *ingliding*. Embora tenha em CL um interlocutor cuja fala alinha-se à sua própria linguagem informal/não monitorada, DC não usa essa linguagem durante toda a chamada. O objetivo da chamada é promover um evento cultural musical (festival) que seria realizado nos Estados Unidos. Nessa situação, DC limita-se à introdução do tópico e a breves trocas de turnos com CL, em linguagem mais alinhada ao português padrão, com sutis alternâncias de entonação combinadas com sua marca característica, o sorriso ao falar, a projeção do bom humor. Na apresentação, o /R/ vibrante empregado tem o propósito de reafirmar a informação (*loading*), dando destaque ao assunto que será abordado. A monotongação confere o tom vernacular/casual à fala. A interação final em tom de brincadeira reforça aos ouvintes o ineditismo do evento e a vontade de desfrutar do festival anunciado, com o objetivo de despertar o mesmo sentimento nos ouvintes, possíveis participantes. DC explora suas marcas linguísticas informais com propósito definido, projetando uma persona jovial e bem-humorada/descolada, sem, contudo, empregar marcas identitárias porto-alegrenses.

A Chamada (*teaser*) 2 proporcionou uma situação diferente das demais analisadas. No vídeo, DC está sozinha, em monólogo para a câmera, em uma chamada transmitida via *internet*. O objetivo do vídeo é promover audiência para a programação de final de semana da rádio via FM e/ou rádio *web*. Quando em uma situação comunicativa cultural sem interlocutor evidente, DC orienta sua fala para o português padrão, mais formal, com

*pitch* grave, mas novamente com sorriso ao falar. Destaca-se que, nessa situação, a combinação do sorriso com a fala mais monitorada, em contexto de promoção, confere a DC um estilo de persona jovial, mais associado à informalidade, embora a análise da fala tenha demonstrado que as escolhas linguísticas, isoladamente, caracterizam fala monitorada, formal, quando associadas a um tópico do cotidiano como a programação cultural de final de semana promovem a percepção de informalidade. Consideramos que esses usos de linguagem de DC sejam sua principal marca estilística, empregada na construção de sua persona comunicadora pública.

O Programa 1 foi apresentado por DC e JR. JR foi a única comunicadora do sexo feminino com a qual DC interagiu nos registros públicos disponíveis e aqui analisados. JR é mais jovem e apresenta marcas de fala mais monitoradas, semelhantes às aquelas evidenciadas por DC. Os principais fatores em comum entre as comunicadoras são sociais, educacionais, profissionais, regionais e de sexo (feminino). JR e DC diferem em faixa etária e etnia. Na interação das colegas, fica evidente o tom mais animado e informal na comunicação de DC. Consideramos que o fator sexo/gênero feminino, neste caso, destaca-se como mobilizador dos eventos linguísticos observados, suscitando em DC o uso de formas (linguísticas ou não) não observadas quando em interação com colegas homens, como onomatopeias e interjeições. Entretanto, necessitaríamos de mais dados para afirmações definitivas sobre os fatores considerados, pois o vídeo foi produzido de surpresa pelo colega e diretor-geral da rádio, RG, podendo ter gerado atitudes linguísticas também extraordinárias em DC. O gênero do programa é similar ao Programa 2, nos quais DC projeta persona sóbria carismática, carisma esse que lhe é natural, identitário e que parece mais evidente ao longo de sua trajetória profissional.

As situações retomadas até este ponto foram produzidas durante a atuação de DC na Rádio União FM, entre os anos de 2016 e 2021. A principal mudança observada na comunicação da locutora relaciona-se, principalmente, à sua comunicação visual/semiótica, identificada através dos vídeos. No Brasil, a Rede Globo de Comunicação é uma emissora de notoriedade nacional, composta por diversas emissoras afiliadas, dentre as quais o Grupo RBS no qual DC atuou entre 1996 e 2016, quando ingressou na Rádio União FM da região metropolitana de Porto Alegre. Na análise dos vídeos, destacaram-se as mudanças visualmente apresentadas por DC, como os cabelos ondulados em 2015 no Comercial 1 para o Grupo RBS, lisos ao ingressar na Rádio União (Chamada 2 e Entrevista 2) e naturalmente crespos ao longo de sua estada (Comunicados 1 e 2, Chamada 1 e Programa 1). Infere-se que a mudança experimentada pelo rádio na

transição para o rádio multimídia, ao promover mais aparições em vídeo, possa ter exercido influência sobre a locutora de modo a promover uma comunicação visual mais alinhada à sua identidade, conferindo autenticidade que possa ser percebida como tal por quem acompanha seu trabalho.

As situações analisadas a partir deste ponto foram geradas durante as estadas de DC nas rádios do Grupo RBS. No Programa 2, analisamos DC após seu retorno ao Grupo RBS, em 2022. A comunicação ocorreu em uma das rádios do Grupo RBS no qual DC é apresentadora atualmente, em um programa que mescla cultura, utilidade pública, notícias, entretenimento e entrevistas. O co-apresentador, PR, é âncora do programa, DC faz participações quinzenais. A Rádio Gaúcha, que transmite o programa analisado, é o veículo no qual DC fez história como a primeira mulher a apresentar um tradicional noticiário que compõe a grade de programação da rádio. A linguagem do histórico noticiário é plenamente formal, já a linguagem do programa analisado neste estudo é mais informal, dada a diferença entre os contextos. No programa analisado, DC performou o estilo formal associado com suas marcas de sorriso ao falar, construindo através de suas variações linguísticas e paralinguísticas sua persona como locutora, e que definimos neste estudo como ‘formalidade carismática’, identificada em distintas comunicações públicas.

Os Comerciais 1 e 2 foram produzidos e veiculados pelo Grupo RBS. O Comercial 1 foi produzido em 2015 para publicação via *internet* em vídeo, em uma rara aparição de DC através da página da rádio 102.3FM. Ao contrário da rádio Gaúcha, que disponibiliza o conteúdo transmitido ao vivo em diversas plataformas digitais disponíveis, a rádio 102.3FM ainda explora pouco suas possibilidades de compartilhamento de conteúdo na *internet*. O gênero radiofônico performado configura-se como comercial, pela natureza da comunicação, composta por dados da empresa contratante, divulgação de data, hora e local do evento anunciado, com objetivo de gerar negociações de imóveis, assim como no Comercial 2.

O interlocutor de DC no vídeo é representante da empresa anunciante. O comercial possui uma característica interessante: é pautado por perguntas e respostas como em uma entrevista, porém as perguntas têm o objetivo de fornecer informações que mobilizem vendas, como em um *spot* comercial usual. A linguagem utilizada na interação é característica da fala monitorada, mas DC procura construir um contexto de informalidade em cenário e via de transmissão não habituais a ela, assim como a fala pública midiática não faz parte da atuação habitual do interlocutor. DC sorri, mas fala com tom sóbrio e objetivo, sem marcas identitárias porto-alegrenses. A fala não busca



entreter nem orientar/informar, visa promover um evento comercial imobiliário e, para isso, DC mobiliza sua persona ‘formal carismática’, combinando marcas fonéticas do português padrão ao sorriso.

Embora veiculado pela mesma rádio 102.3 FM, o Comercial 2 não foi divulgado via internet ou vídeo, apenas em áudio em formato de *spot* comercial tradicional via FM. Em contraste com a persona “formal carismática” projetada no Comercial 1, no Comercial 2, também para o setor de imóveis de alto padrão, DC não evidencia o sorriso ao falar. O estilo de persona que se identificou é ‘formal’, com uso de “você” alinhado ao português padrão, não relacionado à persona informal porto-alegrense.

Quando em transmissão via *internet*, que é uma via moderna de compartilhamento de conteúdos associada ao rádio tradicional via AM e FM, DC mobiliza através de sua linguagem o estilo de persona ‘formal carismática’, observado também em transmissões via rádio em contextos de entretenimento. A persona ‘jovial/informal/porto-alegrense’ não fez parte do repertório estilístico que DC utilizou em suas comunicações profissionais. Esse estilo ficou evidente apenas nas situações de fala onde DC não estava atuando profissionalmente, como nos bastidores da transmissão da Entrevista 2 e na condição de entrevistada na Entrevista 1. Os estilos descritos estão dispostos conforme Quadro 3 abaixo.

Quadro 3 – Personas estilizadas em cada situação de comunicação

<b>PERSONA</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
Jovial porto-alegrense ou Informal	<i>Ingliding</i> , sorriso, monotongação, “TU”, “NÉ”, /r/ nulo em coda em infinitivos, entonação ↑↓, <i>pitch</i> menos grave, português de POA	Entrevistada, fala espontânea
Informal elegante ou Formal carismática	Sem <i>ingliding</i> , sorriso, “VOCÊ”, /r/ vibrante em coda, <i>pitch</i> mais grave, português padrão, <i>vocal fry</i>	Comercial, entrevistadora, <i>teasers</i> , programa ao vivo
Formal	Sem <i>ingliding</i> , sem sorriso, “VOCÊ”, /r/ vibrante em coda, <i>pitch</i> grave, português padrão, <i>vocal fry</i>	Comunicado, comercial

Fonte: a autora

## 5 CONCLUSÃO

Ao concluir o trabalho, retomamos a hipótese e os objetivos específicos do estudo, para avaliar o que se conseguiu alcançar.

A análise qualitativo-interpretativa realizada confirma a hipótese de que existe variação estilística na locução profissional da comunicadora investigada, Denise Cruz. Variáveis como a realização de /R/ em coda silábica, por exemplo, são mobilizadas pela comunicadora para construir um estilo de *persona* sóbrio em certas situações de comunicação. Já o apagamento de /R/ nessa posição, para projetar uma *persona* mais descontraída, também quando a situação de comunicação requer ou permite.

Os três objetivos específicos do estudo foram alcançados. Sobre o primeiro deles, *identificar as variáveis linguísticas e paralinguísticas empregadas no rádio pela locutora*, verificou-se que apresentou alternância de /R/ em coda silábica em verbos no infinitivo, emprego variável de “*tu*” e “*você*”, alternância de palatalização de /d/, aplicação frequente do marcador discursivo “*né*”, *ingliding* e as variáveis paralinguísticas *vocal fry*, alternância de *pitch* e de entonação.

Quanto ao segundo objetivo específico, *esclarecer o papel das variáveis na projeção de identidades ou estilização da fala pública na locução radiofônica*, constatou-se que a locutora mobiliza estilo de *persona* ‘informal elegante’ quando alinha sua fala ao português padrão com sorriso, alternando /R/ em coda, promovendo monotongação, evidenciando *pitch* grave, *vocal fry* e empregando “*você*”, “*tu*” e “*né*” sem *ingliding*, de forma parcialmente monitorada. O estilo de *persona* ‘formal’ é projetado pela locutora quando fala sem sorriso, usa *pitch* grave, *vocal fry* e “*você*” como forma de tratamento, mas sem monotongação e sem *ingliding*, com monitoramento total. Estilo de *persona* ‘formal carismática’ apresenta as mesmas características da *persona* ‘formal’ combinadas ao sorriso como marca distintiva e monitoramento total. Já a *persona* ‘informal porto-alegrense’ é sua marca identitária mais espontânea, projetada através da presença de *ingliding* na fala, uso de “*tu*”, “*né*”, alternância de *pitch* grave e agudo, variação de entonação e presença de monotongação, alternando sorriso, de forma não monitorada ou pouco monitorada.

Em relação ao terceiro objetivo específico, *relacionar as identidades (ou estilos de fala pública) da locutora a situações de comunicação, na locução de diferentes conteúdos (humorístico, noticioso, entretenimento, utilidade pública etc.)*, o estudo mostrou que os estilos ‘informal elegante’ e ‘formal carismático’ são evidenciados em

situações de comercial com interlocutor, *teasers* e comunicados veiculados em vídeo pela *internet* e quando é a apresentadora ou entrevistadora de programas de entretenimento via rádio/*webradio*. O estilo ‘formal’ é projetado em situações noticiosas ou de utilidade pública, de temática profissional, sendo também observado em comercial, via rádio/*webradio*. Em situações de fala em interação como entrevistada ou nos bastidores quando DC é a entrevistadora, momentos de menor monitoramento observados nesta pesquisa, o estilo de persona que emerge é identitário, jovial, ‘informal porto-alegrense’.

Em linhas gerais, os dados evidenciaram que em situações de fala pública, a locutora analisada orienta sua linguagem ao que se concebe como português padrão, permitindo concluir que o estilo de *persona* é variável em DC, condicionado à situação de comunicação, ao interlocutor e à forma de veiculação - digital na internet, em áudio ou vídeo, ou analógico, através das ondas de rádio.

A pesquisa tomou como base os dados disponíveis publicamente. Não se realizou uma entrevista diretamente com a locutora analisada, tampouco pesquisa de atitudes linguísticas por parte dos ouvintes sobre a linguagem de DC. Esses fatos limitam concluir se as personas identificadas na análise eram construídas conscientemente pela locutora em cada situação de comunicação ou se eventuais objetivos comunicativos foram percebidos como tal pela audiência.

A opção por uma análise qualitativa sem a realização de entrevistas com DC se deu pela limitação de interações sociais imposta durante a pandemia, que atingiu o Brasil em 2020 e persistiu em 2021, ano em que a autora desta dissertação iniciou o Mestrado e definiu seu projeto de pesquisa. Outra limitação deste estudo é que, por se tratar de uma análise qualitativo-interpretativa, não é possível afirmar frequências e pesos relativos de aplicação/não aplicação de determinada variável e suas variantes quantitativamente na fala de DC, inviabilizando conclusões dessa ordem.

Em relação aos questionamentos que justificaram a realização deste estudo – *As iniciativas linguísticas e estilísticas aplicadas no rádio estariam sendo abrangentes e promovendo espaços para a diversidade linguística, pela presença de variedades e seus traços na programação? Deveriam as escolas de radialistas seguir demandando suavização de sotaques aos seus locutores e por quê?* – a análise efetuada nesta dissertação permite responder que as iniciativas estilísticas aplicadas ao rádio após a convergência de meios de transmissão, em alguma medida, estão flexibilizando os usos linguísticos identitários também via AM e FM, e não só na *internet* em plataformas de vídeo, áudio ou redes sociais. Embora exista legislação que estimule esses usos

linguísticos acessíveis no rádio, portanto, alinhados aos ouvintes, é possível concluir que as exigências impostas aos locutores profissionais provêm mais de práticas culturais repassadas como tradição oral, do que pelo embasamento em estudos dedicados a estabelecer relações de efetividade dos diferentes usos linguísticos no rádio. O rádio, através da experimentação linguística empírica, joga com o senso comum, fator que criou um estilo tradicional ao longo dos anos de práticas, e que parece ter gerado certo consenso para si e para quem dele usufrui. As iniciativas estilísticas do rádio criam enquanto são criadas. Diante de tais fatos, o que se percebe é que a demanda por suavizações de sotaques, ou supressão de marcas identitárias, atualmente, não atende a nenhuma norma explícita, mas reflete a demanda presente no imaginário coletivo de uma sociedade ou comunidade, projetando quaisquer que sejam seus significados sociais e culturais sobre como deve ser a língua ('digna' de ser mostrada) da/na prática radiofônica.

O presente estudo produziu dados que contribuem com estudos sociolinguísticos variacionistas de terceira onda, ao analisar variação linguística em práticas estilísticas, na construção de personas na comunicação de rádio. Da mesma forma, contribuiu para a fonoaudiologia e o ensino das práticas radiofônicas de locução em cursos técnicos demonstrando que há, como deve haver, lugar para variação linguística no fazer do rádio, e que a identidade do locutor sempre deve ser levada em conta, não para suprimir suas marcas, mas para que contribuam com a comunicação social. As lacunas eventualmente identificadas como limitadoras deste trabalho de análise geram interessantes objetos de pesquisa a serem explorados em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV. **Rádiodifusão Licenças e Outorgas**. Disponível em:

<https://www.abert.org.br/web/images/tecnica/tabelas/Radiofusao-Licensas-Outorgas/4.5.jpg> Acesso em 15/10/2021.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

BAKHTIN, Mikhail. **Speech Genres and Other Late Essays** (Trad. Vern W. McGee; Ed. Caryl Emerson e Michael Holquist). Austin: University of Texas Press. 1986.

BARBOSA, Ana Paula Marques. O(des)alinhamento do rádio gaúcho com o português padrão. **Caderno de Resumos V IEL - Instituto de Estudos Linguísticos: Linguagem e Fronteiras**, UFFS, UFRJ, p. 49. Chapecó, 3 a 5 de novembro de 2021. Disponível em: <https://ielppgel.wixsite.com/website/anais>. Acesso em: 28/04/2022.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BATTISTI, Elisa. O acervo de entrevistas sociolinguísticas LínguaPOA: constituição, possibilidades e desafios. **Comunicação oral proferida no I Fórum Internacional de Sociolinguística**, UFRJ, 26 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. O que é a norma-padrão? In: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento (orgs.). **O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana**. São Paulo: Parábola, 2022. p. 87-92.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, Ana Paula Marques. O português de contato no rádio: estudo de caso de um locutor do Sul do Brasil. **Revista de Letras Norte@mentos**. Dossiê temático: Línguas Minoritárias no Brasil, Sinop, v. 14, n. 37, p. 121-142, out. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7751> Acesso em 18/10/2022

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Samuel Gomes de. Alongamento e *ingliding* de vogais em sílabas tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). **(Con) textos linguísticos**, v. 8, n. 11 (2014), p. 39-56, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/111683/000953197.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 18/10/2022

BEHLAU, M. **A voz do especialista**. v. 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

BELL, Allan. Radio: The style of news language. **Journal of communication**, v. 32, n. 1, p. 150-164, 1982. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1982.tb00486.x> Acesso em 18/10/2022

\_\_\_\_\_. **The language of news media**. Oxford: Blackwell, 1991.

\_\_\_\_\_. Back in style: Reworking audience design. *In*: Penelope Eckert and John R. Rickford (eds.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge and New York: Cambridge University Press, pp. 139–69, 2001.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. EdIPUCRS, 2005 [1996].

\_\_\_\_\_; BATTISTI, Elisa. **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

\_\_\_\_\_; MENON, Odete Pereira da Silva; TASCA, Maria. VARSUL, um banco de dados. *In*: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs.). **Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma abordagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p.50-58.

BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

BUTLER, Judith. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. New York/London: Routledge, 1997.

CABELLO, Ana Rose Gomes. Construção do texto radiofônico: o estilo oral-auditivo. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 145-152, 1995.

CABREIRA, Silvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Porto Alegre: PUC (Dissertação de Mestrado), 1996.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. **Caderno de formação: formação de professores didática geral – Prograd/UNESP**. Cultura Acadêmica, São Paulo, v. 11, p. 34-49, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod\\_resource/content/1/01d17t03.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf) Acesso em 18/10/2022

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**: v. 2: cartas linguísticas I. Londrina: EDuEL, 2014b.

CASA CIVIL - Governo Federal. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9612.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9612.htm) Acesso em: 12/10/2021.

CASTRO, João Cabreira Brant Monteiro de. **A História do Rádio no Brasil**. ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Tv. Brasília: Novembro de 2014. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil> Acesso em: 06/07/2022.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

COUPLAND, Nikolas. “Hark, hark the lark”: Social motivations for phonological style-shifting. **Language and Communication**, v. 5, n. 3, p. 153-171, Great Britain: Pergamon Press, 1985. doi:10.1016/0271-5309(85)90007-2 Acesso em 18/10/2022

\_\_\_\_\_. **Dialect in use: Sociolinguistic variation in Cardiff English**. Cardiff: University of Wales Press, 1988.

\_\_\_\_\_. Dialect stylization in radio talk. **Language in society**, v. 30, n. 3, p. 345-375, Cambridge: Cambridge University Press, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0047404501003013> Acesso em 18/10/2022

\_\_\_\_\_. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DACOREGIO, Cintia de Souza. **As práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro como tentativa de homogeneizar o uso da língua**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4994> Acesso em: 18/09/2022.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

\_\_\_\_\_; RICKFORD, John R. (eds.). **Style and sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. The meaning of style. In: CHIANG, Wai Fong; CHUN, Elaine; MAHALINGAPPA, Laura; MEHUS, Siri (eds.). **Proceedings of the eleventh annual symposium about language and society (Austin), Texas linguistic forum**, n. 47, p. 41-53, 2004.

\_\_\_\_\_. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics** 12, 4: 453–476. Malden/Oxford: 2008.

\_\_\_\_\_. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, n. 1, p. 87-100, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 259-275.

FAUS BELAU, Ángel. **La Rádio: introducción a un medio desconocido**. Madrid: Guadiana, 1973.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Rádio no Rio Grande do Sul: anos 20, 30 e 40: dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

\_\_\_\_\_. Da segmentação à convergência, apontamentos a respeito do papel do comunicador de rádio. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 59-84, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4705/4406> Acesso em 18/10/2022.

\_\_\_\_\_. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: [De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil | Ferraretto | Revista Brasileira de História da Mídia \(ufpi.br\)](#) Acesso em 18/10/2022

GAÚCHA FM, Rádio. **Programa Super Sábado 23/04/2022 – Previsão do tempo para o final de semana**. Disponível em: <https://soundcloud.com/radiogaucha/previsao-do-tempo-para-o-fim-de-semana-23042022> Acesso em: 23/04/2022

\_\_\_\_\_. **Programa Super Sábado 23/04/2022 - O funcionário mais antigo do mundo**. Disponível em: <https://soundcloud.com/radiogaucha/walter-orthmann-o-funcionario-mais-antigo-do-mundo-23042022> Acesso em 23/04/2022

GIDDENS, Anthony. Living in a post-traditional society. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (eds.). **Reflexive modernization: Politics, tradition and aesthetics in the modern social order**. Stanford University Press, 1994. Cambridge: Polity Press, 1996. p. 56-109.

HENLEY, Nancy M.; KRAMARAE, Cheri. Gender, power, and miscommunication. **Annual meeting of the National Women's Studies Association**, Minneapolis, Minnesota: Jun 1988. Sage Publications, Inc, 1991.

HOLLIEN, Harry; MICHEL, John F. Vocal fry as a phonational register. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 11, n. 3, p. 600-604, 1968. Disponível em: doi:10.1044/jshr.1103.600 10.1044/jshr.1103.600 Acesso em: 10/07/2022.

HORA, Dermeval da; WETZELS, Leo. Variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 10, n. 3, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1089>. Acesso em: 18 out. 2022.



IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Uso de Internet, televisão e celular no Brasil**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> Acesso em: 15/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Cidades e estados – Porto Alegre**. Disponível em <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/porto-alegre.html> Acesso em 29/04/2022.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Diversidade Linguística - No Brasil, são faladas mais de 250 línguas**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl> Acesso em: 15/10/2021.

JEFFERSON, Gail. Transcript notation. *In*: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John (eds.). **Structures of social action: studies in conversation analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 9-16.

KANITZ, Andréia; BATTISTI, Elisa. Variação sociolinguística na fala-em-interação: análise quantitativa e qualitativa do uso variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português brasileiro de bilíngues português-alemão. **Letrônica**, v. 6, n. 1, p. 3-25, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/13388/10089> Acesso em 18/10/2022

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside Radio 2021**. São Paulo: Kantar Ibope Media, 2021. Disponível em: [https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2021/09/INSIDE-RADIO-2021\\_Kantar-IBOPE-Media.pdf](https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2021/09/INSIDE-RADIO-2021_Kantar-IBOPE-Media.pdf) Acesso em 03/10/2021.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba Ed. UFRGS/ Ed. UFSC / Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2

KYRILLOS, Leny; FEIJÓ, Deborah. **Fonoaudiologia e telejornalismo**. Relatos do IV encontro nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 04/08/2022.

MARTÍN-SANTANA, Josefa D. *et al.* Effectiveness of radio spokesperson's gender, vocal pitch and accent and the use of music in radio advertising. **BRQ Business Research Quarterly**, v. 18, n. 3, p. 143-160, 2015.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. **XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html> Acesso em: 20/10/2021.

MIRANDA, Luma da Silva. **Análise da entoação do português do Brasil segundo o modelo IPO**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NUNES, Emiliane Gil. Os marcadores conversacionais na constituição do texto falado. **Verbum**. Cadernos de Pós-graduação PUC, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 120-125, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/30162/22042> Acesso em: 18/10/2022

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume, 1993.

OLIVEIRA, Gisele *et al.* A comparison of the use of glottal fry in the spontaneous speech of young and middle-aged American women. **Journal of Voice**, v. 30, n. 6, p. 684-687, 2016. Disponível em: [https://www.jvoice.org/article/S0892-1997\(15\)00193-9/fulltext](https://www.jvoice.org/article/S0892-1997(15)00193-9/fulltext) Acesso em: 10/07/2022

OLIVEIRA, Samuel Gomes de. Ingliding as stylistic practice in Porto Alegre (RS). **Revista Diadorim**, v. 23, n. 1, p. 85-113. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/39643/24154> Acesso em: 06/07/2022.

\_\_\_\_\_; ROCKENBACH, Livia Majolo; GUTIERRES, Athany. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. **Organon**, v. 37, n. 73, p. 268-291, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962/85298> Acesso em: 06/07/2022

ONG, Walter J. **Orality and literacy**. Abingdon: Routledge, 2013.

OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da conversa: o estudo da fala-em-interação. In: OSTERMANN, Ana Cristina; MENEGHEL, Stela Nazareth. **Humanização. Gênero. Poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde**. Rio de Janeiro/São Paulo: Fiocruz e Mercado de Letras, 2012. p.33-43.

PEREIRA, Fabio Henrique. A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 139-149, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Pereira-8/publication/329133175\\_A\\_entrevista\\_no\\_jornalismo\\_brasileiro\\_uma\\_revisao\\_de\\_estudos/links/5cc6f3204585156cd7ba74f2/A-entrevista-no-jornalismo-brasileiro-uma-revisao-de-estudos.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Pereira-8/publication/329133175_A_entrevista_no_jornalismo_brasileiro_uma_revisao_de_estudos/links/5cc6f3204585156cd7ba74f2/A-entrevista-no-jornalismo-brasileiro-uma-revisao-de-estudos.pdf) Acesso em 18/10/2022

PRETI, Dino. **O Discurso Oral Culto**, v. 3, São Paulo: Humanitas Publicações, 1997.

\_\_\_\_\_. A propósito do conceito de discurso oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 21-34.

PÜTZ, Martin. Sprachrepertoire/Linguistic repertoire. In: AMMON, Ulrich;

DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter. (eds.). **Sociolinguistics** – v. 1. Berlim/Nova York: De Gruyter, 1996. p. 226-232.

ROCKENBACH, Livia Majolo; BATTISTI, Elisa. Produção e percepção do apagamento variável de/R/em coda silábica no português de Porto Alegre (RS). **Cadernos de linguística**. v. 2, n. 4 (ago. 2021), e426, p. 1-27, 2021. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/230941/001132294.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 18/10/2022

SCHNACK, Cristiane; PISONI, Thaís D.; OSTERMANN, Ana Cristina. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. **Entrelinhas**, v. 2, n. 2, p. 1-7, 2005.

SENA, Geane Cássia Alves. Os gêneros textuais veiculados no rádio: linguagem, construção e classificação. **Lecturas Educación Física y Deportes**, EFDeportes.com, Revista Digital. n. 198, Noviembre de 2014. Disponível em:  
<https://efdeportes.com/efd198/os-generos-textuais-veiculados-no-radio.htm> Acesso em: 18/10/2022

SILVEIRA, Luciana Morales da. **Monotongação em uso no português do sul do Brasil**. 2019. 146 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em:  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202456/001107818.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 18/10/2022

SOTO SANFIEL, María Teresa. Efecto del tono de voz y de la percepción del rostro en la formación de impresiones sobre los hablantes mediáticos. **Comun. soc**, n. 10, p. 129-161, dic. 2008. Disponível em:  
[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-252X2008000200006&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2008000200006&lng=es&nrm=iso) Acesso em 18/10/2022.

TEIXEIRA, Thomaz Torres. **Variação linguística entre nós e a gente na função de sujeito e o gradiente de estilos contextuais em entrevistas sociolinguísticas de Porto Alegre (RS)**. 2021. 62 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/235401/001137308.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 18/10/2022

UNIÃO FM, Rádio. **Lado B - Rodrigo Giacomet entrevista Denise Cruz**. Facebook, 05/12/2017. Disponível em: [https://soundcloud.com/uniao\\_fm/lado-b-do-dia-051217-com-denise-cruz?utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/uniao_fm/lado-b-do-dia-051217-com-denise-cruz?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing) Acesso em: 01/04/2022.

\_\_\_\_\_. **O final de semana chegou e a Denise Cruz tem um convite especial pra você**. Facebook, 21/08/2021. Disponível em  
<https://www.facebook.com/watch/?v=1142454119497274> Acesso em 01/04/2022.

\_\_\_\_\_. **Denise Cruz e Beto Xavier comentam morte do cantor George Michael.** Facebook, 26/12/2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1212685155476600> Acesso em: 01/04/2022.

\_\_\_\_\_. **União FM na prevenção do coronavírus.** Facebook, 17/03/2020. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=217489222664948> Acesso em 01/04/2022.

\_\_\_\_\_. **Confira ao vivo Denise Cruz e Jeania Romani no CHECK IN da União FM.** Facebook, 17/03/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/radiouniaofm/videos/1525525774192535>. Acesso em 08/04/2022.

\_\_\_\_\_. **Denise Cruz e Beto Xavier Entrevistam Thiago Lacerda - União FM.** Facebook, 17/03/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/radiouniaofm/videos/1046659815412469> Acesso em: 01/04/2022.

\_\_\_\_\_. **Desert Trip por Denise Cruz e Cagê Lisboa - União FM.** Facebook, 17/03/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1016485291763255> Acesso em: 01/04/2022.

URBANO, Hudinilson. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto.** São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997, p. 115-140.

\_\_\_\_\_. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (ed.). **Gramática do português falado: Novos Estudos**, v.7, Campinas: Humanitas - FFLCH/USP, 1999, p. 194-258.

VELHO, Ana Paula Machado. A linguagem do rádio multimídia. **Revista GHREBH**, n. 5, 2009. Disponível em: [https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%205/12\\_velho.pdf](https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%205/12_velho.pdf). Acesso em: 03/10/2021.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; MARVIN I. HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; SILVA, Karine Quadros da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Organon**. v.14, n. 28/29, p. 195-219, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/173402/000332404.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 18/10/2022